

# Literatura

revista do escritor brasileiro

**Aíla Sampaio • Antonia Torreão Herrera (José Inácio Vieira de Melo) • Antonio Miranda (Konstantinos Kaváfis) • Ary Albuquerque • Astrid Cabral (Nilto Maciel) • Batista de Lima (Francisco Carvalho) • Caio Porfírio Carneiro • Carmélia Aragão • Clauder Arcanjo • Cunha de Leiradella (Cherlanyo Barros) • Diego Tardivo • Enéas Athanázio • Francisco Miguel de Moura (Ascendino Leite) • Glauco Mattoso • Henrique Marques Samyn • Herculano Moraes • Hiiris Lassorian • Inês Hoffmann • Izacyl Guimarães Ferreira • Jair Humberto Rosa • Jorge Pieiro • Liana Aragão • Luiz Otávio Oliani • Manoel Hygino • Nelson de Oliveira • Nelson Hoffmann • Nirton Venâncio • Pedro Salgueiro • Rinaldo de Fernandes • Rodolfo Alonso • Soares Feitosa (José Alcides Pinto) • Wilson Gorj**

**LITERATURA**  
Revista do Escritor Brasileiro

**LITERATURA N.º 34**

Ano XVII, fevereiro de 2008

Iniciada em janeiro de 1992, em Brasília

ISSN 1518-5109

**Editor:**

Nilto Maciel

**Capa:**

Liana Aragão

**Editoração eletrônica e Impressão:**

RDS Gráfica e Editora Ltda.

**Nota:** *Literatura* tem o compromisso de publicar apenas aquelas colaborações que foram encomendadas, o que não exclui o exame e avaliação de outros originais recebidos. Os conceitos emitidos em matéria assinada não representam, necessariamente, a opinião da Revista. Não se devolvem originais.

**Correspondência para Nilto Maciel:**

Rua Haroldo Torres, 1111 – apto. 101 – Monte

Castelo – Fortaleza – Ceará – CEP 60.357-100

E-mail: niltomaciel@uol.com.br

## ÍNDICE

Antonio Miranda - Os poemas secretos de Kaváfis.....	05
Antonio Miranda - Monastir; Eu, Konstantinos Kaváfis de Alexandria (I e X) e Fotomontagens (poemas).....	07
Liana Aragão - Lisa (conto).....	12
Henrique Marques Samyn - Literatura e desvario.....	15
Enéas Athanázio - O vagonete (conto).....	16
Nelson de Oliveira - O triunfo do sagrado.....	20
Hiirís Lessorian - Confissão (conto).....	23
Carmélia Aragão - Nilto Maciel: Próximo da carne.....	25
Caio Porfírio Carneiro - A procura (conto).....	27
Cunha de Leiradella - Dulcinéia em Hollywood.....	29
Henrique Marques Samyn - Dois pierrôs (conto).....	30
Batista de Lima - A pastoral poética de Francisco Carvalho.....	32
Nirton Venâncio - Unidade (poema).....	38
Afla Sampaio - "Carnavalha": Surrealismo e carnavalização.....	39
Rinaldo de Fernandes - O farol; Carpinteira (contos).....	42
Francisco Miguel de Moura - Quem tem medo de Ascendino Leite?.....	44
Pedro Salgueiro - Prisioneiros (conto).....	46
Soares Feitosa - José Alcides Pinto, de coração pendido.....	48
Diego Tardivo - Soneto aos velhos amores de um cego.....	54
Francisco Carvalho - <i>Carnavalha</i> : Novo Romance de Nilto Maciel.....	55
Jorge Pieiro - Buraco negro; Cogito, sum (contos).....	58
Enéas Athanázio - A ação de Farquhar em Santa Catarina.....	60
Batista de Lima - O velho (conto).....	64
Afla Sampaio - <i>A Leste da Morte</i> : veredas diversas e apurado trabalho de linguagem.....	66
Nelson Hoffmann - Rancor; Epitáfio (poemas).....	70
Herculano Moraes - Antologia: Poemas escolhidos pelo autor.....	71
Jair Humberto Rosa - A mulher invisível (conto).....	75
Antonia Torreão Herrera - A poética de José Inácio Vieira de Melo.....	77
Clauder Arcanjo - Herança; Nada de defesa (poemas).....	84
Astrid Cabral - Carnavalha, algumas impressões.....	86
Wilson Gorj - Pista; Calhambaque; Fígaro; Lançado; Em busca do amor perdido; Jesus na terra dos hipócritas (micronarrativas).....	89
Manoel Hygino - O mistério no oceano.....	91
Inês Hoffmann - Brincar de viver; Resignatio (poemas).....	93

Luiz Otávio Oliani - Resgate; Território;	
Herança; Partilha; Labuta (poemas).....	94
Izacyl Guimarães Ferreira - Órbitas.....	96
Glauco Mattoso - O quichute do quíchua (conto).....	99
Caio Porfírio Carneiro - Estrias da alma.....	104
Francisco Miguel de Moura - Rio da vida; Velhas praias;	
Contra a teoria (poemas).....	106
Henrique Marques Samyn - Os Corvos de Alumínio de	
Francisco Carvalho.....	109
Ary Albuquerque - A dama de preto (conto).....	112
Rodolfo Alonso - Sombras frias; Contra a morte;	
O jovem freixo diz.....	116

ANTONIO MIRANDA

## OS POEMAS SECRETOS DE KAVÁFIS

A propósito de  
Kaváfis, Konstantinos P.  
*Kpymmena - Segredos*. Tradução:  
M. Sulis, M. Jolkelsky,  
A. Nicolacópulos.  
Florianópolis: Plaquetas Nephelibatás,  
2006. 36 p

*"Havia uma barreira que  
transformava  
minhas ações e  
meu modo de vida."  
Konstantinos P. Kaváfis*

Konstantinos P. Kaváfis (1863-1933) viveu fora de seu tempo, em um tempo futuro. Clandestinamente. No início do século –, viveu duas vidas paralelas, uma velada e outra para os outros. Mas ele antecipava tempos de liberdade, sem hipocrisia:

*"No futuro – uma sociedade mais  
perfeita –  
algum outro talhado como eu  
decerto aparecerá e livremente fará."*

Kaváfis nasceu em Alexandria, no Egito, numa comunidade grega. Vivia

por antecipação o livre gozo de sua excepcionalidade, situação que deve ter permanecido imutável – se não piorou – desde o início do século passado, por causa dos preconceitos e valores religiosos contrastantes com sua helenidade, em que não separava o material do espiritual, como partes de uma mesma vivência.

*"Criamos um prazer  
de uma impressão quase que  
material."*

*Tal hedonismo feria os costumes de  
sua época ou, melhor explicando, de  
seu lugar e situação.*

*"era preciso que teu corpo estivesse  
próximo."*

*"mais verdadeiro e palpável"*

Dionísíaco, arremata: *"meu corpo e mente emocionam-se"*. No Egito ocupado pelos ingleses, teve o alívio da tolerância formal, enviesada do moralismo vitoriano, estrangeiro em sua própria terra. Vida escondida,

expressa em versos pungentes: *"Fui aos quartos ocultos / e toquei e deitei em seus leitos."*

Tais versos de despistamentos não fazem parte de sua obra dita "canônica". Kaváfis deixou poemas inéditos por vontade própria que só recentemente vêm sendo levados a público. No conjunto estão poemas renegados e outros ditos "velados" ou esquecidos, recuperados entre seus pertences ou em casa de amigos. É desse lote que os tradutores M. Sulis, M. Jolkesky e A. Nicolacópulos se serviram para montar a plaqueta "Kpymmena - Segredos", em edição bilíngüe de uma editora de Desterro, na ilha de Santa Catarina, digna de reconhecimento por sua revelação e exclusividade. Até aqui apenas circulavam os versos "autorizados" do poeta em versões inglesas, francesas, espanholas e as brasileiras, entre estas as que nos deixou o poeta José Paulo Paes, para nossa felicidade. Uma dúzia de poemas líricos, sensuais, confessionais, plenos de humanidade e ânsias de viver. Os "segredos" do grande poeta que, não obstante, avisa: *"De tudo o que fiz e tudo que disse / não procurem descobrir quem fui."* Sabia-se isolado, camuflado, despistando contra as citadas "barreiras" que o apartavam do mundo.

É frustrante não poder ler e ouvir o poeta em seu idioma original. Contentemo-nos com as preciosas traduções que chegam até nós. Meus

estudos de grego clássico na juventude são de pouca ou nenhuma valia para aproximar-me deste poeta anti-metafísico, carnal: *"... eu gostava de ver o sangue. Coisa/ do meu amor aquele sangue era."* Mais direto, impossível: *"Nossos corpos sentiram e buscaram-se; nosso sangue e pele perceberam."* Para a linguagem da época, ainda mergulhada em simbolismos e circunlóquios, certamente chocaria, não obstante já existirem os versos malditos de Rimbaud, às vésperas dos arroubos escandalosos dos surrealistas em terras mais tolerantes...

Afortunado me sinto ao receber dos autores a preciosa edição que, sendo alternativa, deve chegar a poucos privilegiados. Não resisto ao prazer de compartilhar um dos poemas com os nossos leitores, na certeza de que revelam uma alma iluminada pelo prazer mais secreto e autêntico:

#### O CHAMADO DE EROS

*Ao ouvir o vigoroso Eros treme e  
[ emocioná-te  
como um esteta. Contudo, feliz,  
lembra-te de quanto tua fantasia para  
[ ti criou; disto  
primeiro; e depois do resto – menor –  
[ que em tua vida  
passaste e desfrutaste, mais verdadeiro  
[ e palpável. –  
De tais amores não foste privado.*

ANTONIO MIRANDA\*

## EM MONASTIR

Das muralhas de Monastir  
percebo séculos de enfrentamentos  
vastidões sem fim  
e nenhuma remissão.  
Muçulmanos e cristãos  
numa investida sem concertação  
até os confins da terra  
até os fins dos tempos.

Estão filmando *O Nazareno*  
e figurantes árabes se vestem como judeus  
e açoitam o divino descendente.

O produtor inglês, depois, entrega cheques à multidão  
que invade o supermercado  
no milagre da multiplicação dos pães.

---

\*Antonio Lisboa Carvalho de Miranda é maranhense nascido em 5 de agosto de 1940. Professor e coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, Brasil, ministra aulas e cursos por todo o Brasil e países ibero-americanos. Doutor em Ciência da Comunicação (Universidade de São Paulo, 1987), fez mestrado em Biblioteconomia na Loughborough University of Technology, LUT, Inglaterra, 1975. Sua formação em Bibliotecologia é da Universidad Central de Venezuela, UCV, Venezuela, 1970. Publicou romances, poesias e peças para teatro (gênero pelo qual é conhecido lá fora) em vários países.

## EU, KONSTANTINOS KAVÁFIS DE ALEXANDRIA – I

*"Pouco me importa que ninguém  
Concorde comigo."*

Konstantinos Kaváfis, 9/11/1902

Se concordassem, me importaria,  
estaria duvidando de minha singularidade.  
Assumo minha diferença  
e nela me refugio.

Eu, protegido de mim e dos demais,  
sei o que significa preconceito:  
sou um grego de Alexandria,  
estrangeiro em minha própria terra,  
por onde passaram povos conquistadores,  
agora sirvo à coroa britânica  
por urnas poucas libras  
que me garantem  
vícios e virtudes.

(Desprezo os ingleses  
mas sem eles seria pior.)

Apaixonado pela vida  
– ainda que seja apenas uma ruela esquiva –  
e por um corpo furtivo,  
a ruminar meu gozo à distância,  
a contemplar-me com medo e fascínio,  
a converter em palavras meu delírio  
sem culpa, mas com medo.

## EU, KONSTANTINOS KAVÁFIS DE ALEXANDRIA - X

*"Morreste aos dezessete anos, de prazer."*

Estou livre, contigo, meu entranhado amigo,  
livre de convenções comezinhas, moralistas:  
contemplo teu rosto pálido, imberbe,  
entre flores brancas; lívido me encontro  
e te resgato, sem nenhum recato,  
para meu deleite e encanto, pósteros.

Comovido, sem o alarde do pranto,  
com o entusiasmo contido, suspenso,  
pois o entusiasmo em excesso encandila  
e, se falta, aniquila, é marasmo.

Te beijo na despedida, sem que me vejam.

Eu nem te conhecia, mas teu corpo  
agora me pertence, mesmo ido, sempiterno.

(Extraídos da obra *Eu, Konstantinos Kaváfis de Alexandria*.  
Brasília: Thesaurus, 2007)

## FOTOMONTAGENS

A taça Jules Rimet, roubada, depositada no altar da Basílica de Aparecida.  
O corpo nu de Gisele Bündchen plantada na Ceia de Cristo do Michelangelo  
[ como pão em oferenda.

O Good Save the Queen colado na bandeira talibã.

Carne de porco devorada pelas tropas israelenses na fronteira  
e o festim dos urubus no banquete das Nações Unidas.  
Contemplo a explosão da Casa Branca no filme recente do 007  
e o entrelaçamento dos mistérios do Alcorão, da Bíblia e dos Vedas  
desvendados por um código ou teorema ou simulador de vãos

– ORIGEM COMUM DA HUMANIDADE, documentário veloz,  
DNA primevo arrancado do Paraíso Terrenal.  
Enxergo tudo e não vejo nada!!!

Estou aturdido, como num caleidoscópio, num videoclip,  
compondo paisagens instantâneas, descartáveis,  
renováveis, que se vão recompondo, em colagens,  
alternando posições e sentidos.

Fragmentos de mim, de ti, de todos  
assim expostos, estertores,  
recompostos numa holografia de surrealidades,  
hagiografia dos horrores.

Navegações planetárias, siderais, ciberespaciais enquanto  
migro dos dedos de câmbra para os comandos cerebrais.

Tudo que é sólido se desfaz, ensina Marx em sua visão totalitária  
e fugaz.

Mas a paz: nunca mais!!!

Realidades instantâneas, simultâneas, em sua contemporaneidade:

*O FUTURO JÁ ERA*  
na era da informação  
– passado e futuro no presente

passa

diço

e mutante

- volátil

idade.

*VOZES FUTURAS VÊM DO PASSADO.*

Nos arquivos estão os vivos e os mortos em macabra coetaneidade.

Em tal virtualidade, entro na igreja de São Francisco em Ouro Preto,  
percorro absorto as galerias do Louvre,  
durmo nas alcovas de El Escorial,  
saio pela arcadas triunfais do Partenon  
e desço as ladeiras infernais da Favela da Rocinha  
à realidade mais banal e cruel.

Brasília, 11/6/2006

### BIBLIOGRAFIA DE DIMAS MACEDO

O poeta e crítico literário Dimas Macedo publicou mais dois livros em 2007: *Bibliografia: Roteiro para Pesquisadores* (Fortaleza, Edições Poetaria) e *Ressonâncias e Alteridades: Fortuna Crítica Seleccionada* (Fortaleza, Ed. OMNI). No prefácio do primeiro o próprio Dimas informa: nele "estão documentadas as fontes dos livros que escrevi e publiquei e dos livros de que participei, dos prefácios que escrevi, dos poemas e artigos que publiquei, dos projetos de pesquisa que orientei, das teses de mestrados e livros nos quais meu nome e a minha obra estão referidos ou analisados e, bem assim, parte significativa da minha bibliografia passiva e das opiniões sobre a minha obra, com indicações das fontes de onde provieram" (...). O segundo livro apresenta o melhor da crítica literária da obra poética e crítica de Dimas Macedo, em 77 artigos, ensaios, entrevistas, etc, publicados em jornais e revistas a partir de 1981.

LIANA ARAGÃO\*

## LISA

Lisa tinha dezessete quando tomou seu primeiro porre. Um fim de semana de festas: dois churrascos no sábado, mais dois no domingo e o aniversário do Sávio à noite. Sávio era um amigo do terceiro ano. A menina emendou uma coisa na outra e quando se deu conta estava no hospital, tomando glicose na veia. Sávio com ela. Preocupado. Hoje lembro de tudo com muita graça, mas estive bem aflita por aqueles dias. Cheguei a achar que minha filha poderia se tornar uma alcoólatra precoce.

Ainda atordoada com a história do porre, fui até o trabalho de ônibus (porque esqueci a chave do carro em casa, junto com bolsa, carteira, óculos) e, quase chorando, pedi que o Alceu me liberasse. Ainda me lembro do nome daquele rapazinho que me arrumaram pra chefe. Alceu. Inexperiente ainda, mas um bom rapaz. Deve ter aprendido o bastante agora e acre-

dito que seja até um ótimo gestor, mas na época era um garoto. Um bom garoto. Pediu que me acalmasse e voltasse para casa. Ou para o hospital.

O engraçado é que as ligações começaram ainda pela manhã. Várias das minhas colegas ligaram para saber o que estava acontecendo. Alceu só sabia que eu estava muito nervosa. Expliquei a cada uma pacientemente. A Fran me disse que relaxasse, aquilo era coisa de adolescente. E emendou uma conversa que começou com uma bebedeira do filho e acabou com a morte da manicure, espancada pelo marido.

No fim da tarde, quando voltamos para casa, o pai de Lisa telefonou. Tive que contar o que aconteceu, sem entrar em detalhes. Ele pareceu compreender, no início. Depois me culpou. Um canalha, como qualquer ex-marido. O que ele podia saber de Lisa? Só recebia boas notícias, uma menina boa,

---

\*Liana Aragão nasceu em Fortaleza em 1979 e vive em Brasília desde 1996. É mãe do Bernardo, contista, jornalista, bancária e mestre em Literatura pela Universidade de Brasília.

estudiosa, querida pelos amigos. Uma vez que acontece algo fora do que ele julga ser o curso normal das coisas, o escândalo. Ah, que se fudesse. Desliguei e fui cuidar da menina. Ainda abatida, ela me pediu perdão. Sorri. Mas ali eu ainda não sabia que essa história de filho pedir perdão ao pai é algo esquisito. Perdão por quê? Uma menina meiga, doce, companheira.

Naquela noite, depois de uma sopinha, nos divertimos vendo álbuns de quando ela era um bebê. Rimos com as diversas fotos tiradas no parquinho do prédio, aquelas com os primos, que registravam um banho de mangueira na casa da avó, duas tiradas ainda na maternidade e ela um embrulho branco com bochechas rosadas.

Foi um período maravilhoso a adolescência de minha filha. Soube do primeiro beijo, da primeira transa. Íamos ao cinema e às vezes ao clube nos fins de semana. Eu não poderia ser considerada uma mãe liberada, uma ex-hippie irresponsável, mas era até bem tolerante. E o porre da menina aos dezessete foi prova disso. Imagine, cinco festas. Nem dormiu, a pobrezinha. E eu ali, preocupada.

No mesmo ano, esquecido o episódio do porre, trouxe um rapaz chamado Alessandro pra eu conhecer. Fez questão de dizer que não era namorado. É meu amigo, mãe, meu melhor amigo, contou na frente dele.

Tomamos suco, comemos bolachas e conversamos. Gostei do rapaz: inteligente, estudioso. Não me lembro se nesses dias já fazia faculdade. Acho que não. Devia estar terminando o segundo grau, como a Lisa. Aliás, nem me lembro como minha filha conheceu o Alessandro. O fato é que os dois ficaram muito íntimos e ele passou a frequentar a minha casa.

Hoje, alguns anos e vários porres depois, recebo esta carta de Lisa. Está em Paris há alguns meses. Bolsa de uma empresa multinacional. Terminou o curso de desenho industrial e estuda uma espécie de especialização em design na França. O pai morreu há dois anos. Teria sido um empecilho para a ida da menina? Talvez não. Talvez sim: um ex-marido típico. Minha princesa mandou uma foto, um postal e duas folhas de carta. A letra redondinha me disse que está adorando a cidade.

Vou responder que tenho saudades, que espero que volte logo e que consiga se empregar em sua área. No Brasil, as coisas não estão fáceis para os recém-formados. Brasília anda fria, alguns dias chuvosos, acinzentados. Pensei, com a caneta fazendo piruetas em minha mão, que talvez fosse agradável lembrar o dia do porre. Terá tomado outros? Vinhos e champagnes franceses? Acho que não. Nenhuma menção dessas aventuras nas cartas ou nos raros telefonemas. Posso perguntar por algum novo amor, mas

não posso ser insistente. E também comentar as boas notas no curso de francês, que ela toca em paralelo. Sou uma mãe orgulhosa e amiga e tenho certeza de que ela me ama e me respeita. Mas me sinto mais aflita do que naquele dia. Do que qualquer dia da adolescência de Lisa. Talvez não deva lembrar do pai morto. Encher a carta de alguma lembrança, mesmo boa, pode não ser agradável para minha princesa. Postarei com certeza uma

foto de sua fase mais peralta, com seis sete anos. Ela vai rir e mostrar para os amigos. Talvez não seja hora de dizer que tia Vilma está adoentada. Mas talvez mencione que Paola, amiga de infância dela, ligou pedindo notícias. Sim, contarei sobre Paola.

Perguntou por Alessandro.

Talvez omita que se mudou pra cá desde que ela partiu. Talvez não.

### AS CORES DO TEMPO

O poeta Majela Colares reuniu num só volume uma seleção de seus cinco primeiros livros de poemas e o intitulou *As Cores do Tempo* (Rio de Janeiro, Ed. Calibán, 2007). O primeiro é *Confissão de Dívida e Outros Poemas* (1993-2001), seguido de *Outono de Pedra* (1994), *O Soldador de Palavras* (1997), *A Linha Extrema* (1999) e *Quadrante Lunar* (2005). No final do volume estão reunidas algumas opiniões sobre a sua obra poética. Como a de Francisco Carvalho, no artigo "Dívidas e Dúvidas de um Poeta", do qual extraímos este trecho: "O discurso do poeta parece mais aberto, mais explícito, mais direto, mais contundente. O que ele tem a dizer, não o faz sob a proteção de certos biombo da retórica. Ele o diz às claras, num estilo direto e sem inflexões barrocas, à maneira de um profeta que veio do deserto para falar ao povo sobre as armadilhas e imprevistos que o futuro nos reserva".

HENRIQUE MARQUES SAMYN\*

## LITERATURA E DESVARIO

Nilto Maciel é, mais do que escritor, um guerreiro das letras. Mantém heroicamente, desde 1991, a revista *Literatura*, uma das poucas publicações brasileiras dedicadas exclusivamente às letras; paralelamente, constrói uma premiada obra como romancista e contista, além de assinar artigos, ensaios e poesias.

*Carnavalha* (Bestiário, 2007), sua obra mais recente, é uma espécie de romance em retalhos, construído por meio de uma laboriosa montagem de narrativas. O tênue fio que as une, o próprio motivo carnavalesco, dá azo ao vertiginoso desfile de cenas que se desenrola em torno de Zuza, bêbado e *gauche*, centro deste universo em que tudo tende ao desvario. O texto de Nilto comumente habita a fronteira entre o real e o fantástico, limite que também *Carnavalha*, com frequência, desconhece; assim é que a narrativa entrelaça passagens em torno das mais prosaicas situações com textos de evidente carga

simbólica. Carnaval, mundo feito máscara: nada é o que parece ser.

Se rótulos fossem necessários, talvez fosse possível qualificar *Carnavalha* como um romance etnográfico; categorizações, todavia, pouco importam no tocante à literatura, e mais vale observar que Nilto Maciel mergulha no universo carnavalesco para extrair dele a matéria-prima de sua criação literária – um romance em que a essência do carnaval mescla-se com a própria marcha da existência. Nas narrativas de *Carnavalha*, o que há é um desfile de efêmeras criaturas cujas vidas, áruas e dolorosas, sôfregas e retortas, só encontram algum sentido nos delírios dos que as vivem. Ainda assim, somos capazes de sentir, por esses miseráveis seres, alguma empatia – talvez por nos semelhamos mais a eles do que gostaríamos de crer. A navalha de Nilto Maciel fere, afinal, nossa própria carne.

---

\* Henrique Marques Samyn: escritor, tradutor e pesquisador acadêmico, vive no Rio de Janeiro. Autor de *Poemário do desterro* e de diversos artigos acadêmicos. Sua obra literária já foi publicada em periódicos brasileiros, na Venezuela e na Espanha. Cursa doutorado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com tese sobre poesia medieval.

ENÉAS ATHANÁZIO\*

## O VAGONETE

Espremida pelos morros de um lado e outro, entre eles se destacando a Pirambeira, com seu cume empinado e coberta de mata misteriosa, a Vila se estendia ao longo da estrada de ferro que corria seus trilhos pelo vale. Para a esquerda, além do pátio da estação, erguiam-se as construções melhores, casas pintadas e envidraçadas, alguns sobradões de madeira de lei com chalés de pequenas janelas que espiavam com desconfiança para fora, o escritório da Companhia Americana, instalado na "casa verde" da esquina, local das decisões importantes, e lá no alto, no tope do coxilhão, a igreja de torre única, cujas portas só se abriam nas festas religiosas e visitas do padre. A estação ferroviária centralizava a vida pouca do lugar. Construída em tábuas de imbuia maciça, tinha o telhado largo para a frente e os fundos, cobrindo a plataforma de pedra-ferro onde encostavam os trens, perambulavam passageiros, ferroviários e curiosos, chegavam e saíam encomendas e despachos. Duas vezes por dia, pelas dez e dezenove

horas, o movimento redobrava com a passagem do trem **misto** do norte e do sul, levando e trazendo gente e objetos de cidades mais próximas. Era o momento do encontro de amigos, compadres e namorados, todos curiosos para observar os passageiros, comprar revistas e jornais no jornaleiro, cigarros e doces no "buffet", encontrando às vezes algum conhecido que trouxesse as novas do mundo lá de fora. Despachados os trens pelo agente, a estação se esvaziava, ficando apenas uns desocupados que enchiam as horas contando lorotas e piadas velhas e chochas. As composições de tiro longo, inclusive o **direto** para São Paulo e o **internacional** que vinha da Argentina, esses cruzavam na calada da noite e em geral nem se davam o luxo de parar, limitando-se a reduzir a marcha no quadro para receber o "pode" entregue pelo agente de boné vermelho. Os raros frequentadores da plataforma nessas horas vãs só tinham que se contentar com relances iluminados do que acontecia lá dentro e, tendo sorte, com a

---

\*Enéas Athanázio é Promotor de Justiça aposentado e escritor. Tem 34 livros e 13 opúsculos publicados e edita o tablóide literário *Jornal do Enéas*.

imagem fugaz de alguma castelhana morena instalada no aconchego do luxuoso vagão de aço.

No lado oposto da ferrovia, depois do chapadão pelado onde se erguera, nos tempos de dantes, a serraria queimada na Revolta dos Jagunços, alinhavam-se as moradas dos operários e empregados. Casas toscas, com paredes de tábuas de terceira, retamadas de nós, se alinhavam entre dois tanques e a estradinha que penetrava fundo nos matos fechados. Mais adiante, em desalinho, espalhavam-se no meio do vassoural ranchos feios e escuros onde moravam biscateiros e trabalhadores justos para qualquer serviço, sem nenhuma ligação com a Americana. Dali para a frente, furando capoeiras e capões de mato, serpenteando entre lançantes e topes, estendia-se a estradinha que conduzia à serraria que devorava, dia e noite, os pinhais e madeiras de lei que se estendiam a perder de vista, sombreando as campinas e abrigando bichos sem conta. Todos os dias, do nascer ao pôr do sol, os caminhões de reboque, carregados de tábuas, caibros, pranchões e fueiros, percorriam a estrada desde a serraria até a Vila, retornando vazios em busca de nova carga. O leito de chão assim batido se tornava brilhante à luz do dia e dois trilhos paralelos se fixavam como desenhados por mão segura. Só nas chuaradas, com o leito liso, os caminhões descansavam no pátio da indústria.

Toda a madeira serrada ficava em imensos barracões construídos ao longo da linha secundária da estrada de ferro. Ali aguardava a chegada de vagões-plataforma em que as pilhas se erguiam com meticulosa precisão, transportadas por carregadores de grande prática. Os mais rápidos e experientes se tornavam falados, merecendo os gabos e a geral admiração. Nas horas de carregamento a Vila se enchia daquele som típico e ritmado das tábuas lançadas umas sobre as outras. Moradores atentos identificavam os carregadores pelo tempo entre as batidas e até mesmo pela aparência da carga, depois de pronta. Engatados às locomotivas, esses vagões rumavam para misteriosos destinos.

Correndo ao lado desses barracões, em toda sua extensão, existiam trilhos para os vagonetes usados pelos operários no manuseio do madeirame, para cima e para baixo, conforme a necessidade. Esses vagonetes, ah! esses vagonetes! Eles constituíam o terror e o tormento das mães da Vila, pobres ou ricas, de um ou de outro lado da ferrovia.

Em virtude do desnível do terreno, foram os barracões construídos na altura de uns três metros do chão, o que acontecia também com os trilhos dos vagonetes. Eles terminavam de repente, não havendo nada que impedisse a queda lá de cima quando não paravam a tempo. Não existiam os chamados **gigantes** que se colocavam

nos finais de linhas para evitar o descarriamento. Como esses veículos não tinham freio, só podiam ser parados à força, segurando ou enfiando fueiros por baixo das rodas metálicas. Empurrados no início dos trilhos, embalavam logo e a piizada malandra saltava sobre eles, só os segurando quando se aproximavam do final da linha. Mas isso nem sempre acontecia e muitas vezes os veículos pesadões avançavam além do limite e se projetavam no ar, fazendo um barulho chocho quando encontravam o chão úmido pela falta de sol. Nessas quedas violentas, não foram poucos os feridos, e até uma morte aconteceu. Simão Ruivo, filho do guarda-chaves, menino de uns dez anos, não conseguiu saltar no momento certo. Despençou com o vagonete e foi esmagado por ele. Grande tristeza invadiu a Vila porque o guarda-chaves, além de boa pessoa, era estimado por todos. Durante algum tempo a piizada, ressabiada e ameaçada de chicote, deixou de lado as corridas, mas com o correr dos dias o acidente caiu no esquecimento e as aventuras recomeçaram.

A preferência dos malandros ia para o vagonete da Americana. Seu trajeto tinha boa extensão e corria em parte entre dois barracões, colocando-o a salvo de olhares atentos de mães temerosas. Por ser novo, pegava grande embalo e deslizava veloz, com as rodas chiando nos trilhos brilhantes. Em compensação, estava ainda mais alto do chão que os demais. Apesar da proi-

bição do Administrador e dos pais, invocando sempre o infeliz Simão Ruivo, a piizada se juntava para as arriscadas corridas. Duas polaquinhas das redondezas costumavam se juntar ao bando. Estanislava e Nastasia, muito altas e de cabelos cor-de-milho, arregaçavam as saias e participavam das corridas com grande coragem. Quando pilhadas pelos pais, levavam severas sovas, exibindo mais tarde as pernas brancas marcadas de vergões das varas de marmeleiro, como se fossem cicatrizes de combate.

A farra era grande.

Apontando por ali algum pai ou funcionário, desapareciam por baixo dos barracões, como se evaporassem, conhecedores de todos aqueles meandros obscuros.

Embora tivesse de tudo – bicicleta, cavalo, fartura em casa e viagens de férias, – Gabriel, o filho único do Capataz, mais conhecido como Gab, gostava mesmo das correrias dos vagonetes. Deixava tudo de lado, ao menor descuido da mãe, e para lá se dirigia, juntando-se ao grupo mais assíduo. Aquelas corridas perigo-sas mexiam com ele, fazendo-o sentir-se um herói ou aventureiro, mesmo com o risco de ser esmagado como acontecera com Simão Ruivo. Não adiantavam os conselhos da mãe, recordando o menino morto, estirado num caixão e com a cabeça enfaixada porque havia perdido a forma, ou as ameaças do pai. Gab vibrava ao "arrostar o perigo", como os

personagens dos **gibis**, e inventava fórmulas ainda mais excitantes. Ficava em pé sobre o vagonete desabalado, equilibrando-se, com os cabelos esvoaçantes, ou se deitava sobre ele, só saltando no último segundo, apenas com tempo para lançar os fueiros, deixados em local estratégico, sob as rodas. Fundou mesmo o "Grupo dos Voadores", dele se tornando o líder por todos reconhecido. Sua coragem arrepiava os companheiros.

Em algumas ocasiões levou grandes sustos. Numa delas, errando nos cálculos, saltou para fora da plataforma dos trilhos, estatelando-se no chão, lá em baixo. Por sorte havia chovido, o solo estava molhado e caiu de lado, enquanto o vagonete descambava pelo final dos trilhos. Destroncou o pé, teve que andar com ele enfaixado por vários dias, e o Administrador, muito zangado, passou uma descompostura no Capataz, chamando-o de frouxo e sem autoridade sobre o filho. Gab esteve proibido de sair, a não ser para as aulas, mas não se incomodou muito porque com o pé inchado daquele jeito não poderia voltar às corridas. Em outro dia, deitado sobre o vagonete que corria, sua camisa se prendeu numa fenda da madeira no momento de saltar. Teve um instante de pânico, mas forçou o salto e a camisa se rasgou, ficando o pedaço preso na maldita fenda. Foi um custo explicar à mãe o que havia acontecido com sua camisa. Mais tarde ele recuperou aquele pedaço e guardou

como troféu. Foram, porém, situações passadas e esquecidas; não tardou sua volta à liderança do "Grupo."

Novos acidentes aconteceram com outros aventureiros. Pés e braços quebrados, feios cortes, luxações, batidas. Um deles perdeu o dedão do pé, decepado pela roda. A mãe de Gab, desesperada, declarava aos berros que não suportava mais aquilo. E foi assim que, numa tarde fria de julho, ela e o marido decidiram enviar o menino para o internato numa cidade próxima, afastando-o daquelas tentações. Lá ele permaneceu por vários anos, só retornando nas férias, quando ficava sob rigorosa vigilância paterna.

Passados os tempos, os pinhais e madeiras de lei foram devorados pelas serras inclementes e o "material" acabou. As serrarias encerraram as atividades, a Companhia Americana desapareceu. Os barracões e seus vagonetes se tornaram lembranças esmaecidas. Até mesmo a estrada de ferro, obra monumental que dera vida à região, acabou desativada, restando apenas os trilhos enferrujados e a velha estação em ruínas, transformada em lúgubre cortiço. Onde se erguiam as imensas pilhas de madeira crescem viçosos vassourais.

Sentado num banco desconjuntado na plataforma de pedra-ferro, Gab contempla aquele vazio com o coração pesado de uma saudade carregada de melancolia.

NELSON DE OLIVEIRA \*

## O TRIUNFO DO SAGRADO

Os deuses são criações humanas projetadas para explicar certos fenômenos naturais intrigantes. A literatura também. Estudos sobre o comportamento do homo sapiens, baseados na teoria da evolução de Darwin, atestam que a religião é um dos componentes universais de nossa estrutura psíquica. Esses estudos apresentam o ser humano, do mais primitivo ao mais civilizado, como universalmente propenso à criação de deuses, mitos, sacrifícios, rituais e experiências místicas. Projetar dimensões paralelas regidas por leis naturais fisicamente impossíveis é uma de nossas necessidades simbólicas primárias.

Do caos ao cosmo, o ser humano se interroga constantemente sobre a origem de tudo, inclusive do bem e do mal, sobre o fundamento e o sentido de suas ações, sobre a possibilidade ou não de vida após a morte. Para superar as barreiras do tempo e do espaço, para

ultrapassar os condicionamentos e as contingências, temos forjado há milênios as entidades sobrenaturais que estão na origem e na base de tudo o que existe. Por meio de símbolos, fórmulas, encantamentos, profecias e orações – ou seja, por meio da poesia – forçamos o contato com as realidades invisíveis idealizadas para dar sentido a nossa vida profana. Na origem de nossa raça já havia poesia na magia e na religião, já havia magia e religião na poesia. Essa simbiose super-resistente ao tempo só veio a ser ameaçada recentemente, pelos primeiros urros da eficiente máquina a vapor e pelo bafo quente das chaminés industriais. A técnica pôs sob suspeita o sentido e a função tradicionais da religião: a salvação espiritual dos homens.

A paixão mais perversa dos tempos modernos nasceu do encontro da organização racional na rotina religiosa com a divisão do trabalho na produção

---

\*Nelson de Oliveira (Guaíra/SP, 1966), Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), publicou, entre outros títulos, *Naquela época tínhamos um gato* (1998), *Treze* (1999), *Subsolo infinito* (2000), *O filho do crucificado* (2001) e *A maldição do macho* (2002). Organizou duas antologias de contos da Geração 90: *Manuscritos de computador* (2001) e *Os transgressores* (2003).

capitalista. Como resultado desse encontro, o sagrado perdeu sua esfericidade no momento em que suas articulações foram desmontadas pela produção em massa de ídolos concretos e abstratos (desmanche que sofreu novo impulso com a tevê e a internet). A epifania, desarticulada e replicada *ad infinitum* nas linhas de montagem, perdeu suas dimensões flexíveis tanto para o homem comum quanto para o sacerdote e, é claro, para a elite esclarecida que este sempre serviu com extrema dedicação. A produção em larga escala de objetos e idéias padronizados, derivados dos mitos e das revelações arcaicas – produção levada a cabo por meio das linhas de montagem –, massificou e achatou a delicada esfera do sagrado. O fordismo e o taylorismo enrijeceram mais ainda os tendões que ligam os seres humanos à experiência mística, tendões que, no Ocidente, nunca tiveram muita flexibilidade sob as cúpulas do Vaticano.

Essa seqüência de eventos veio confirmar o que todo poeta e todo artista já sabiam: que a experiência do sagrado foi, é e sempre será da esfera dos fenômenos domésticos, artesanais e subjetivos, jamais da esfera das relações públicas e dos sistemas de produção em massa. A rotina industrial, ao invadir e conquistar as catedrais, as sinagogas, as mesquitas, os templos e os santuários, espantou a poesia da religião. Mas não espantou a religião da poesia. Nem poderia.

Para as pessoas educadas na tradição iluminista e indiferentes à moral cristã e à retórica das religiões instituídas, a poesia é o último reduto do sagrado. Desde que o método científico, a revolução industrial e a filosofia existencialista puseram abaixo qualquer possibilidade de existência de Deus ou de deuses, a poesia, para o indivíduo culto, transformou-se na única fonte aceitável do gozo místico. Mesmo o mais racional e materialista dos homens não se satisfaz apenas com a existência profana. Resistente à hipocrisia dos sacerdotes profissionais e à manipulação da fé, a necessidade de se vincular a algo maior e mais profundo faz com que esse homem se volte para a arte.

Por meio da poesia (axis mundi virtual) o mistério da criação do cosmo e dos seres vivos é constantemente representado e rerepresentado. Quer se manifeste nas artes plásticas, na música ou na literatura, para o indivíduo cético e materialista da era tecnológica só a poesia é capaz de proporcionar as indescritíveis epifanias até há pouco exclusivas do fenômeno religioso. O sagrado, nas mãos totalitárias da Igreja e de outras instituições que banalizam o sobrenatural, tornou-se algo anódino e burocrático. O sagrado, nos templos do mundo capitalista, não passa de uma mercadoria como outra qualquer. Tornou-se pura racionalidade comercial.

As religiões institucionalizadas, com seus códigos e hierarquias rígidos, são a maior defesa contra a verdadeira

experiência religiosa, sempre maleável e individual, incompatível com a linha de montagem que é a vida pública nos centros do poder. São a parte mais resistente – os tijolos – do muro altíssimo que as escrituras enrijecidas e os sermões ao vivo ou pela tevê juram que se romperá no momento de nossa morte. Para os leitores dos mestres da suspeita – Marx, Darwin, Nietzsche e Freud –, as religiões institucionalizadas assassina o sagrado não só no templo, mas também na praça pública, na sala de jantar, no quarto do casal, no quarto das crianças, no ateliê do artista, na mesa do escritor, ou seja, onde quer que esse sentimento ameace se manifestar.

Mas no âmbito da literatura o poeta de hoje é o xamã da era industrial, é o único indivíduo capaz de revelar aos poucos iniciados o sagrado da poesia e a poesia do sagrado. Revelação que, para acontecer, precisa ser intermediada por sacerdotes céticos,

por criadores conscientes de que suas verdades são todas provisórias e seu altar não é de mármore e ouro, mas de ritmo, imagens, correspondências e subdivisões prismáticas de idéias.

Os grandes poemas, mesmo quando tratam apenas dos fatos do cotidiano, revelam que os fatos da poesia não são os mesmos da experiência cotidiana. Também revelam, por meio de símbolos, fórmulas, encantamentos, profecias e orações, que agora, com a falência das religiões instituídas, a integração do indivíduo com a totalidade do mundo só pode acontecer com o auxílio da linguagem poética. Dupla jornada de trabalho: os poemas agora têm de tratar das antigas questões da poesia e, de quebra, discorrer sobre a origem de tudo, inclusive do bem e do mal, sobre o fundamento e o sentido das ações humanas, sobre a possibilidade ou não de vida após a morte.

### MOMENTOS DIVIDIDOS

Ary Albuquerque teve publicado *Momentos Divididos* (Rio de Janeiro, Topbooks Editora, 2007). Caio Porfírio Carneiro assim se manifesta a respeito do livro: (...) "os poemas, quase sempre curtos, e as crônicas poéticas, também sucintas, trazem ao vivo uma enganosa despreensão que se transmuda em poesia da melhor qualidade no corpo inteiro de cada poema." E mais: "É um poeta de lirismo ameno, suave, ricamente impressionista, e transfere, muitas vezes, as visões e sentimentos poéticos para o campo filosófico. Essa filosofia que amplia as inquietações interiores e pinta, com nitidez, o mundo exterior."

HIIRÍS LASSORIAN

**CONFISSÃO**

Ainda hoje pude dar o meu verdadeiro testemunho. Fiquei muito frágil diante do juiz. Ele amaldiçoou-me com um olhar severo. Eu não tinha por que mentir. Mas foram poucos que acreditaram realmente no que eu havia confessado.

Naquela noite, assim que peguei no sono, tive um sonho esquisito: estava sentado numa cadeira com um livro nas mãos lendo alguma coisa que eu nem me recordo direito. Só me lembro de uma passagem muito estranha: algumas pessoas comentavam um acontecimento banal do dia-a-dia. Uma briga por ciúmes, resultando num homicídio. Achei o livro bastante chato e logo fechei suas páginas. Não sei por que, acordei assustado, suando frio, numa tremedeira danada. O quarto ainda estava escuro. Devia ser tarde da noite. Virei para o lado e tentei dormir. Não tinha jeito. Não conseguia pregar os olhos. Na pensão, pelo que pude ouvir, todos dormiam feito anjos. Apenas eu me encontrava naquela

situação desagradável. Resolvi-me levantar e ir até a cozinha tomar uma água. Saí do quarto e fui pelo mesmo corredor de sempre. Abri a geladeira como de costume, mas a encontrei vazia. Nem água nem nada. Achei bastante estranho o episódio, mas não quis me preocupar à-toa. A torneira da cozinha estava a minha disposição e logo pude tomar o gole d'água tão desejado. Voltei para o meu quarto bocejando. O sono parecia ter voltado. Antes de chegar nele, quando virei à direita no corredor, observei uma sombra muito esquisita saindo de seu interior. Parecia uma pessoa, não sei. A luz muito fraca do corredor e a presença benfazeja do sono não me deixaram ver direito. Fiquei um pouco assustado e me dirigi às pressas para o quarto. A porta estava entreaberta, e para o meu espanto e surpresa não havia mais nenhuma cama no lugar nem qualquer coisa que me pertencesse. Na parede, apenas um retrato muito simples de um homem e uma mulher

discutindo. Logo lembrei-me do sonho que havia tido e não acreditei. O quarto não parecia ser o mesmo. Tudo havia mudado. A pintura era outra e só havia uma janela. Tentei abri-la às pressas e ela cedeu sem maiores dificuldades. Quando botei minha cabeça pra fora, me deparei com uma pequena casa em toda sua extensão, onde eu mesmo me encontrava naquele exato momento, um céu estrelado, algumas árvores aqui e acolá e uma grama doentia e sem vida. Não era mais uma pensão. Fiquei absolutamente pasmo. Meu coração batia aceleradamente. Voltei meu olhar para dentro do quarto e fui na direção da porta que dava para o corredor. Não havia mais corredor, mas uma outra repartição. Tinha jeito de uma sala, a luz do teto era muito fosca, mas deu para divisar uma cama em seu interior. Nela estava sentada uma pessoa que eu não conhecia. Quando cheguei mais perto, pude ver que se tratava de uma bela mulher. Estava seminua. Olhava para mim sem dizer palavra e me chamava com os seus braços nus e insinuantes. Tive medo de arriscar uma investida e apenas perguntei o que

estava acontecendo e quem era ela. Os seus lábios se entreabriram sensualmente e deles pude ouvir as seguintes palavras: "Fui eu que matei o meu marido. Agora eu sou inteiramente sua, só sua. Venha para os meus braços. Venha, meu amor, minha vida". Suas breves palavras me deixaram estarecido, sem ação, entregue a um pesadelo de proporções inimagináveis, e quando dei por mim já estava inteiramente em seus braços. Transamos insaciavelmente, rolando pelo chão, naquele abismo de lábios seduzidos por uma paixão devastadora de língua, sexo, pênis e buceta. Eu estava perdido, sem palavras, e emudecido por um acontecimento incompreensível. A loucura desse amor inusitado me deixou absolutamente alucinado. Enquanto estava mergulhado no seu corpo, nenhuma pergunta brotou de meus lábios. Eu a desejava loucamente, tão loucamente que nada mais interessava pra mim.

Minha prisão definitiva foi decretada no dia seguinte. Fui condenado à morte sem qualquer tipo de apelação. Meu crime: ter transado com uma mulher improvável.

CARMÉLIA ARAGÃO \*

## NILTO MACIEL: PRÓXIMO DA CARNE

Ítalo Calvino, profundo conhecedor de "cidades invisíveis", diz que as cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. Dessa forma, Nilto Maciel também edificou Palma no interior do Brasil. Já retratada em diversos contos e romances do autor, como *Os varões de Palma* (romance, 1994), *A Rosa Gótica* (romance, 1997), *A última noite de Helena* (romance, 2003), *A leste da morte* (contos, 2006) e *Os luzeiros do mundo* (romance, 2005), a cidade reaparece, nesse ano de 2007, no romance louco e lúcido, *Carnavalha*.

Agora é carnaval em Palma. A festa pagã, cujo sentido primeiro, após ser resgatada pelos cristãos na Antiguidade, significava *carne levar*, "afastar da carne", porque então começava a quaresma, está impregnada na vida e na alma dos habitantes de Palma, unindo a carne e seus prazeres, sendo, ao mesmo tempo, protagonista e antagonista

da narrativa, o ponto de convergência entre as histórias que se cruzarão ao longo das oito partes que compõem o romance.

Na primeira parte, intitulada, *Palma Gira*, o autor nos apresenta Zuza, o bêbado da cidade, que, no entanto, parece ser aquele que tem a visão mais lúcida do efeito da festa sobre as pessoas. "Tudo girava ao redor de Zuza: vira-latas, pessoas, casas, carros, carroças, árvores, passarinhos, nuvens, o Sol, as estrelas". Os outros personagens se apresentarão na segunda parte, *O Desfile*, título que não reporta apenas ao desfile carnavalesco, mas também à vitrine de uma gama de tipos e personalidades que se mostrarão na trama como as irmãs Maroca e Alzira, o médico Juarez e sua esposa Jacinta, Noé, Tavinho, Néo Bento, Rocilda e o marido traído, Viriato. Alguns querem fugir, como a condenar a festa, o comportamento apoteótico das pessoas, porém, ao colocarem suas cadeiras na calçada, ao abrirem as portas ou janelas de suas casas, já não estão mais a salvo do efeito "destrutivo" do carnaval.

\* Carmélia Aragão faz mestrado em Literatura na Universidade Federal do Ceará (UFC) e é autora do livro de contos *Eu vou esquecer você em Paris*, ganhador do III Edital de Incentivo às Artes (Secult).

A realidade de Palma é descrita em uma linguagem realista, crua, sem pudores: "Enquanto Dalva arrumava a cama, Néo Bento se dirigiu ao banheiro. Entrou, fechou a porta, deixou os chinelos ao pé dela [...] uma barata passeava ao redor dos chinelos... [depois] puxou a cordilha da bomba. A descarga de água provocou um redemoinho de fezes." Mais adiante, a narrativa atinge um tom apocalíptico, no entanto, as palavras proféticas saem da boca dos animais como nas fábulas. Vale ressaltar que a fabulação faz parte de uma das principais características do absurdo utilizado por Nilto: "Súbito o barrão ergueu as patas dianteiras e se pôs a falar: 'nada mais sujo do que o mais limpo, nada mais limpo do que o mais sujo' E, voltando-se para Silveira, sorriu".

Os paradoxos, como o sagrado e o profano, parecem unir-se em *Carnavalha*. São claras as intertextualidades bíblicas: a destruição de Sodoma e Gomorra, a tentação de Cristo, as trombetas do Apocalipse. Mas, afinal, as visões de Zuza seriam os prenúncios da desgraça, de sua própria desgraça? Seria um profeta ou um simples bêbado? "Zuza arregalou os olhos. Na torre, a coruja piava [...] corriam e zanzavam cachorros, gatos, galinhas, porcos, bodes... Uma profusão de animais nunca vista [...] e de todos os lados surgiram homens, mulheres e crianças,... furiosos, aos gritos, partiram contra os animais".

Na contramão desse discurso alucinante, temos um escritor fiel às

nossas raízes, fiel às descrições peculiares e psicológicas de uma cidadezinha do interior e seus tipos, assim afirmou Manoel Hygino sobre o universo de Nilto Maciel em seu artigo "Rebelião em Palma", de dezembro de 2005, em Belo Horizonte: "O mundo imaginário de Nilto Maciel é rico em figuras raras, mas no fundo, localizadas e identificadas aí pelos sertões. É gente como qualquer outra, com as idéias mais comuns ou raras, claras ou birutas".

Vale destacar que, da quarta à sexta parte, na forma dos antigos romances de fragmentos do século XVIII, o autor passou a colocar sob os títulos epígrafes de outros autores, porém, privilegiando os cearenses como: Francisco Carvalho, Moreira Campos, Carlos Augusto Viana, Dimas Macedo, Sânzio de Azevedo, Juarez Leitão, Natalício Barroso, Adriano Espínola, Batista de Lima, Márcio Catunda, Alcides Pinto, Virgílio Maia, Floriano Martins, Linhares Filho, Pedro Henrique Saraiva Leão e outros.

É importante ressaltar que Nilto Maciel detém uma vasta obra literária e que, há anos, é um dos principais divulgadores de nossa produção por todo o país com a revista *Literatura, a revista do escritor brasileiro*. *Carnavalha*, seu novo romance, demonstra também sua visão ácida sobre a nossa realidade, diríamos até, uma visão pessimista, mas que, ao mesmo tempo, retrata nossa essência festeira, como diria Zuza: "Podia ser *carnavalma*".

CAIO PROFÍRIO CARNEIRO \*

## A PROCURA

Foi até a esquina, olhou para lá, olhou para cá, indiferente aos carros que chispavam para lá e para cá, ao povo que passava apressado para lá e para cá, coçou o queixo e voltou.

Assim passou toda a manhã, mãos nos bolsos, arrastando os chinelos, camisa puída e meio desabotoada. Até a esquina. Para lá e para cá.

Cansado, suado, sentou-se no degrau de entrada do edifício onde morava. Cotovelos nos joelhos, punhos nas bochechas magras e espinhentas da barba por fazer, olhos no chão, indiferente aos que entravam e saíam. E aos cumprimentos.

As formiguinhas, em fila, coleavam no cimento falho da calçada. E entre elas, por trás delas, surgia, imprecisamente, a figura dela. Corporificou-se um pouco. Chegou a ver-lhe o rosto por inteiro, os olhos negros e cansados, os cabelos compridos, lisos e negros,

a gola negra do vestido. Mas foi se diluindo, evaporando-se, ficando só o colar de formiguinhas procurando transpor a falha do cimento da calçada.

Suspirou. Precisava encontrá-la. Não para preencher-lhe os dias, que estes podiam caminhar que pouco lhe importava. As noites podiam se suceder, como se sucediam, que era o destino delas. O sono podia alcançá-lo na cama com o gemido das suas molas, a mesa podia continuar sem alimentos, que isto não o preocupava. Os vizinhos podiam sussurrar, o zelador podia continuar a dirigir-lhe a palavra, que tudo isto era passado.

O que importava era encontrá-la. Necessário e indispensável encontrá-la. Tivesse forças e correria o mundo. Mas com a respiração mais e mais cansada, sua fraqueza física sempre a tolher-lhe os passos, só lhe sobrava ânimo de ir até a esquina.

---

\*Caio Porfírio Carneiro nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1928. Desde 1963 é secretário administrativo da União Brasileira de Escritores de São Paulo. Ganhou vários prêmios literários, como o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, e o Pen Clube de São Paulo, e contos seus estão incluídos em duas dezenas de antologias do gênero e traduzidos para o espanhol, italiano, alemão e inglês. Publicou livros de contos, romances, novelas, literatura juvenil, poesia, reminiscências, perfis e memórias.

Levantou-se do degrau. Tudo fluuava. A esquina fugia muito longe. O zelador veio segurar-lhe o braço. Livrou-se dele. Quem era ele para impedi-lo de procurá-la? O zelador chamou outras pessoas. Mãos o seguraram pelo braço.

Ele parou, encarou um, outro, outro, mais outro. O olhar de ódio correu em torno, as mãos trêmulas crispavam-se:

– Não vêem que preciso pedir-lhe perdão? Não vêem? Não vêem?

### INIMIGOS

Pedro Salgueiro publicou recentemente o volume de contos *Inimigos* (Rio de Janeiro, Ed. 7Letras, 2007). Miguel Sanches Neto assina um "Posfácio", assim iniciado: "Ao ambientar suas narrativas no sertão nordestino, o cearense Pedro Salgueiro enfrenta um grande desafio. Território fixado na literatura brasileira, o sertão guarda uma identidade galvanizada por mestres que foram do recorte naturalista ao experimentalismo de linguagem, retratando ou reinventando uma paisagem humana e social." E mais: "Mas nada se repete quando se tem uma vivência profunda da realidade ficcionalizada, por isso o sertão vai continuar tendo infinitas possibilidades para os dotados de sensibilidade artística aguçada".

### A CRUZ E A FORÇA

O cearense Daniel Mazza estreou em 2004 com *Fim de Tarde*. Também de poemas é este *A Cruz e a Força* (Fortaleza, Book Editora, 2007), ganhador do Prêmio Ideal Clube de Literatura. O livro é dividido em três partes: "A Morte", "A Culpa" e "A Cruz e a Força". Anderson Braga Horta assina o prefácio: "Neste volume, breve, mas poeticamente significativo, Mazza enfrenta com galhardia, no plano formal, os desafios do verso medido que não se quer rígido, do soneto que se recusa ao bafio das gavetas esquecidas, e, finalmente, do verso livre que se quer genuinamente novo, sem ingenuidades anárquicas." E conclui assim: "É um livro, pois, este *A Cruz e a Força*, de temática sombria e imagética tenebrosa. Felizmente, porém, não se contamina das trevas que revolve, porque iluminado pela força da poesia".

CUNHA DE LEIRADELLA

## DULCINÉIA EM HOLLYWOOD

Não existem boas nem más estórias. Existem apenas estórias. Que podem ser bem ou mal contadas. Há mil e uma formas de contar uma estória. Mas só uma (e apenas uma) é a forma certa de a contar. E é, justamente, essa forma que faz a diferença. Que mostra o abismo entre um bom e um mau escritor. Entre o escritor que sabe trilhar o seu caminho e o escritor que, sem procurar sequer encontrar o seu caminho, apenas segue o rastro dos outros, e o que é pior ainda, sem saber como nem para quê.

Cherlanyo Barros não é desses. É daqueles. daqueles que sabem trilhar o seu caminho. Os contos de *Dulcinéia em Hollywood* poderiam ter sido escritos de mil e uma formas. Mas Cherlanyo Barros soube escolher a forma certa. Mostrou-nos a essência dos seus personagens como ela deve ser

mostrada. Todos os seres humanos se parecem nas suas contradições.

E o autor, ser humano que é, não escapa das suas próprias contradições. Não existem contos perfeitos no livro de Cherlanyo Barros. Existem apenas estórias bem contadas. E é esta aparente contradição que deixa no leitor a satisfação de ter feito uma boa leitura. Ser ou não ser é apenas uma questão. E o importante não é a questão, é a postura, poder ser. E a forma como Cherlanyo Barros conta as estórias de *Dulcinéia em Hollywood* dá ao leitor a condição dessa possibilidade. Poder ser.

Está nascendo no Ceará um excelente contista. Escutem-no. Ele tem algo a dizer.

Casa das Leiras  
Portugal

HENRIQUE MARQUES SAMYN

## DOIS PIERRÔS

*"Respeite minha dor  
não cante agora  
perdi meu grande amor"  
Nelson Cavaquinho*

Chegam pela noite, os dois ao mesmo tempo: os passos e o silêncio. Olham-se um ao outro: o encontro é inesperado, mas guardam a surpresa – não querem nos semblantes demonstrar perturbação, sinal de uma fraqueza, receio, talvez medo. Chegam pela noite e seguem, lado a lado: os passos são iguais, os gestos são iguais. Não se ouve palavra: só os pés roçando a terra. Seguem a mesma trilha, fazem a mesma curva; súbito páram, juntos, diante da caixa de mármore.

Fitam, os olhos aos pares, a pedra lisa e negra. Cada um leva uma rosa – uma branca, uma vermelha, ambas nas mãos esquerdas – que ambos tentam esconder, por instinto ou por razão. Nas mãos, as duas rosas cujas pétalas tremem, leves – e desvelam, no tremor, o que os dois, com zelo, ocultam. Rígidos como a pedra, os olhos, retesados, obrigam-se a não ver mais que as letras escavadas – como se não vissem ao lado a sombra gêmea: frieza calculada, guardada no silêncio.

Na mão a rosa branca –  
branco era o sorriso daquela em que agora pensam: ela, ninfa morena, longos cabelos negros, pele esculpida em bronze. Os dois a haviam visto no meio da larga avenida: qual sílfide sambava, enlaçada em serpentinas, confetes pelo corpo recendente a adolescência; sambava e não os via – nada via, olhos cerrados, entregue a todo o enlevo que a arrastava na catarse. Mas eles, longe, a viam, entre as sombras mascarados – as lágrimas pintadas sobre a face entristecida. Quando veio a madrugada, os dois, na avenida vazia, enfim se aproximaram, idênticos nos passos – e ela, desvairada, sambando solitária, não os viu tirando as máscaras; nem viu quando seus lábios se arrastaram para um beijo – e aos braços entregou-se, num arroubo: Colombina.

Na mão a rosa vermelha –  
e os lábios separados pela lâmina da faca. Foi ela quem caiu – ela, adolescente, sem grito e sem gemido:

leve, lívida sílfide, silêncio e madrugada. E os dois que se entreolhavam, as mãos manchadas de sangue, calando o peito o pranto no mais vão dos fingimentos. O beijo interrompido secava nos seus lábios: nasceu de início a fúria – o corpo, no chão, sangrava; a lâmina vibrava, cobiçosa da vingança; mas era quarta-feira. Então se ajoelharam ao seu lado e a contemplaram: os dois que não puderam conhecê-la, Colombina, e agora nada tinham mais que o corpo fenecente.

E enfim a possuíram – – –

os olhos se encontraram, as mãos acharam as máscaras:

negras lágrimas retintas cobriram os rostos pálidos. Deram-se então as costas e afastaram-se, calados, outra vez iguais nos passos, no chão deixan-

do o corpo que outra vez não sambaria.

Fremem, nas mãos esquerdas, as rosas desalentadas. Lentas são entregues à pedra dura e fria, as pétalas pousando sobre o nome ali gravado, que os dois, num só sussurro, soturnos pronunciam. E aos poucos dão-se as costas outra vez, e enfim se afastam, sem fitar-se, austeros e hirtos – os pés roçando a terra, o luto em meio à noite, vão deixando longe a lápide coberta pelas rosas – rosa branca, rosa vermelha sob a chuva que, leve, cai, numa noite de quarta-feira. E ela não mais samba: no túmulo adormecida, revive na quarta-feira – fim de festa, amor e cinzas:

na pedra, as letras cravadas, o nome de Colombina.

### CONTOS DE SOBRAL E DE OUTROS SÍTIOS

Lustosa da Costa é autor de vasta obra literária desde 1971. *Contos de Sobral e de outros sítios* (Fortaleza, ed. do autor, 2007) é sua incursão no gênero conto, embora haja histórias curtas no volume *Foi na Seca do 19*. O autor assim se justifica na apresentação: "Alguns são contos de aprendiz, o que não significa serem os outros de mestre, porque são apenas resultado de maior experiência no ramo da escrita. Mia jornalística que literária. Quase todos são ambientados na diocese de Sobral, cidade de minha afeição, com a pesada presença do clero católico e de sua influência na sociedade." E adiante: "Alguns deles talvez não tenham maior mérito, como o do piquenique realizado do outro lado do rio Acaraú, senão o objetivo, para mim caro, de imortalizar o que penso ser um momento de lazer dos sobralenses naquela área, à época distante, de difícil acesso."

BATISTA DE LIMA \*

## A PASTORAL POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO

Francisco Carvalho tornou-se uma unanimidade acintosa. É aquele velho campeão que a torcida vibra mais pela derrapada do que pelo erguer da taça. Melhor poeta em atividade na Língua Portuguesa, é mais vítima do rótulo do que da idade. Aos setenta e sete anos o vate lança *Memórias do Espantalho – poemas escolhidos* (Imprensa Universitária da UFC, 2004).

É uma seleta dos seus melhores poemas presentes nos dezenove livros publicados a partir de *Os mortos azuis*, de 1971. Das quinhentas e duas páginas que compõem o livro, cento e quarenta e quatro são preenchidas com sua fortuna crítica. Então se apresentam críticos de renome e também professores universitários que o estudaram em dissertações de pós-graduação. São

quarenta estudiosos de sua obra que desfilam em ordem alfabética, com as descobertas mais variadas sobre a sua poética.

São, pois muitos os ensaístas que estudam Francisco Carvalho e descobrem em sua escritura, algo que não encontraram em outras estudadas. Por exemplo, quando se lê o texto de Gilberto Mendonça Teles (1998), espera-se encontrar na sua análise, alguma referência às repetições em Francisco Carvalho, uma *Estilística da Repetição* como ele faz tão bem com Drummond e que é farta em Carvalho. Mas não há nenhuma referência às repetições e sim à descoberta de uma "religiosidade literária" neste poeta cearense. "Deus" está presente constantemente nos poemas de Carvalho e

---

\*Batista de Lima, nascido em Lavras da Mangabeira, Ceará (1949), formou-se em Letras e Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Especializou-se em Teoria da Linguagem na Universidade de Fortaleza. cursou o mestrado em Literatura na Universidade Federal do Ceará. Participou ativamente dos grupos Siriará, Arsenal, Catolé e Plural. De poesia publicou os livros *Miranças* (1977), *Os Videntes da Serra Negra* (1981), *Engenho* (1984) e *Janeiro da Encarnação* (1995). Na área do ensaio literário apresentou, em 1993, *Os Vazios Repletos e Moreira Campos: A Escritura da Ordem e da Desordem*, e, em 2000, *O Fio e a Meada - Ensaios de Literatura Cearense*. De contos, *O Pescador da Tabocal* (1997) e *Janeiro é Um Mês Que Não Sossega* (2002).

a análise de Gilberto Mendonça Teles é em torno desse fenômeno.

Há um detalhe técnico na confecção do livro que poderia facilitar a procura de certos poemas antológicos do poeta. É que não deveria aparecer no sumário, apenas o título do livro, mas também o título de cada poema presente na antologia com sua respectiva página. Outro detalhe que chama a atenção é que certos poemas não estão completos. Exemplo: "Ode visionária", só está presente no seu canto XII. Esse poema, juntamente com "A máquina do mundo", de Drummond, são os dois melhores poemas produzidos no século vinte no Brasil.

Isto posto, podemos dizer ainda que o primeiro poema a aparecer no livro é o Sumário. Cada título de livro de Francisco Carvalho é uma metáfora. Alinhados esses títulos ter-se-á um poema que trará a temática principal da poesia do autor: "Pastoral dos dias maduros". Nessa pastoral há, pois, certo "preciosismo barroco... de gosto cultista", como afirma Domingos Carvalho da Silva (1983) que também não esquece de citar as anáforas quase que em excesso.

Sua mitologia poética constrói, pois, um monumento que podemos chamar de *Pastoral dos dias maduros*. Carvalho elabora em toda a sua obra uma poética da maturidade. Mesmo nas suas primeiras publicações, a partir de 1956, já se instaura essa terceira idade poética. É algo "sazonado", uma

permanente "solidão" incrustada em nuvens, pássaros, sonatas, mortos, visões, exílios, centauros, raízes e paisagens ceifadas. É um poeta maduro em permanente exílio até de si próprio. Há poemas em que se detecta até uma poética do pessimismo, da depressão e do desencanto. Francisco Carvalho é um poeta elegíaco. Mas canta tudo isso de forma humanizadora.

Se se quiser uma história de vida de Francisco Carvalho basta se seguir o conselho de Luciano Maia quando lhe dirige a palavra: "a biografia de um poeta são seus versos". (MAIA, 1995) Quando se lê essa pastoral das nuvens, dos pássaros e dos dias maduros, Russas aparece como que destino de quem busca um cordão umbilical que lá ficou perdido. Essa prospecção de um latifúndio memorialista vem banhada pelas águas de março do rio Jaguaribe, outras vezes ressequida pelas areias quentes do maior rio seco do mundo na combustão de setembro, outubro e novembro. As águas cortam no rio da terra, mas são perenes na memória do poeta que nascem da lágrima da chuva, do mar da saudade que canta em elegia.

Nessa antologia, primeiro aparece *Os mortos azuis*, de 1971. Não é seu primeiro livro, porque antes já haviam aparecido *Cristal de memória*, de 1955, e depois *Dimensão das coisas*, de 1966, e *Memorial de Orfeu*, de 1969. Acontece que é nesse livro onde aparece um grande paradoxo do poeta, e isso, no

melhor poema desse seu terceiro livro. Chama-se esse poema antológico "Canção dos deserdados". Não é pelas metáforas que já dão o tom do estilo do autor em livros futuros, tipo: "sol de úlceras", "musculatura de estrelas", "esqueleto dos caminhos", "pesadelo de Deus", "cinzas de vértebras". Não, não é isso. É que nesse poema de apenas vinte versos, ainda aparece sua profissão de fé: "o verso é um braço impotente/para ajudar os aflitos". É uma incoerência do poeta ao longo de sua trajetória. Ele é casado, amante e namorado da poesia. Vive com essa Beatriz, em todos os momentos da existência e ainda fala mal da coitada. Enfeita-lhe das melhores vestimentas (metáforas), cuida dela com mimos e ainda a exhibe ao público. Só pode amá-la. Mas é aquele amante que tanto ama que fala mal da amada para afastá-la do assédio dos invejosos. Francisco Carvalho, mesmo em conversas informais, não põe esperança na poesia. Mas vive dela. É ela a razão do seu existir. É um poeta enclausurado nos braços desse fio de vida que ele vive a negar.

Oscilando, de início, entre um neo-parnasianismo latente e um neo-modernismo aliciante, conforme afirma Artur Eduardo Benevides (pág. 403), é a partir de *Pastoral dos dias maduros*, que o poeta cristaliza seu estilo nesse livro que ao lado de *As verdes léguas*, alcança seus dois momentos de culminância na elaboração poética.

*Pastoral dos dias maduros* é o livro de uma maturidade que se instaura em toda sua trajetória literária e que leva toda a sua obra a se enquadrar perfeitamente nesse tema título. A impressão que se tem é de que o poeta já nasceu maduro, que é maduro nas raízes, na germinação. Maduro mesmo antes de ser concebido.

É a partir desse livro que o arcabouço mítico da sua escritura se define. É nesse momento de amadurecimento pleno que seu estilo alcança o patamar definitivo. E pode-se então delinear características permanentes em sua obra como: "as precariedades da vida e das coisas vivamente presentes diante da morte", como afirma Caio Porfírio Carneiro (1992:14) Ao flagrar esse efêmero, ele o eterniza através de uma epifania humanizadora. De um objeto aparentemente simples como um pote, ele consegue uma iluminação, uma transfiguração, que o pote passa a ser um ente sensível e sensível.

Essa transfiguração opera o milagre de, iluminado o ser, poder-se ver dele dimensões invisíveis. Daí que o poeta em certa oportunidade, falando de sua amada poesia, chega a pregar: "A medida da poesia é a totalidade do ser". Essa busca da totalidade alcança sua culminância em *Pastoral dos dias maduros* (1977). Nesse livro, Adriano Espínola (2000) rastreia as características que permeiam a obra inteira do poeta: "a memória da terra (...) o cultivo dos mortos (...) a noite (...) a

sensualidade latente". Há noite na superfície de um mar de subjetividades poéticas onde através do mergulho da prospecção pode-se resgatar a noturnidade poética permanente de Carvalho.

Mesmo com certa sisudez com que se apresenta em toda a sua obra, há em Francisco Carvalho um humor que vez por outra vem à tona em forma de ironia. Exemplo: "Mulheres são animais lindos / (...) / cavalgam nossos sonhos / e nossos desatinos. / Esvaziam nosso bolsos / e enchem a casa de meninos". (pág. 411)

Esses momentos álacres não tiram, no entanto o compromisso do poeta com a condição humana dos povos oprimidos da América. No livro *Crônica das raízes*, esses momentos se encontram e convivem com harmonia e grandeza. O apelo social quando transparece não contamina negativamente outras características.

Foi essa grandeza poética que fez o júri nacional do Prêmio Nestlé de Literatura atribuir-lhe em 1982, entre sete mil candidatos, o primeiro lugar ao livro *Quadrante Solar*.

Voltando ainda a *Pastoral dos Dias Maduros*, é com surpresa que constatamos a não inclusão entre os poemas selecionados para essa seleta, seu primoroso "O rio da minha aldeia" (A modo de Alberto Caiero), meta-poema que merece figurar em qualquer antologia de Francisco Carvalho. As intertextualidades presentes nesse

poema fazem com que o Tejo do poema pessoano seja descontextualizado e destronado de sua significação inicial. À proporção que o poema pessoano é desconstruído, Carvalho vai utilizando os materiais para soerguer a estrutura do seu poema.

Outro senão dessa antologia de Francisco Carvalho responde pelo fato de não terem sido contemplados os poemas dos seus três primeiros livros: *Cristal da memória*, 1955, *Dimensão das coisas*, 1966, e *Memorial de Orfeu*, 1969. Sabe-se de certo desamor do poeta pelo seu primeiro livro, o qual nem figura na Bibliografia do autor (pág. 499). Acontece que o leitor fica privado de ter uma visão global de sua obra e de se deparar com preciosidades omitidas dessa coletânea, como o soneto "O casarão", de *Memorial de Orfeu*:

Onde "Rugas feudais espreitam nos alpendres/ o inverno prometido que não veio./ Um vento esguio nos cristais ressoa./ Erram nos quartos vultos de alfazema/ E um cheiro milenar de palha e seio".

A presença desses versos comprova a necessidade de incluí-lo em qualquer coletânea de poemas do poeta. A ancestralidade transborda dos versos. Os cheiros da memória sinestésicamente afloram e aguçam os sentidos do leitor, principalmente daqueles que tiveram origem rural.

Ao se analisar essa antologia de Francisco Carvalho, corre-se o risco de falar do que não está na antologia:

*Cristal da memória, Canção Atrás da Esfinge, Dimensão das coisas, Memorial de Orfeu.* Na Bibliografia do autor, página 499, esses dois últimos livros, mesmo não sendo contemplados na coletânea, são pelo menos citados. Os dois primeiros, no entanto, nem figuram como produção literária do autor. O leitor fica como que compungido diante do ostracismo a que são colocados esses dois rebentos do autor. Não fosse a mão estirada do crítico Teoberto Landim, esse primogênito e seu irmão segundo se fogueariam nas águas do esquecimento. E não precisa se fazer exame de DNA para se constatar que neles circula o mesmo plasma que pereniza o restante da sua produção. O citado crítico chega a falar claramente da condição bastarda a que esses dois livros são conduzidos ao afirmar: "Francisco Carvalho confessa que não gostaria que seus dois primeiros livros fossem levados em conta no cômputo geral de sua produção poética, pois os considera como simples experiências de um período de transição do seu aprendizado literário". (pág. 492) Méritos para Teoberto Landim, que foi estudar a obra do autor nos seus alicerces, na sua gênese. E aí se constata que os caracteres contatados pelo crítico coincidem com os que nos detêm nas obras recentes: o indefinível como desoluição do real, o céu da dimensão das coisas, a fragmentação do mundo a serviço do encantamento.

Esse retorno aos primeiros tempos do escritor nos liga a sua terra, a uma busca do seu cordão umbilical que ficou enterrado no município de Russas, nos idos de 1927, no vale do Rio Jaguaribe, "artéria por onde se esvai o sangue do Ceará", no dizer de Demócrito Rocha. Feitos os estudos iniciais no Ateneu são Bernardo, de Russas, Carvalho veio apontar na Capital do Estado onde sentou poeira, após se abancar como funcionário da Universidade Federal do Ceará, útero onde germinou o CLÃ, o grupo literário mais duradouro e mais rufífero da Literatura Cearense. Ermitão da poesia, sempre achou que "poetas e escritores, de um modo geral, não passam de narcisos que se contemplam pateticamente no espelho trincado da própria subjetividade" (pág. 498). Após 39 anos de clausura funcional em um dos departamentos da Universidade Federal do Ceará aposentaram-no. E ele se vingou tentando aposentar a poesia em si próprio ao escrever que: "com esta edição de poemas escolhidos, que não são necessariamente os melhores, pretende encerrar sua obscura carreira literária de poeta assumidamente municipal". (pág. 499)

Essa tentativa de se ludibriar e de escamotear uma relação íntima com a poesia não convence o leitor atento. Primeiro porque o poema nunca deixa de ser escrito. Cada leitor novo que aparecer pegará da pena de Carvalho e continuará essa escritura interminável.

Mesmo que esse filho de Russas pregue que seus poemas são menores e que todos morrerão consigo, não será morte com enterro final. Cada leitor disputará a alça desse esquite em busca de um sepultamento que nunca ocorrerá. Daí que a tentativa de epitáfio que se concentra permanentemente em sua obra cai no desuso devido às *Verdes Léguas* e às botas de sete léguas de que cada leitor se reveste na jornada.

Francisco Carvalho é o poeta da repetição. Repete para ecoar. Cada metáfora repetida é um degrau construído na ligação com o leitor. Essa escada de Jacó em busca de um quinto império poético é interminável e desmente o autor, afinal seus versos não são inúteis como não foi inútil o sacrifício de D. Sebastião.

### Bibliografia

CARNEIRO, Caio Porfírio. "O Tecedor de Poesia". In CARVALHO, Francisco, *O Tecedor e sua Trama*. João Scortecci Editora, São Paulo: 1992.

ESPINOLA, Adriano. "Em louvor ao poeta Francisco Carvalho". In *Revista Literatura*, n. 19, Brasília: dez., 2000.

MAIA, Luciano. "Francisco Carvalho" In *Textos e contextos*. UFC/CJA. Fortaleza: 1995

SILVA, Domingos Carvalho da. "Espelhos da Metáfora". In *Jornal do Brasil*, Rio: 1983.

TELES, Gilberto Mendonça. "A poesia de Francisco Carvalho". In CARVALHO, Francisco. *Romance da Nuvem Pássaro*. UFC/Programa Editorial da Casa de José de Alencar, Fortaleza: 1998.

### ADOR DE AMAR DEMÔNIOS

Delermundo Vieira é de Caldas Novas, Goiás, estreou em 1982 com os poemas de *Corpungido*. *A Dor de Amar Demônios* (Goiânia, Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1997) é seu nono livro, o segundo de contos. Brasigóis Felício, nas abas, observou: (...) "tudo o que este autor vem revelando (e impondo, com o ferrete de seu talento), está presente nestas fábulas cosmodemoníacas, em que treze demônios, disfarçados de perso-nagens, estão presentes". E mais: "Ninguém será o mesmo, depois de viajar pela noite tenebrosa destas estórias quase macabras, em que o horror, o neobarroco e o gótico se imbricam a gritar, à sociedade dos mortos-vivos, o quanto lateja e vibra, em sua alma de poeta, o obsceno esplendor do Ser".

NIRTON VENANCIO \*

## UNIDADE

Cada dia  
tem sua porção de vida  
tem sua imensidão de luz  
tem sua solidão de gente  
cada dia  
cabe em si mesmo  
como cabem na terra  
a colheita e a semente.

Cada dia  
tem seu ontem e amanhã  
tem seu silêncio de espera  
tem sua largura de saudade  
cada dia  
cabe em si mesmo  
como cabem no continente  
a distância e a cidade.

Cada dia  
tem seu mar e os peixes  
tem seus barcos e as viagens  
tem seus remos e mãos fortes  
cada dia  
cabe em si mesmo  
como cabe no porto  
o rumo do sul e do norte

(do livro "Poesia provisória")

---

\*Nirton Venancio nasceu em Crateús, Ceará, em 1955. Formou-se em Letras pela Universidade Estadual do Ceará. Vencedor do 1º Prêmio Filgueiras Lima de Poesia, com *Roteiro dos pássaros*. Seu segundo livro, *Cumplicidade poética*, saiu em 1984. É roteirista e diretor de filmes. Dois de seus curtas-metragens receberam prêmios principais em festivais nacionais.

AÍLA SAMPAIO

## “CARNAVALHA”: SURREALISMO E CARNAVALIZAÇÃO

"Carnavalha" é o 7º romance de Nilto Maciel, recém lançado pela editora Bestiário (Porto Alegre, 2007). O romance agrada o leitor a partir do trabalho gráfico apurado (o mesmo do livro anterior, a coletânea de contos "A leste da morte" (2006)) até a extensão dos capítulos, sempre curtos e nominados. A história se passa na cidade de Palma, no Ceará, espaço (imaginário) recorrente em livros anteriores, e o leitor fica suspenso no questionamento: a rotina foi modificada pela festa momina ou a cidade é um antro de loucos, que vivem o 'carnaval' permanentemente? Afinal, como diz o Zuza: "*A cidade é cheia de fantasias. O Carnaval é o cotidiano*" (p.147).

A narração faz desfilar uma galeria de personagens que surgem, desaparecem e ressurgem como num desfile de carnaval; o ritmo constante e denso dá a impressão da passagem 'tumultuada' de blocos carnavalescos, que é o que constitui, de certa forma, cada capítulo. O discurso do narrador, em 3ª pessoa, predominantemente no pretérito imperfeito do indicativo, um tempo que expressa um fato passado contínuo, co-

loca o leitor diante de acontecimentos passados, mas de incerta localização no tempo: tudo se passou e parece estar ainda se passando. A idéia de simultaneidade está presente, sobretudo, na quinta parte, quando os capítulos enfocam especialmente um personagem (ou um par), o que é reiterado pela alternância de vozes: o narrador fala e faz ecoar a voz dos personagens, por meio da mistura contínua dos discursos indireto e indireto livre.

Embora o Zuza apareça no início e no desfecho da narrativa, o enredo não tem personagem central – todos estão inseridos no mesmo enfoque delirante do narrador onisciente – a protagonista da obra é a própria vida. Os personagens aparecem invariavelmente submetidos a situações que transpõem a racionalidade, imersos num mundo surreal, que tem a sua própria lei: a do absurdo. Não há nenhum questionamento por parte deles sobre o delírio em que vivem; a transgressão da normalidade aparece como natural. Os acontecimentos que fazem o enredo estão, pois, libertos das exigências da **lógica** e da **razão**, vão além da **cons-**

**ciência** cotidiana e se expressam através do desvario: "*Montado num dromedário, Alúcio passeava pelas ruas de Palma. Seguiam-nos outros dromedários, cavalgados por seus amigos de Brasília. Iam pela Avenida Dom Bosco, no rumo da matriz /.../ Súbito os animais se punham a correr pelas ruas, em desabalada carreira. "Sou Lawrence da Arábia. Vocês não me acham parecido com Omar Sharif?". Aos gritos uma multidão de meninos corria atrás da caravana.*" (p.125).

De fato, exatamente como preceitua o manifesto surrealista, "Carnavalha" rejeita "a chamada ditadura da razão e os valores burgueses. Humor, sonho e contra-lógica são recursos a serem utilizados para libertar o homem da existência utilitária. Segundo a nova ordem, as idéias de bom gosto e decoro devem ser subvertidas". Essa filiação não está apenas no conteúdo, mas na própria forma: percebe-se que "o impulso criativo artístico se dá através do fluxo de consciência despejado sobre a obra". Há uma 'avalanche' de situações que se sucedem, literalmente regurgitadas pelo narrador, e nenhuma obedece à lógica referencial. Vejamos outra passagem, quando o sagrado e o profano se colocam lado a lado: "*Foliões invadiam a igreja, escancarando as portas laterais e da frente. Fantasiados, de roupas coloridas, pintados e seminus, gritavam, cantavam e pulavam. Maroca leva as mãos à boca horrorizada: "Padre, padre, veja que profa-*

*nação!". Porém os fiéis se misturavam aos carnavalescos e se punham a dançar, pular e cantar /.../ E então o pároco, acolitado ainda por Alzira, surgia às suas costas, não mais de batina, porém vestido de uma capa preta, chifres enormes, um rabo a balouçar, língua de fora /.../ Encapetado, o padre buscava Maroca e a encontrava ao lado do altar. Agarrava-a por trás e fazia menção de violentá-la"* (pp.100-101).

Na sexta parte, os fatos surreais são interrompidos, e o bêbado Zuza volta às atenções ao perturbar, com a inconveniência e a sinceridade dos ébrios, conterrâneos e visitantes que brincam o carnaval. Durante o tão esperado baile no balneário, seu corpo aparece boiando na piscina. No capítulo "As Cinzas", simbólico porque marca o fim do carnaval e o fim também do carnavalesco Zuza, todos são interrogados pelo delegado Pedro Cabral. O romance termina com a descrição do baile e a fala do Zuza, em cima do palco: "canalha, carnalha, canaval, carnavalha, carnalha, carnalma, carvalha, canavialha, carnavialma, bando de canalhas, macacos, cambada de farsantes" (p.173). A orquestra pára, as luzes apagam e sons conexos e desconexos ressoam na multidão. Como no capítulo anterior sabe-se que o Zuza morreu, supõe-se que tenha sido esse o seu momento final. Nenhuma elucidação do crime, entretanto, é dada ao leitor: suicídio? Assassinato? O romance termina.

Além do imenso elenco de perso-

nagens, há uma infinidade de bichos e insetos que pululam o universo delirante de Palma: cachorros, dromedários, cavalos, onças, gatos, galinhas, baratas, aranhas, corujas, ratos, abelhas, todos nivelados ao homem na mesma aparente naturalização do irracional: "*O gato miava, agigantava-se, fazia-se onça e saltava ao pescoço do estranho*" (p.74) "*!.../ "Eu não entendo como pode um homem se entender tão bem com um cão e deixar de lado a cadela". A da casa brincava: "Você não queria dizer a cadele?" Vicente se levantava e saía para a rua. Guiomar ia a seu encalço. A mulher corria à porta e se punha a imitar latidos*" (p.78). *!.../ "O cachorro se punha a latir e caminhava em direção à dona da casa, dentes à mostra. "Ou a senhora fica com ele, ou eu o mando morder as suas nádegas"*" (p.85). Um mundo fantasioso se instaura e nada é o que aparenta ser.

Muitos intertextos permeiam a voz do narrador e dos personagens. São passagens de obras ou referência à Bíblia sagrada, a Shakespeare, Hamlet, Dante Alighieri, Cervantes, letras de música, à carta de Pero Vaz de Caminha: "*Alguns homens traziam os beiços furados e nos buracos uns espelhos de pau. Entre eles, cinco ou seis moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas. Traziam suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que mais pareciam meninas*" (p.75). Ali-

ás, a Carta está em todo o capítulo "As cinzas". O nome do delegado é Pedro Cabral e o escrivão, ao datilografar os depoimentos, mantém uma cópia ao lado e fica a repetir passagens. O delegado, ironicamente, vive consultando um "Livro de ditados" e a cada depoimento desfere um como uma verdade irrefutável.

Fora das fronteiras do Fantástico, gênero tão bem exercitado em obras anteriores, "Carnavalha" é um romance ousado, subversivo da ordem e dos cânones tradicionais. O irônico se mistura ao trágico e ao cômico e cria um universo simbólico pleno de representações. Nilto Maciel demonstra total domínio do texto ficcional, autonomia e capacidade de brincar com as coisas sérias. Daí ser impossível ler "Carnavalha" e não referir, também, Bakhtin e sua teoria sobre a 'carnavalização' na obra literária. Embora na obra do Nilto o cômico esteja ligado ao trágico - há muito sofrimento, num desmascaramento das agruras da própria existência - nela o carnaval representa a festa dos loucos (*festum stultorum*) e predomina o realismo grotesco de que fala Bakhtin; há muitas imagens deformadas e exagero, há confusão e dissolução de identidades e a total liberdade de transgredir, inclusive a lógica. Entre o Surrealismo e a Carnavalização, Nilto Maciel escreveu um dos romances mais interessantes que li nos últimos tempos. Vale a pena conferir!

RINALDO DE FERNANDES \*

## O FAROL

*para Moacyr Scliar, que gosta  
deste conto*

As luzes de todos os bares da orla, de repente, no fim de tarde, jorram nas calçadas, nas mesas e cadeiras brancas. Quando acende o hotel, eu lembro de ti. Olho, na outra ponta da praia, o farol. O farol precisa de você – e eu dele. O farol precisa de você porque você conseguiu aí o emprego de alumiar-lo nas noites, de mantê-lo. E eu preciso dele porque ele te acende. O pingo de luz rodando no alto do morro, certo, fixo, eu sei que é você.

Quando o hotel se ilumina, eu lembro de ti porque antes você era dele. Do hotel. Agora você se elevou. É do farol. No fim de tarde, você segue para o emprego de, a noite toda, virar uma

estrela amarela no topo do morro. Estrela que, da janela de minha quitinete, às vezes com o violão nas mãos, eu fico vigiando. Sei que aquele comando apodrecido, enquanto não chega o novo, precisa de alguém perto dele. Se você sai de perto daquele comando comido pela ferrugem, aí não há farol. E quando o farol apaga, tremo – onde você se enfiou? Quando o farol apaga, caço em todas as estrelas o feixe amarelo. Ou então vou pra porta do hotel (de onde já fui funcionário, antes de me tornar músico). Porque acho que você, de repente, pode querer de novo se largar pra ele. Pro hotel. Mas, aí, vendo bem por ali, não distingo a tua luz entre tantas, mortiças, azuladas. Procuo nas ruas, nos arredores do porto. És o abajur baixo daquele quarto? A lâmpada triste daquele corredor? Neste momento, onde jorra você?

---

\*Rinaldo de Fernandes é contista premiado (obteve, com o conto inédito "Beleza", que integrará o seu próximo livro, o primeiro lugar no Concurso Nacional de Contos do Paraná de 2006). Autor dos livros de contos *O Caçador* (1997) e *O perfume de Roberta* (Rio de Janeiro: Garamond, 2005). Organizador das antologias *Contos cruéis* (São Paulo: Geração Editorial, 2006) e *Quartas histórias: contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa* (Rio de Janeiro: Garamond, 2006). E-mail: rinaldofernandes@uol.com.br

Ainda bem que, vai partindo a madrugada, no alto do morro você volta a acender. De novo, você guia os navios. Enquanto em volta, já o sangue da aurora, vão secando as outras estrelas.

### CARPINTEIRA

Transborda o berço, o sono do meu filho no quarto. Os pingos no metal da pia – marteladas no meu crânio. Vou à cozinha, aperto bem a torneira. Antigamente, tudo limpo, polido. Agora, o pó cobrindo a geladeira. Na sala, despenco o corpo na poltrona.

A TV fora do ar, meus dedos tamborilam no nada. Minha vida, a esse tempo, embrulhada em quatro paredes. Olho-me no grande espelho. Em carne viva, a mordida que os dias me arrancaram.

Olho a cinza de cigarro que, antes de sair, meu marido quebrou no tapete. Alta madrugada, bêbado, ele chega atropelando o sono do menino e o meu. Em nossas discussões borriфа-me o rosto com o rum do ódio.

Mas, carpinteira, construo um barco com as tranças nuas de cebola. É nele que, próximo temporal, ganharei as águas que, eu sei, sempre estouram da biqueira.

### CERRADO DESTERRO

Este é o título do volume 1 das memórias de Emanuel Medeiros Vieira (Brasília, Ed. Thesaurus, 2008), 382 páginas. O editor Victor Alegria assina as orelhas: "A mergulhar décadas atrás num vulcão incandescente de idéias, propósitos, intenções e buscas, leva o autor a determinar quais os funda-mentos que regeram sua vida, suas atitudes, seus descaminhos e suas estradas para o futuro, onde ele se encontra hoje." Na quarta capa se lê: "Memórias divididas em três partes. Emanuel relembra aqui os amigos, vivências e poesias. Abre o peito e a verve, revelando ao leitor o grande valor que possui, como afirma Lourenço Cazarré: 'um dos mais destacados autores de Santa Catarina, Emanuel Medeiros Vieira honra sua terra com uma literatura visceral, incisiva. Nos séculos próximos, quem quiser saber como sentia, amava e sonhava um ilhéus desde o mais cosmopolita até o mais humilde pescador), terá necessa-riamente que ler os contos de Emanuel'".

FRANCISCO MIGUEL DE MOURA \*

## QUEM TEM MEDO DE ASCENDINO LEITE?

Poesia de um tempo sem tempo, tempo de Deus e do Demo, do sensual e do áspero, embora lírico, poesia de um mundo do mercado e da mercadoria, quando as almas se refugiam nas nuvens ou nos jardins (os eternos) que os poetas fabricamos para as nossas delícias. É a poesia maiúscula refugiada em alguns poetas e poucos livros como esta reunião de Ascendino Leite, denominada *Poesia ou Morte*, Edições Idéia, João Pessoa, 2006, com 671 páginas. Não sei se é toda a poesia do poeta, romancista, memorialista, cronista, dono do melhor estilo de língua portuguesa nos dias atuais, no Brasil, que eu conheço, rivalizando apenas com O.G. Rego de Carvalho que se diz influenciado pela leitura de seus romances – bela ficção, tão profunda quanto poética, tão lírica quanto dramática. Não falo sobre a língua em Portugal, nas Áfricas, Ásias e Oceanias, pela distância, pelo meu desconhecimento do muito que lá se escreve. "*Visões do Vale*" e "*O Nariz de Cíntia*", para meu gosto

especial, são apaixonantes. Mas seu "*Jardim Marítimo*", com o qual inicia o volume em comentário, é de uma singularidade tão feliz que certamente agradará a todos os espíritos sem correntes, sem peias, sem traves.

Por quê? A terra é dura e produz frutos estranhos, espinhosos (podem ser até suculentos); a terra esconde-se como um grão num porto ou num navio ancorado na escuridão. É preciso visitá-los com paciência e amor, com luz e também sofreguidão. Ler suas sementes, ler sua colheita de grãos alimentadores. Ascendino Leite é da Paraíba, trabalhou como jornalista no Rio por muitos anos e depois voltou para sua João Pessoa, no tempo da aposentadoria. Uma volta, um encontro com suas raízes. Esse encontro está na sua poesia não apenas como matéria, mas como forma e estilo.

Por quê? "*As coisas delicadas não se perdem*". São flor e som, eterna luz. "*A palavras, em geral, são exigentes, nunca possessivas, ou inúteis*". Mas "de

---

\*Francisco Miguel de Moura, escritor brasileiro, mora em Teresina - Piauí.  
franciscomigueldemoura@superig.com.br

nada servem em tom de culpa, queixa, ou para alimentar uma ambição", Ascendino Leite completaria, no mesmo poema. Noutra, oferecido a uma senhora de suas relações (ou é ficção?), ele casa tempo e destino, traz todo o seu afeto de ardente contemporaneidade. Que casamento mais concorde com toda a sua poética!

Poeta fortíssimo, ninguém vai jamais imitá-lo nem corrompê-lo, graças ao seu equilibrado lirismo/dramático/trágico, no grande sentido, cheio de orgasmos da razão, da vida, do saber, do cheiro e do sabor do ver e do ouvir. O ritmo e a música são próprios da alma da poesia escrita, nunca lembrando canções populares, que afinal de contas se servem tanto dos lugares comuns não recriados – digo as letras das canções. Ficará aquela que é boa música também.

Por que falar das emoções onde sobram, derretem-se, penetram, petrificam-se em estátuas como obras perpétuas dos melhores artistas universais? Aqui arte e artista se confundem, numa nova ordem de lídimo construtor nordestino, brasileiro, universal. Não há, por outro lado, como individuar poemas, dentro de uma seara tão fecunda. É um rio de poesia. Um de mar de sargaços, recifes e correntezas frias ou quentes, que vão dos pó-

los ao equador, e se corporificam num verso ou num nome para a lembrança do que foi comovidamente vivido em sonho e imaginação. Imagens inusitadas como aquela que dá título a "Nariz de Cíntia". Para tanta poesia, um nome tão apoético – nariz, atrelado a um nome de mulher tão belo – Cíntia. O que esconde e o que mais mostra essa figura? A obra inteira é um granito que há de durar e resistir ao vento que fus-tiga os mares e as montanhas, os vales e os campos gerais, nos verões de sol e calor do nordeste, nas geadas e minuanas do sul. Nas esperanças da ressurreição do homem.

O poeta mais singular que conheço, Ascendino Leite, pode ficar tranquilo quanto ao silêncio da crítica. Eles não no entendem, têm medo. Os poetas também. Não sei por quê. Destino e tempo de uma lírica enganosa de sentimentalidade, quando no fundo é *anti* e *contra* o que não corta, o que não pensa, o que não decanta. E, sobretudo a favor da sensualidade que nós carregamos sem saber como todos os vivos do universo. Sensualidade que é alma, pensamento, razão e luz, liberdade e amor. Sensualidade consentida pelo poeta das desmedidas paixões, mas poeta do esplendor duma beleza ática, na expressão mais legítima da palavra.

PEDRO SALGUEIRO\*

## PRISIONEIRO

Os vagabundos que foram presos nos arredores da cidade não tiveram muita sorte em escolher aquela época do ano para virem pedir esmolas em nossas ruas. No começo eu também achava que eles eram espiões de nossos aguardados invasores, mas, com o tempo, fui me convencendo de que não passavam de uns pobres coitados cujas culpas não iam além de algum furto de galinha ou roupa em qualquer quintal. Nunca os perigosos inimigos mandariam batedores tão idiotas e sem nenhum disfarce. Cheguei a estas conclusões depois de rever meus apontamentos sobre os muitos suspeitos que estive a investigar durante quase toda a minha vida. Não possuíam nada que lembrasse o povo que um dia cheguei a visitar sem querer; nada do olhar perdido, melancólico... e, além do mais, aqueles que acabavam de ser presos eram suspeitos demais para a especial missão de nossos invasores: porque

sempre imaginei os inimigos como superiores a nós em físico e inteligência, portanto nunca poderiam ser aqueles miseráveis os culpados por uma rede sofisticada de espionagem.

Parecia tarde para convencer nossos habitantes do seu equívoco em prender os coitados: eles já estavam amarrados com uma corda única pelos braços e pés, encangados como se fossem animais em parilha, atrás uns dos outros; também raspavam suas cabeças descuidadamente (deixando à mostra alguns tufo de cabelo pregados nos crânios) e vinham percorrendo rua a rua, beco a beco de nossos povoados. Os mais exaltados à frente, fazendo discursos, e os outros seguiam atrás se revezando nos açoites com galhos de urtiga cansação e nos cutucões com pontas de vara. Os forasteiros iam salpicados de sangue nas costas e braços, e os vergalhões das urtigas queimavam-lhes o pescoço e a barriga.

---

\*Pedro Salgueiro nasceu no Ceará (Tamboril, 1964), tem editados os livros de contos *O Peso do Morto*, *O Espantalho*, *Brincar Com Armas*, *Dos Valores Do Inimigo e Inimigos*, o mais recente, além de *Fortaleza Voadora*, de crônicas. Premiado diversas vezes. Tem contos em antologias e revistas. Edita, com Jorge Pieiro, a revista *Caos Portátil: Um Almanaque de Contos*.

A meninada se divertia correndo ao redor, gritando muito e vez por outra atirando pedras com estilingues, tudo isso em meio a uma grande alegria (eram os únicos que aparentavam não compreender a gravidade da situação e apenas se divertiam). Quase tinham percorrido todos os vilarejos, quando foram perceber que os prisioneiros não agüentariam por muito tempo; foi aí então que me aproveitei (visto que eu jamais convenceria meus companheiros da inocência dos mendigos) e lancei a idéia de os manter vivos, para que pudéssemos interrogá-los quando eles se recuperassem. Apesar de alguns terem sido contra, a maioria achou lúcida minha proposta e me delegou a tarefa de ir diariamente à cadeia investigar suas verdadeiras intenções em ultrapassar os nossos limites

territoriais.

Por várias semanas estive a cuidar deles com presteza (as feridas já cicatrizavam, e aos poucos conseguiam se manter de pé). Nada falavam, pois o medo continuava estampado em seus olhos. Durante este tempo, organizei minuciosamente a fuga, de maneira que não levantasse a mínima suspeita sobre mim. Um belo dia (uma bela manhã, para bem dizer) fui acordado com o alarido nas ruas e, através dos gritos, fiquei sabendo que os prisioneiros haviam fugido.

Nunca conseguiram provar nada contra mim, e as únicas lembranças que trago daqueles dias são estas marcas no meu corpo... decorrência das muitas pedras que alguns ainda teimam em me atirar todas as vezes em que eu insisto em sair às ruas.

### FERROVIA

O poeta Demétrio Vieira Diniz, nascido em 1946, publicou em 2007 o volume intitulado *Ferrovia* (Recife, edição do autor), 98 páginas. Nas abas, o poeta cearense, radicado em Mossoró, RN, R. Leontino Filho informa: Demétrio é autor de *Passarás* (1999) e *Haveres* (2004). E nada mais se diz, no livro, a respeito do poeta. Por outro lado, a apresentação assinada por Anchella Monte é um estudo longo e profundo de sua obra: "O poeta Demétrio Vieira Diniz é um contador de histórias"; "Nos poemas de Demétrio há tempos e espaços, há personagens e dramas, há um narrador lúcido que se faz presente com muita intensidade. Os elementos da narrativa estão em seus poemas, cobertos de metáforas e ritmos e da intensa sedução dos textos que se condensam".

SOARES FEITOSA

## JOSÉ ALCIDES PINTO, DE CORAÇÃO PENDIDO

Depois de longa volta, um belo dia, procurei meu velho companheiro de jornal, o César Coelho. Não foi fácil achar-lhe o endereço, que ele, também "sumido", ninguém sabia dele. A festa! A surpresa dele em me saber, assim de susto, metido com poesia, que poeta era ele, eu não. Fôramos, de jovens, companheiros de jornal, Gazeta de Notícias, Fortaleza, Ceará, 1961. Eu, 17, ainda *de-menor*; César, uns dois ou três a mais; Tarcísio Holanda, nosso chefe de reportagem, e amigo, já de cabelos poucos, menos de trinta. Morávamos, os três, ali para os lados do Colégio Militar, Ruas Dona Leopoldina e Costa Barros. Naquele ancestral costume de andar a pé, zarpávamos os três de lá até a Clarindo de Queiroz, o jornal, praça da Faculdade Direito, *póco, póco, póco*, e tome assunto! E, quando os deuses permitiam, de nossos bolsos magros, um pega-pinto, bem gelado, no calorão da Praça do Ferreira, no caminho. Leitor, amanhã, prometo-lhe, contarei a pé quantos quarteirões, andando, a pé, de lá e cá. Direi também se ainda tem pega-pinto, um fresco de uma raiz selvagem.

Sumíramos. Tarcísio Holanda mudou-se para Brasília. César continuou nas letras, aqui, jornais. Escapulime eu noutras paragens, Recife, Bahia, auditor de profissão, açougueiro também, cousas de pouco a ter com poesia. Ou, quem é que sabe?! - de muito a ter. Trinta e muitos anos, notícia nenhuma.

– César, sou eu!

– Feitosinha! – assim me tratava ele, embora triplo de pescoço e bucho imenso, este aqui, sob um diminutivo injusto. Até que... o meu amigo, inesperada a ceifeira, inesperado o telefonema do poeta Artur Eduardo Benevides, eu, lá na Bahia, a notícia, o engasgo de que ele, César...!

Pois se as letras não me garantirem prazer algum – digo-o apenas por dizer, que os prazeres têm-me sido intensos –, guardarei este: o reencontro com o meu velho amigo César Coelho. E mais este outro: conhecer, através do meu amigo, este novo amigo, José Alcides Pinto, poeta.

– Poeta César, onde é o poeta Alcides?

César falou-me de uma certa Vila

Cordeiro, nº 8, muito admirado não conhecesse eu o outro, Alcides, o poeta. Arrastamos para lá.

Leitor, sabe você o que é ser bem recebido, à altura daquela palavra sertaneja e bíblica, chamada hospitalidade? Mais que festa! As coisas mínimas, mas o coração pendido, fendido. Um coração fêmeo, como fêmea há de ser a hospitalidade. Uma braçada de livros, os livros dele, deu-mos; e, ali mesmo, um a um, em cima da perna, a dedicatória, cada qual diferente da anterior. Para mais!

Leu um "papé", dos meus, que os levei, nem lembro quais, que nem vem ao caso, porque o falado aqui é o Alcides, não eu. Contudo, a lhe desdobrar a generosidade, Alcides pegou poema meu, leu bem rápido, juntou com os outros, chutou-os para cima, batendo-os na luz-lâmpada, pra lá e pra cá o abajur, apaga não apaga. Depois os catamos, papéis, poemas, o chão nos olhos à luz que não apagara. Ele pediu para reler. Fez questão de reler. Pediu-os para ficar. Eu disse que sim. E a despedida. De dentro de casa até do lado de fora. Do lado de fora, calçada da Vila Cordeiro, nº 8, até do outro lado da rua. Até o carro, o riso amplo. Até sumirem carro, pessoas, coisas.

Vivo dizendo-me pessoa de sorte. A estranha sorte de abrir livro entre livros. A fabulosa sorte de abrir página por entre páginas. O livro, dentre os muitos, *JOÃO PINTO DE MARIA, BIOGRAFIA DE UM LOUCO*, de

Alcides Pinto. A página, por entre páginas, *PROJETO RURAL*, um poema, também de Alcides. Li-os, no mesmo *trom*, assim que cheguei em casa. Liguei, ainda na mesma noite, para o César Coelho. Ele cobrou-me tão-só do proverbial "Eu não lhe disse?!". Sim, dissera-o, a caminho. Na ida e na volta. Repito-o agora, por ele, que já não diz mais; di-lo-ei eu enquanto for servido, Ele.

### I - PROJETO RURAL

Tomo-me de absoluta ternura pelo poema de que me consigo chamar para dentro. Como se fosse o poeta, o ator, o autor, eu, sei lá quem, tal se aquelas coisas ditas pelo outro, eu as dissesse, que, quanto mais me for impossível dizê-las, mais bonitas me dizem. De pura inveja, talvez! *PROJETO RURAL*, poema de Alcides, é destes: leio-me, lendo-me nele, sem o talento porém.

Cuida o *PROJETO RURAL* de uma hipotética viagem do poeta Artur Eduardo Benevides à fazenda Equinócio, à época de propriedade do José Alcides Pinto. Sim, o poeta não há de viajar sozinho. Mas em que transporte? De trem, de ônibus, de automóvel? Segundo Alcides, tão amoroso empreendimento há de ser realizado em carruagem – cavalos, cocheiro, noite, pernoite, portinholas, seio arfante, harpias, Orfeu, cantos e canções da noite. Alcides adverte: *Sob hipótese*

*alguma poderá o cocheiro esquadriñar o interior da viatura.*

A amada do poeta, nem poderia ser diferente, de elegância plena. Há uma cena de embriaguez, não de álcoois, mas de amor, Ela. Descrever-lhe a beleza? Uma perda de tempo! Trata-se da amada; isto basta. Viajam.

Enquanto a viagem prossegue, mais nos céus que nas estradas do sertão seco e luminoso de Irauçuba, o proprietário rural (Alcides) aguarda os viajantes. Ele e seus criados enlouquecidos de velhice, Aprígio e Quitéria, ainda do tempo de Sinhá, morta há quase século, a falarem de novenas, quermesses, santas missões, trens e procições. Como seria possível concluir, em ponto de partida e de chegada? De pura magia, é claro:

*O que mais o preocupa é a data da chegada do amigo, pois está de todo esquecido. Mal acaba de pensar, vê a diligência entrar nos limites das terras da fazenda. A carruagem vem solta, sem comando, trazida apenas pelos animais. O cocheiro está morto ou está dormindo. E não há ninguém no interior do coche. As portinholas batem. O vento as atravessa como um gemido.*

Mas quem disse?! Serei eu louco para tentar contar como foi?! Cumpre-me aqui apenas o silêncio – *selah!* Porei minha mão sobre a boca, disse Jó (40, 4). Vá você, meu caro leitor: está o PROJETO RURAL intacto no seu

Jornal de Poesia! O resto é de sua conta. Por seu favor, leia-o, diga-mo.

## II - JOÃO PINTO DE MARIA, BIOGRAFIA DE UM LOUCO

É um livro quase magro, pouco mais de cem páginas, se tanto, bom de abrir, melhor de ler. João Pinto de Maria, proprietário rural, o armazém de cera de carnaúba, a usina de algodão, a máquina a vapor, da fábrica, polmando fumaça, apitos, correias e transmissões, *vide* Ode Triunfal, de Fernando Pessoa. Inclusive o acidente (falta de rezas) com o braço do operário. Tudo superlativo. João Pinto é o progresso em pessoa, mas, ao mesmo tempo, a sovínice em grau absoluto. De louco, assim me parece, João Pinto não tinha nada. De tão sábio, isto sim, todos tinham-no por louco.

Não me atrevo a dizer que João Pinto fosse sovina. Andava maltrapilho apesar de rico? Qual é o problema? Vá ver, não gostava de vaidades, roupas, carros, grifes, França e Bahia. Ainda que maltrapilho e comendo pobremente seu feijão com toicinho, João Pinto de Maria, em suas fazendas os bodes apodreciam os chifres de tão velhos. Em vez de vendê-los e, argentário, entesostrar ouro e prata, preferia-os velhos, caducos, esquecidos das cabras e do aprisco. Assim os bois, assim os homens de João Pinto, assim as coisas de João Pinto, assim o próprio João Pinto... envelhecendo...

imperturbável e calmamente.

Um destaque à cena de João Pinto ainda menino, a compra na feira de meio cento de laranjas, a partir dela, a construção de um interior inabalável. Alcides conta que João Pinto conseguiu surrupiar seis laranjas enquanto o feirante virava-se em direção contrária. Em casa, ao contá-las, constatou que, em vez de 56 laranjas, continha o cesto apenas 50. Bom, fecho e desfecho, por favor, meu caro leitor, desta e de muitas outras, tenha-os você mesmo. JOÃO PINTO DE MARIA, BIOGRAFIA DE UM LOUCO, em edição primorosa (Topbooks), faz parte da TRILOGIA DA MALDIÇÃO, nas melhores casas do ramo.

### III - JOSÉ ALCIDES PINTO, A PESSOA FÍSICA, MAGRO E ALTO

Contaram-me as histórias de Alcides Pinto. Mais pelo prosaico, o anedótico, do que pelo criativo de sua poesia altíssima. A tal maldição, a maldita ênfase a uma suposta maldição, que nunca vi em Alcides. O poeta escreveu um livro de demônios? Sim, mas nada a ver com demônios! Pelo contrário, o demônio ali é só moldura, *vide* Jornal de Poesia, entrevista a três poetas goianos em que comento tema semelhante, o mal como ornato do bem, em Eça de Queiroz, em O Crime do Padre Amaro. Em CANTOS DE LÚCIFER, Alcides Pinto dá uma surra

que não tem tamanho no demônio: *Pobre satanás! Pertenço ao reino de Cristo. Perdeste uma grande alma, apesar de toda a tua prudência.*

Poeta maldito? Tenho, com todo respeito, que isto de ver maldição em Alcides é não estar à altura do escrito de Alcides Pinto. Pelo contrário, Alcides é místico, mítico, sertanejo. Em João Pinto de Maria perpassam nossas lendas (Ibéria, África e pré-Brasil) intactas. Também as pragas do clero, as temidas Santas Missões, contra os amancebados. Ah, poeta Alcides, uma mancebia...! Nada contra, por seu favor.

Dia destes, fui à casa do poeta. Jamaica, a filha, me disse: "Foi ao São Benedito". Perguntei quando voltava, imaginando a cidade de São Benedito, mais de cinquenta léguas, na Serra Grande, fronteira com o Piauí. Ela disse: "Não! É aqui, na outra rua, a igreja de São Benedito". Alcides, maldito? Pois estava ele, de pleno fervor, na adoração perpétua do Santíssimo Sacramento que até poucos dias, 24 horas do dia, noite e dia, chuva e sol, todos os dias, naquela igreja. Era a farra dos assaltantes... os fiéis orando... *Não resistais ao perverso.* Fechou.

Há o lance de uma fase frade, o hábito marrom, de frei franciscano, do Canindé. Durante bem uns três anos, Alcides trajou-se de frade, cordão e alpercatas. Ninguém acreditou em devoção. Primo meu, poeta e também amigo dele, Juarez Leitão, conta

histórias safadíssimas daquele monge, o Alcides. Mas isto é assunto para outra cerveja.

Contaram-me da demissão do poeta do cargo de professor universitário. Indaguei se por conta de alguma subversão. Não! Nada a ver. Melhor que fosse. Tal como o Cony, estaria milionário, agora. Pois o poeta, um belo dia, compareceu ao Senhor Chefe e disse:

- Pronto, chefe. Vim-me demitir. Vou criar bodes!
- Criar bodes?
- Sim, bodes! A poesia. Lá no sertão.
- Ah, bom. Assine aqui.

Assinou. Era de brincadeira. Um desvario. Os poetas têm o coração frouxo, ainda mais frouxa a separação do dia para a noite, da noite para o dia. Do contrário não seriam poetas. O chefe, chefe. Racional. Chefe! Assine aqui! Era amigo. Amigo?! De brincadeira.

Deveria ter recebido o papel assinado. Para dentro da gaveta. Hoje seria só relíquia, guardado. Mas é pesadelo. Mínimos. Demitido. E ausência. Mínguas. O olho da rua. Professor universitário. Concursado. Fiz, em 4.4.1996, poema engolido a seco. Rasguei. Guardei este pedaço (6.4.2005):

Ilmo. Sr. Diretor:  
José Alcides Pinto,  
vem requerer,  
no uso

(não estava no uso,  
claro que não!)  
e foi  
e foi-se,

José Alcides Pinto pediu demissão  
da posição demarcada!

Terias sido preso  
e amarrado,  
longas tiras, tranças e bainhas;  
os amigos eram fracos,  
nem João te amarrava as sandálias,  
e uma cabeça foi vendida, Mateus,  
numa bandeja de lata,  
nas feiras ribeirinhas

de um pobre rio seco,  
entre rolinhas e avoantes –  
as cangalhas vazias  
de suas carnes  
rubras.

Sempre soubeste, Alcides,  
viajar na mesma carruagem do poeta,  
que destinaste a Artur,  
para o vôo ao Equinócio,  
e uma pistola de prata,  
sob a lua das pedras de Irauçuba,  
onde as cascavéis cantam o cio da vida,  
por elas trafegas,  
por entre as cobras, tu,  
pássaro de fogo:  
– Seu Alcides,  
    *é maio,*  
    *mês de rezas*  
    *e de novenas,*  
    *frei Álvaro talvez venha,*  
    *vamos rezar!*  
    rezemos,  
caíamos sobre nossos chapéus de palha  
das canaubeiras daquela várzea amarela,  
*João Pinto de Maria, biografia de um louco,*  
e o rio, este rio de brasas;

benzo-me de rezas, Alcides,  
    *confiteor,*  
    *confitemus,*  
que os abutres do desterro não de ser  
    pássaro e lírio  
    no último dia  
do teu cargo expulso:

José Alcides Pinto,  
biografia de um santo.

DIEGO TARDIVO

### SONETO AOS VELHOS AMORES DE UM CEGO

Aqueles que outrora, vendo, amaste,  
Partiram sem deixar minguia de amor;  
Se doces tempos idos adoraste  
Lhe resta hoje a insônia, no estupor

Dos sonhos que acordado engendraste  
A fim de abonança da alma a dor –  
Mas basta! Pois a quem tu te entregaste  
Inda vê e terá sempre seu esplendor.

Pois de entre tantas lágrimas ecoa  
Um coro de fantasmas – que lhe doa  
O que eles conquistaram e tu perdeste!

Perdido apalparás a escuridão  
À busca dos que possam dar-te, ou não,  
A última carícia a que tendeste.

FRANCISCO CARVALHO

### CARNAVALHA: NOVO ROMANCE DE NILTO MACIEL

De 1974 até agora, Nilto Maciel publicou dezenove livros de ficção e apenas um de poemas. O romance e o conto, conforme se pode observar, evidenciam as predileções do Autor, em seu longo itinerário de 33 anos nos domínios da literatura. Quem já leu seus livros de ficção terá notado, certamente, o cuidado do ficcionista na escolha dos nomes de seus personagens. Não seria nenhum despropósito pensar na elaboração de uma nomenclatura para todos esses figurantes que trafegam nas páginas de seus romances e histórias curtas. Zuza, Pedro Cabral, Eurico, Jesonias, Otávio, Noé, Alessandra, Cátia, Márcia, Aluísio, Orlando, Joice, Cida, Eleide, Cynthia, Ocelo e tantos e tantos outros que despertam a atenção do leitor para esse aspecto importante da carpintaria dos romances. Até os cachorros de Palma foram homenageados com apelidos que se destacam pelo seu ineditismo e originalidade: Alão, Brochote, Cafoto, Dentola etc.

O livro começa com a notícia da chegada de alguns rapazes e moças procedentes de Brasília. Eram funcionários públicos que vinham para as festas carnavalescas de Palma, cidade utópica criada pela imaginação de Nilto Maciel para o desenrolar dos acontecimentos do seu universo ficcional. Palma não deixa de evocar a legendaria Macondo, palco das histórias fantásticas de Gabriel Garcia Márquez, em seu caudaloso romance *Cem Anos de Solidão*. Na página 15, o inusitado mostra o seu feitiço: "O galo cantou estridentemente. As galinhas correram, espantadas. Uma revoada de andorinhas encheu o céu dos quintais". Só faltou acrescentar que ventos diluviais arrebatarem crianças que sonhavam com os anjos enquanto dormiam.

A ficção de Nilto Maciel nos coloca no centro de uma realidade fantástica, que nos leva às portas do surreal. Uma atmosfera de sonhos e pesadelos permeia as narrativas do romance. Seus capítulos, predominantemente

---

\*Francisco Carvalho, poeta e crítico literário.

curtos, exploram os conteúdos, sob perspectivas oníricas, das temáticas desenvolvidas no livro. Numerosos personagens contribuem com depoimentos pessoais para o desfecho das narrativas. Mas essa contribuição, eivada de contra-dições enigmáticas, paradoxalmente só fazem aprofundar ainda mais os mistérios em torno dos acontecimentos. A cidade e seus habitantes passam a impressão de atores de um filme de mistério conduzido por um diretor voluntarioso, que parece se divertir com seu elenco de fantoches.

Na página 96, uma sucessão de fatos provoca calafrios no leitor. Um dos gatos que farejam pássaros numa árvore começa, de repente, a crescer aos olhos de Jacinta. Enquanto outros felinos fugiam daquela visão aterradora, o gato assumia as proporções de um tigre, "abria a boca e avançava lentamente, ameaçador". Juarez, marido de Jacinta, tentou dar cabo do animal, mas "a fera estraçalhava Juarez". Como se observa, a leitura dessa narrativa exige do leitor um mínimo de conhecimento acerca do simbolismo de que se revestem certos aspectos do cotidiano. Pode-se afirmar, sem risco de equívoco, que o simbolismo está presente em grande parte da expressão literária de todos os tempos. E até mesmo nos atos mais rotineiros da vida das pessoas, sem que elas se dêem conta desse fato.

Em "Rodopio de moedas" (p. 97), Nilto Maciel volta a usar das mesmas estratégias insólitas para despertar a

imaginação do leitor. A conhecida frase de Shakespeare ("Há muita coisa entre o céu e a terra a que não chega a nossa vã filosofia") nunca foi tão justificada como nas páginas desse romance do escritor cearense. Suas narrativas são vertentes de onde jorram mistérios e enigmas da raiz das palavras. Bastou que uma ave fincasse "as unhas no telhado da casa de Quincas" para que fatos estranhos à lógica do senso comum comessem a acontecer entre Juarez e sua mulher. Moedas e cédulas, sacudidas por ventos misteriosos, vindos não se sabe de onde, caíam da mesa e espalhavam-se pelo chão. Tentavam alcançá-las, mas não o conseguiam. Como se mãos invisíveis os impedissem de tocá-las. Algo parecido com as artimanhas do diabo. Na tentativa de recuperar as moedas e cédulas, "Quincas estatelava-se feito um jarro de porcelana".

A narrativa da página 27 evoca certas estratégias de Kafka. Da troca de palavras entre Gilberto, Jesonias, Aluísio e Orlando, fica-se com a impressão de que os personagens viajam no porão de um navio que fosse para a Atlântida ou, talvez, para a eternidade. A mesma densidade impenetrável envolve os diálogos obscuros. Lá pelas tantas, Gilberto produz esta frase de significado ambíguo: "Estou com viagem marcada para lá, numa expedição de alto risco". Aluísio vomitava. "De sua boca saíam pequenos sapos, ratos, baratas. Gilberto se apavorava e

também ia ao solo" (128).

*Carnavalha* não é, seguramente, livro de estrutura linear. Precisa ser lido com o faro de quem procura fragmentos de ouro numa peneira de cascalho. Todas as narrativas exigem leituras plurais, precisam atingir a profundidade das camadas estilísticas onde se encontram os veios simbólicos. A realidade desses escritos de Nilto Maciel é de outra índole. São realidades submersas que não se acham à flor da pele nem tampouco na

superfície das palavras. Palma é uma cidade utópica onde criaturas utópicas fingem ter os mesmos defeitos e virtudes das pessoas de carne e osso. Ao leitor cabe decifrar os códigos desta linguagem que nos fala de um mundo possível para os que já nasceram condenados à morte. Ou por imprudência ou por todos os males a que estamos sujeitos. A única expectativa que nos acena é a certeza de que "Não se pode morrer na metade do quinto ato" de alguma peça de Ibsen.

### PLENITUDE VISIONÁRIA

O novo livro de Márcio Catunda Gomes - *Plenitude Visionária* - traz o subtítulo *Poemas Seleccionados*. A edição é portuguesa: Companhia das Musas, Lisboa, 2007. Os poemas foram extraídos dos livros *Água Lustral*, *Engenho Urbano*, *Estância Cearense*, *O Evangelho da Iluminação*, *Rosa de Fogo*, *No chão do Destino*, *Sintaxe do Tempo*, *Incendiário de Mitos*, *A Quintessência do Enigma*, *Purificações*, *Sortilégio Marítimo*, *O Encantador de Estrelas*, *Navio Espacial* e *Sermões ao Vento*. Nas páginas finais do livro se estampam opiniões de diversos críticos sobre essas obras. Como ilustração desta notícia, leia-se um dos poemas mais curtos da antologia:

#### ASPIRAÇÃO

A matéria se dissolve em poeira,  
a vida renasce em novos corpos.

- Eu quero o imutável.

A folha tomba crestada de outonos,  
os animais envelhecemos.

- Eu quero o imperecível.

Até o vento se altera na fúria das tempestades.

Até o mar se rebela em hórridas convulsões.

- Eu quero o imperturbável.

JORGE PIEIRO \*

## BURACO NEGRO

"Por onde caminho, não há caminho"  
(Shoetsu Oe, que nunca existiu)

Ele chegou muito assustado e me disse novamente:

– O bicho, não se sabe o que era o bicho, o bicho era o olho apenas, o olho de serpente, serpente de repente, não ela surgida, mas apenas o olho, que do bicho que era o olho apenas surgia.

A parede amarela, moldura do bicho que era apenas o olho e o traço da inexistência do outro olho, vestia-se em nadas, silêncios e nadas. Ninguém via o que se via de bicho, apenas o olho. Ninguém via, e o que havia era quase o que existia.

\*\*\*

O que eu sei, mas calei:  
– Só existia o furo naquele

instante. Meus olhos atravessando o poste, repetindo o milagre da retina, preenchendo-a. Era escuridão através daquele signo. Do outro lado, o que se pudesse imaginar. E eu imaginei.

Era o breu no coço do cosmo esperando para que eu o bebesse com olhos de stevie, de ray, de borges, de glaucomattoso. Só chamei aquilo de tensão, porque entrei no labirinto. Aquela cicuta negra me invalidaria, incendiaria as entranhas. Deixei-me sugar pelo buraco negro. Não fui mais nada.

\* \* \*

Há pouco, descobri que a vida não me quis.

---

\*Jorge Pieiro nasceu em Limoeiro do Norte, Ceará, em 1961. É mestre em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal do Ceará. Publicou *Ofícios de desdita* (1987); *Fragmentos de Panaplo* (1989); *O tange/dor* (1991); *Galeria de murmúrios* (1995); *Neverness* (1996); *Caos portátil* (1999); *Os sonhos de Josafá* (2006) e *Bolha de Osso* (2007). Tem contos nas coletâneas *Almanaque de Contos Cearenses* (1997), *Geração 90 - Manuscritos de computador* (2001), *Geração 90 - os transgressores* (2003) e *Os cem menores contos brasileiros do século* (2005). Co-edita - juntamente com Pedro Salgueiro - a revista *Caos Portátil - um almanaque de contos*.

## COGITO, SUM

Eu ainda não tinha vértebras para poder sentar, firme. Naquele canto da casa, por isso, sempre imaginei, minha mãe do lado, me indagando: – Por que esperas vértebras? Não és humano!? E quem disse que só humanos precisam de vértebras? Sabes para que servem as vértebras? – eu diria como resposta.

Não fui expulso de casa. Mas não poderia morrer ali para sempre. Foi que

duvidei se realmente seria filho daquela mãe. Sempre pensei que havia algo estranho em nossa relação, mesmo reconhecendo a importância da parte que fui ou imaginei.

Ontem, no entanto, pus um braço entre a coxa e o queixo e não pude mais me mexer. Vi, então, e que primeira vez! – não era de vértebras o que eu precisava! – o homem com um cinzel. Ele gritava: Fala! Fala! E minha mãe, ao lado, uma pedra de granito, apenas olhava para mim, como se trouxesse uns olhos petrificados.

### PASSAGENS DA MINHA ALDEIA

Com este título, Napoleão Valadares apresenta suas crônicas escolhidas (Goiânia, GO, Ed. Kelps, 2007). O também cronista mineiro (há muitos anos em Brasília) Danilo Gomes faz a apresentação do livro (abas): "Romancista, contista, poeta, pesquisador, Napoleão Valadares exercita também a crônica com perícia artesanal e refinada linguagem coloquial. Tempera sua prosa com graça, humor, poesia e um perfeito senso do cotidiano, infenso a verborrágicas metafísicas. A mão desse tarimbado escritor é incisiva, certa, cirúrgica, no tratamento da crônica. É mão de mestre." No parágrafo seguinte Danilo analisa mais as crônicas de seu conterrâneo: "Narrando passagens de sua aldeia - e de outras aldeias e burgos -, o autor reuniu neste precioso volume 60 das numerosas crônicas que vem escrevendo e publicando em jornais, ao longo da vida. Muitas delas se encaixam na classificação, digamos, escolástica, de minicontos ou cronicontos. Em geral, as histórias se passam em Arinos, Unai, Uruçuia. São mineiríssimas."

ENÉAS ATHAZÁZIO \*

## A AÇÃO DE FARQUHAR EM SANTA CATARINA

### **Caminho longo e tortuoso**

Embora publicado em 1964 nos Estados Unidos, depois de mais de quatro décadas de marchas e contra-marchas, saiu no Brasil, em tradução de Eliana Nogueira do Vale, o livro "Farquhar, o último titã", de autoria do historiador e brasilianista **avant la lettre** norte-americano Charles Anderson Gauld (1911/1977). Trata-se, segundo a crítica, da mais longa e minuciosa biografia do empreendedor norte-americano, nascido em York, Percival Farquhar (1864/1953), cuja vida está estreitamente ligada ao Brasil em geral e ao nosso Estado em particular, onde sua ação teve sérias conseqüências, até hoje sentidas em algumas regiões. O volume tem mais de 500 páginas, custou ao autor

ingentes esforços e se fundamenta em bibliografia imensa, como costuma acontecer com ensaios biográficos americanos que esmiúçam o tema até o limite. Para chegar às mãos dos leitores brasileiros o livro percorreu longo e tortuoso caminho, merecedor de explicações minuciosas da editora e da tradutora. Publicado pela Editora de Cultura (S. Paulo - 2006), o livro contém interessantes fotografias e vários anexos que o atualizam e trazem novas informações sobre fatos posteriores, além de colocar um ponto final em algumas dúvidas existentes. Ainda que o autor não veja com simpatia nosso País, antes pelo contrário, é incrível que um livro dessa importância para nossa história só agora seja acessível ao pesquisador nacional.

---

\*Enéas Athanázio, contista, crítico, biógrafo com extensa bibliografia, é um dos escritores mais publicados e conhecidos de Santa Catarina. Reside em Balneário Camboriú. No gênero conto tem editados *O Peão Negro* (1973), *O Azul da Montanha* (1976), *Meu Chão* (1980), *Tapete Verde* (1983), *Erva-mãe* (1986), *Tempo Frio* (1988), *O Aparecido de Ituy* (1991), *Rosilho Velho* (1994), *A Gripe de Barreira* (1999), *O Cavalo Inveja e a Mula Manca* (2001) e muitos outros, além de novelas, ensaios, artigos, biografias. Um dos fundadores de *Literatura - Revista do Escritor Brasileiro*, na qual tem colaborado assiduamente.

### Visão e coragem

Percival Farquhar foi um empreendedor de acurada visão futura e invulgar coragem. Depois de realizações em Cuba e na Guatemala, voltou-se para a América do Sul e o Brasil, ponto de partida para o império que sonhou edificar, conhecido como Sindicato Farquhar. Seus negócios incluíam portos, como os de Belém e de Rio Grande, exploração de minérios e madeira, frigoríficos, gado, colonização, terras, energia elétrica, carvão e outros, avultando seu interesse pelas ferrovias, planejando implantar uma rede transcontinental de trilhos que cobririam o Brasil, o Paraguai, a Bolívia, o Uruguai, a Argentina e o Chile. Sem dúvida, um empreendimento para mais de uma vida, ainda que ele tivesse vivido até os 89 anos. Encarado por muitos brasileiros como um aventureiro, Farquhar encontrou renhidos adversários, em especial entre os nacionalistas, como Monteiro Lobato, que o denunciou em carta ao então presidente Getúlio Vargas. É curioso notar que mais tarde o criador do Sítio do Picapau Amarelo deu início a uma biografia de Farquhar, com o consentimento deste, projeto que não se concretizou em virtude da proibição da censura.

### Trilhos e serrarias

Entre as realizações de Farquhar no ramo dos transportes, avultam a

Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, a lendária "ferrovia do diabo", ligando Porto Velho a Guajará-Mirim (RO), visando desviar as violentas corredeiras daquele rio e ligando por terra a Bolívia ao Atlântico. A outra foi a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, interligando todo o sul do Brasil e cortando o Vale do Rio do Peixe, entre Porto União, em Santa Catarina, e Marcelino Ramos (RS). Sobre o rio Iguaçu, em Porto União, foi construída uma ponte com 427m de extensão, a maior do País, na época, ainda hoje existente. Também construiu o ramal de São Francisco do Sul e adquiriu a Estrada de Ferro Teresa Cristina, ambas em nosso território. Com o término do trecho Porto União-Marcelino, deu início à serragem de madeiras (araucárias e madeiras de lei) na serraria construída em Calmon através da afiliada "Southern Brazil Lumber & Colonization Corporation", de sua propriedade. A derrubada das matas, inclusive das erveiras (ervamate), e a expulsão dos posseiros contribuíram para fomentar a violenta Guerra do Contestado (1912/1916), fatos que são reconhecidos pelo biógrafo. Não parece, porém, que Farquhar tenha dado maior importância a esses acontecimentos e tudo indica que jamais esteve em Calmon, embora se referisse "à minha Lumber." Existe aí, parece-me, pequeno engano do autor ao dizer que Calmon era a antiga São Roque, quando, na verdade, esta

localidade fica mais ao norte e Calmon se chamava antes Osman Medeiros. O empreendedor investiu grandes capitais sacados em bancos europeus, americanos e canadenses, razão pela qual – acredito – seu sindicato era às vezes designado como "polvo canadense." Era a "dança dos milhões da Brazil Railway, que faziam de Farquhar a figura econômica mais poderosa do Brasil" – afirma o autor. Tanto a serraria como a estação de Calmon seriam queimadas mais tarde pelos revoltosos. Em território catarinense o empreendedor criou várias colônias, à margem da ferrovia, entre elas Legru, Rio das Antas e Nova Galícia. Esta última chegou a receber a visita do ex-presidente Theodore Roosevelt, em 1913. A grande serraria do grupo, no entanto, estava em Três Barras, com instalações modernas e maquinário poderoso que dela fizeram a maior indústria do gênero em toda a América do Sul.

A Lumber foi fundada em 1908/1909, com base no Decreto 7426, de 3 de junho deste ano, mais tarde alterado. No ano seguinte se concluiria a primeira serraria, em Calmon, e os trilhos da ferrovia chegariam ao rio Uruguai, divisa com o Rio Grande do Sul, em cuja margem oposta fica Marcelino Ramos. Neste ano Miguel Calmon du Pin e Almeida, que deu nome à estação, já havia deixado o Ministério da Viação, de forma que por ocasião da conclusão da estrada não era mais ministro de Afonso Pena.

### **O grande desafio**

Farquhar considerava a construção do trecho catarinense da ferrovia um grande desafio. Em direção ao porto de São Francisco havia a Serra do Mar a vencer. O Vale do Rio do Peixe, por sua vez, é irregular, com serras íngremes, exigindo técnicas especiais de construção, uma vez que seriam usadas locomotivas leves. Suas inúmeras curvas, túneis e obras de arte levaram alguns críticos a considerar a ferrovia inviável desde a inauguração, demorando e encarecendo o transporte das mercadorias. Por outro lado, o fato de usar lenha como combustível contribuiu para o rápido desmatamento nativo da região. Mas, para compensar, o clima da região era de boa qualidade, as terras férteis e quase desabitadas. O empreendedor, porém, não contava com a decidida oposição dos posseiros.

### **Os entraves**

O autor do livro, às vezes afinado com o biografado, não poupa o País. O atraso, a politicalha, a corrupção, a burocracia, o preconceito contra os negros e os estrangeiros – tudo encarecia sobremaneira qualquer realização. Exasperava-se ao verificar que os imigrantes se amoldavam aos usos locais, absorvendo os hábitos que considerava maus, "acaboclando-se." Mas ele vislumbrava para Santa Catarina e o Paraná um futuro brilhante

na federação, ainda que a corrupção também funcionasse em Florianópolis e Curitiba. "Custou caro aos cofres da Brazil Railway subornar tantos brasileiros para que agissem em benefício do Brasil" – escreveu Olivo Gomes, entusiasta das iniciativas do norte-americano. Nem mesmo Miguel Calmon e Paulo de Frontin ficaram isentos das suspeitas de suborno. "Mas os amigos de Farquhar sentiram que os dois políticos (acima referidos) estavam mais interessados em propina do que em beneficiar o Brasil" – afirmou Gauld. Segundo ele, o austero presidente Afonso Pena sofreu um trauma moral que o levou à morte precoce, aos 60 anos, quando descobriu o lodaçal que havia no Ministério da Viação.

### O império ruiu

O império de Percival Farquhar

ruiu. Depois de serrarem milhões de árvores, suas serrarias, afiliadas e sucessoras desapareceram sem deixar vestígio e a riqueza produzida escoou pelos vãos dos dedos para outras regiões. Entregue ao descaso e à corrupção, o trecho da ferrovia entre Porto União e Marcelino Ramos acabou desativado e hoje se transformou em sucata. A região ficou empobrecida e jamais se refez por completo. Os ramais remanescentes funcionam em condições precárias, mal conservados e carecendo de investimentos urgentes para que não tenham idêntico destino. Em suma: nada ou bem pouco restou dos "milhões de Farquhar" em terras catarinenses.

São algumas observações a respeito de um livro às vezes amargo mas que precisa ser conhecido pelos catarinenses em geral. Querendo ou não, Percival Farquhar é personagem de nossa história.

### A PONTINHA DAS PÁGINAS

Obra premiada em concurso literário nacional patrocinado pela Prefeitura de Manaus (Prêmios Literários Cidade de Manaus 2007), *A Pontinha das Páginas* (Edições Muiraquitã, 2007), de Cissa de Oliveira (cearense residente em Campinas, SP), se constitui de 41 crônicas leves ou nem tanto: cenas domésticas, momentos em casa, passeios ao parque, lembranças de Cora Coralina, leituras, o caso do juiz que matou o vigilante em Sobral (nada leve), etc. Cissa sabe escrever, alinhar as frases, narrar. É seu primeiro livro, embora há algum tempo venha se mostrando na Internet.

BATISTA DE LIMA

## O VELHO

Gerônimo escapou da morte. Ficou vítima da vida. Não morreu. Chegou aos cem anos e foi festejado pela idade. Todos lhe prestaram honras. Mas depois a morte não veio e as pessoas não gostaram muito disso, nem o próprio Gerônimo. É tanto que ele se recolheu como um eremita num socavão de serra para esperar a morte na placidez da velhice. Mas a morte não veio.

Pensou em suicidar-se, mas a religião que ganhara se seus pais dizia que só Deus que dá, pode tirar a vida, ninguém mais. E ali estava ele abandonado por Deus. Como seria feliz se tivesse morrido mais aos vinte e cinco anos. Mas não, perdera a quantia dos anos e como castigo estava ali, verdadeira sucata que até o tempo corrosivo acabara por esquecer. Não tinha mais com quem conversar, todos morreram. Até seus netos se foram. Seus bisnetos estavam velhinhos e não o reconheciam mais como gente e sim como um dejeto do diabo, uma excrescência divina. Naquele pé de serra, os pássaros eram outros. Rolinhas, canários, azulões, todos

desapareceram. Agora só havia pardais nas árvores, num barulho infernal, e em vez de urubus, carcarás e gaviões, os céus estavam cheios de aviões, verdadeiros demônios ensurdecedores sobre sua cabeça e perturbadores do seu sono naquele fim de mundo. Mas fim para ele, era coisa que não existia. Era um esquecido de Deus. Se ia pescar no açude, não havia mais traíras, nem piaus, nem corrós, tudo era tilápia, o diabo de um peixe feio que não era de seu tempo.

Se ia tirar mel para saciar sua fome, não havia mais jati, mandassaia, jandaíra, cupira, capuxu, cafimfim, tudo era abelha italiana, com seus ferrões dourados.

Era um mundo novo e ele ali, velho, ficando para semente. Mas o que mais doía era não ter com quem conversar. As pessoas não falavam mais. Apenas ouviam rádios, televisões, aparelhos de nomes estrangeiros. E ele só, resto imortal, pronto para morrer e a morte se escondendo dele de forma tão absurda.

Até as jararacas e os cascavéis corriam com medo dele quando

deveriam picá-lo para ver a queda. Isso era sofrimento demais. Ter que aturar a vida todas as manhãs. Levantar-se e sentir-se um esquecido da natureza, um postergado do cão, uma peça de museu para Deus e seus anjos. De tanto durar, resolveu arranjar novos amigos ali mesmo entre as pedras, as árvores mais velhas e uma ponta de serra escravada. Descobriu que podia conversar com aqueles entes mudos e repartir com eles a sua angústia.

Foi conversando com esses seus companheiros que constatou serem

todos marcados pelo sofrimento. Todos esquecidos e condenados em sobreviver, todos com dramas iguais aos seus. Aí Gerôncio foi muito feliz. De tanto ouvir histórias e principalmente de contar histórias foi emagrecendo até não precisar mais comer e ficar se alimentando só das histórias que contava e das que ouvia. Tanto emagreceu que ficou transparente, que ficou só sua voz impressa nas pedras e suas histórias soltas pelo mundo a fora.

### 15 CUENTOS BRASILEROS

O brasileiro Nelson de Oliveira organizou e o argentino Federico Lavezzo traduziu para o espanhol a antologia *15 Cuentos Brasileiros/15 Contos Brasileiros* (Córdoba, Comunic-arte Editorial, 2007). Na apresentação, Nelson afirma: "Os quinze autores reunidos nesta antologia representam várias regiões e várias realidades do vasto Brasil. A bem-vinda diversidade criativa aqui presente - diversidade de cosmovisões, estilos e temas - se deve a isso. (...) Durante a organização desta antologia o organizador evitou o máximo possível privilegiar os temas pitorescos e folclóricos muito apreciados principalmente na Europa: o carnaval, o futebol, a favela carioca, o sertão nordestino e o misticismo ecológico." Os quinze contistas são Paulo Bentancur, Ronaldo Cagiano, Suênio Campos de Lucena, Marcelino Freire, Arlindo Gonçalves, Álex Leilla, Carlos Herculano Lopes, Nilto Maciel, Tiago Novaes, Nelson de Oliveira, Miguel Sanches Neto, Paulo Sandrini, Cida Sepulveda, Soares Feitosa e Teresa Yamashita.

AÍLA SAMPAIO \*

## A LESTE DA MORTE: VEREDAS DIVERSAS E APURADO TRABALHO DE LINGUAGEM

Quando se fala na ficção cearense contemporânea, o nome de Nilto Maciel desponta como um dos mais prodigiosos. Não à toa. Sua estréia, em 1974, com *Itinerário* (livro de contos) já marcou a chegada de um escritor maduro no cenário literário, cujas fronteiras alargaram-se com sua mudança para Brasília. Mesmo longe da terra natal, ele se manteve ligado às raízes, embora sua produção nada tenha de regionalista. Sua visão de mundo é sempre universal. Inquieto, ele exercitou outros gêneros, como o romance, a novela, a poesia e o ensaio, confirmando seu domínio das palavras, nas obras que se seguiram: *Tempos de mula preta* (contos, 1981), *A guerra da donzela* (novela, 1982), *Punhalzinho cravado de ódio* (contos, 1986), *Estaca zero* (romance, 1987), *Os guerreiros de Monte-Mor* (romance, 1988), *O cabra que virou bode* (romance, 1991), *As insolentes patas do cão* (contos, 1991), *Os varões de Palma* (romance, 1974), *Navegador*

(poemas, 1996), *Babel* (contos, 1997), *A rosa gótica* (romance, 1997), *Vasto abismo* (novelas, 1998), *Pescoço de girafa na poeira* (contos, 1999), *A última noite de Helena* (romance, 2003), *Os Luzeiros do mundo* (romance, 2005), *Panorama do conto cearense* (ensaio, 2005) e *A leste da morte* (contos, 2006). Senhor das técnicas das narrativas curta ou longa, em todas as obras ele mostrou fôlego e talento, e afirmou-se como um dos mais produtivos ficcionistas brasileiros da nossa época.

*A leste da morte* (Porto Alegre: ed. Bestiário), sua última publicação, é um livro volumoso, composto por 47 contos. Às vezes leves, às vezes mais densas, suas histórias percorrem um universo temático bastante amplo. Seu processo criador, visivelmente consciente, foge do experimentalismo, mas não se enreda na tradição. As frases curtas e o discurso sutilmente fragmentado são visíveis em praticamente todos os contos, especialmente em "O livro

---

\*Aíla Sampaio, professora de Português e Literatura da Unifor e da SEDUC. Poeta, contista e ensaísta com dois livros de poemas: *Desesperadamente Nua* e *Amálgama*.

infinito", conto com vários blocos narrativos intercalados, nos quais um mesmo narrador, em discurso indireto, mostra o pensamento dos três personagens que formam o triângulo amoroso: dois escritores e uma moça apaixonada por livros. Eles vivem uma história sem fim, entre livros, visitas a livrarias e inúmeras indagações sobre os sentimentos e atitudes do outro.

Também a forma como tempo e espaço se delineiam em alguns enredos não é tradicional. Em "Trem fantasma", por exemplo, os planos temporais e espaciais são bem escamoteados e o leitor que, no princípio, vê o maquinista tentando deter o trem, descobre o homem/menino só brincando... aparentemente tão simples, mas tão bem construído que o leitor se enreda na brincadeira. A confusão temporal e espacial também se dá em "Paisagem celeste", cujo protagonista, um homem cansado da rotina adversa, foge para a serra e acorda em seu quarto. A realidade ficcional se funde à atmosfera onírica (pesada) que se revela no final.

O mundo alucinatório do homem contemporâneo se delineia em vários momentos. "A fila", narrativa que ironiza o excesso de filas para todos os serviços procurados, traz à cena o atordoamento ante o tumulto que se forma quando para todos os lados que o personagem se volta encontra a impossibilidade de resolver o que pretende, inclusive de dialogar com as pessoas (que parecem estar concorrendo

com ele). Em "Sombra não identificada", o protagonista, perturbado com a avalanche de más notícias dadas pela TV, escuta o anúncio de sua própria morte. Já no enredo de "Restos de feijoada", a morte do folião é a impossibilidade de aceitação dos limites: ele prefere morrer brincando na festa de carnaval a padecer doente entre os lençóis. A ironia está no vômito final: o expurgo do inaceitável é escatologicamente metaforizado na (indigesta) feijoada. E assim vão desfilando situações comuns, casos sobretudo urbanos (Fortaleza, Brasília, Palmas... o mundo) em que se sobressaem injustiça, pressa em arranjar culpados ("A Leste da morte", "O último troiano"), malandragem ("O descanso do criador", "Mundoca e Mundico"), crianças perdidas dentro de sua própria casa, sem a atenção dos pais ("O invisível Isaías"), loucura ("Aníbal e os livros"), falta de memória do povo para reverenciar 'heróis' do passado ("Maneco, futebol e cerveja"), opressão ("Mancha na parede"), enfim, um universo de problemas banais transplantados do mundo real.

Há uma ironia velada na voz de cada narrador; em "Livre-Arbitrio", ao associar-se a punição de um assassino aos ensinamentos bíblicos, são os preceitos religiosos o alvo de alfinetadas. A religião volta a ser 'moral da história' em "Caça e caçador", na mesma perspectiva de questionamento quanto aos valores pregados. Em

"Mancha na parede", a decisão da reclusão no mosteiro simboliza opressão e sofrimento; em "Caim e Abel", os pólos se invertem: o bom vira assassino e o mal transforma-se em vítima, como a representar a inversão de valores que hoje se presencia.

O discurso literário muitas vezes cede espaço ao relato jornalístico, imprimindo ao texto um estilo-reportagem, a exemplo de "Maneco, futebol e cerveja": (*morreu ontem Maneco, ou Manuel dos Santos Pereira. Há anos fora dos gramados e da mídia, desde a fratura de uma perna*) e "Para que esses olhos arregalados?", conto que intertextualiza, de passagem, o clássico *Chapeuzinho Vermelho* e tem um final inesperado, como, aliás, a maioria dos que compõem a coletânea.

Já "O perdão" e "Águas de Badu" investem nos diálogos com textos consagrados na literatura brasileira. O primeiro retoma "Os anões" do Moreira Campos, redimindo a pequena Lourdinha do trauma do assédio nojento dos assaltantes que invadem o armazém em que ela mora com seu parceiro. A influência de Campos é assumida neste enredo e se mostra no estilo hiper-realista de "Os urubus e Deus", narrativa cruel, que lembra os relatos naturalistas do romance *A fome*, de Rodolfo Teófilo. É também moreiriano o início de "Águas de Badu" – "Moscas vojavam ao redor do cadáver" – recriação da história de "O

burrinho pedrês", de Guimarães Rosa. O narrador, um cronista grato pelas histórias sertanejas que Badu lhe passava, conta a saga do velho vaqueiro de *Sagarana*, após deixar Minas até chegar ao Ceará com as lembranças da travessia do rio, quando ele, bêbado, foi salvo pelo burrinho. Entre as reminiscências do passado mineiro de Badu e sua morte, dormindo em casa, dá-se o velório e, no final, vê-se o carinho do cachorro Chué que, na imaginação de um menino, lambe o cadáver, em despedida, metamorfoseado no burrinho herói do conto épico de Rosa.

Há a mão do ensaísta em "Lilith segundo Pasma Tordre" e "Para escrever A caminho do nada". A literatura está toda no processo criador; Nilto cria, acho que até sem perceber, personagens que são leitores, escritores, amantes dos livros, da poesia, como a velha Bartira ("Hora de despertar"), paralítica que sobrevive, ouvindo poemas de Anacreonte, Bilac, Camões, Francisco Carvalho e Florbela Espanca. Morre sozinha quando as leituras param e seu filho, ainda na farra, esquece-a aos cuidados de um 'gravador'.

O gênero Fantástico se configura em "O menino e o lobo", "A música", "Sombra não identificada" e "O sétimo aniversário de Branca de Neve". Nos três primeiros, o fantástico parece naturalizado, sem a inserção do mal; no último, a atmosfera é mais pesada e o que poderia ser simplesmente uma

história do Maravilhoso degenera-se na inexplicabilidade do evento final: a brincadeira do teatro vira 'verdade' e a bruxa se corporifica, arrancando medo de crianças e adultos, à meia-noite.

O Surrealismo se faz presente em "Os dez dias de Raimundo", cujo personagem, um homem criado em laboratório, tem seu ciclo de vida iniciado e concluído em apenas dez dias; na mesma linha está "Palmas e tochas", história em que o pianista é, estranhamente, aos olhos de um expectador, um Lobo. Nada de automatismo na linguagem, apenas os motivos das narrativas transpõem a lógica natural, sem, entretanto, encenarem mistérios inexplicáveis.

Assim, fundindo observação, memória e imaginação, vários enredos dão ao leitor a ilusão de verdade; em "Apontamentos para um ensaio" e "Meu filho Matias Beck", especialmente,

ouve-se a voz do autor nos relatos, e chega-se a crer que são reais. O equilíbrio está no talento de Nilto Maciel para amalgamar realidade e ficção. Munido de vasta bagagem de leituras e domínio das técnicas de construção do texto literário, ele percorre veredas diversas e, com seu apurado trabalho de linguagem, dá unidade ao que é diverso, puxa o leitor por caminhos inusitados e consegue, sem exauri-lo no longo percurso que se impõe da primeira à última página, prendê-lo espontaneamente ao universo de seres alucinados e fatigados de sua aventura existencial. Sem falseamento da realidade, mas sem exatamente copiá-la, ele fala, na maioria das vezes ironicamente, das feridas abertas de todos os seres extraviados que, de alguma forma, encontraram-se, encontram-se ou encontrar-se-ão a **leste da morte**.

### CONTOS DE ALGIBEIRA

Laís Chaffe organizou e publicou pela editora Casa Verde, Porto Alegre, RS, 2007, a coletânea *Contos de Algibeira*. São minicontos de portugueses e brasileiros. Alguns são estreantes ou novatos. Outros, porém, participam da cena literária brasileira há algum tempo, como Altair Martins, Cíntia Moscovich, Fabrício Carpinejar, Fernando Bonassi, Jaime Cimenti, José Eduardo Degrazia, Lourenço Cazarré, Marcelino Freire, Nelson de Oliveira, Nilto Maciel, Paulo Bentancur, Pedro Salgueiro, Rinaldo de Fernandes, Silvio Fiorani e Wilson Bueno. São cem autores, além dos sete construtores da Casa Verde: a própria Laís, Caco Belmonte, Christina Dias, Filipe Bortolini, Luciana Veiga, Luiz Paulo Faccioli e Marcelo Spalding.

NELSON HOFFMANN \*

## RANCOR

Cego e  
surdo  
corrói

Surdo e  
mudo  
remói

Mudo e  
cego  
destrói

a vida  
por dentro.

## EPITÁFIO

Viveu  
só

Morreu  
só

Virou  
pó.

Mas sonhou  
E acreditou!

---

\* Nelson Hoffmann nasceu em Roque Gonzales, RS, onde reside. Publicou *A Bofetada* (romance), *O Homem e o Bar* (romance), *Onde Está Maria?* (romance), *Quando a Bola Faz a História* (crônica histórica) e *Eu Vivo Só Ternuras* (novela), *Este Mundo é Pequeno* (crônicas), *Terra de Nheçu* (crônicas-ensaios) e *Uma Outra Face do Poeta* (crônicas). E-mail: nelson.hoffmann@yahoo.com.br

HERCULANO MORAES

## ANTOLOGIA - POEMAS ESCOLHIDOS PELO AUTOR \*

Ouçam o que disse, em 1978, a professora de Literatura Brasileira Rejane Machado, no texto a que deu o título "Para entender Francisco":

"Pedra em Sobressalto é um salto sobre a pedra. Alguns dos seus belíssimos poemas nos parecem modernos cromos, apesar de sua forma contida, lixada, das imagens depuradas".

"O que nos transmite em seus versos é a realidade ambiental, particular, subjetiva. Os sentimentos do poeta gravitam em seu redor, emprestando-lhe seiva; e dela surgem e saltam lembranças que transcendem o objeto inerte e bruto".

Mais ou menos na mesma época o romancista O.G. Rego de Carvalho expôs a seguinte opinião:

"Francisco Miguel de Moura cresceu na minha admiração e hoje o posso citar como um dos maiores poetas do Piauí, ao lado de Da Costa e Silva e H. Dabal."

*Pedra em Sobressalto*, na segura análise de Hardi Filho, projeta Chico Miguel para além de nossas fronteiras.

Homem simples, é estreitamente ligado à sua terra e ao seu povo e por isto mantendo com este uma identidade fundamental na construção de sua rica poesia.

Água, pedra, areia, terra e ternura são alguns elementos que compõem o universo poético de Francisco Miguel de Moura.

Dos três principais nomes do Circulo Literário Piauiense - CLIP, que comemora 40 anos de sua existência, Francisco Miguel de Moura sempre esteve no centro das vertentes poéticas geradas por nós.

Hardi Filho sempre foi o poeta amoroso, sentimental, ardente. De poesia ao mesmo tempo espiritual e temporal, buscando respostas para as indagações que lhe incomodam e tendo a mulher, a sua mulher, Adélia, como motivo de suas mais ingênuas con-

---

\*Discurso de Herculano Moraes, membro da Academia Piauiense de Letras, apresentando o poeta Chico Miguel, no lançamento da *Antologia* com que comemora seus 40 anos de fazer literário (Auditório da APL, em 12.05.2007).

fissões. Nítidas influências de Cruz e Sousa e Celso Pinheiro, mas íntegro e livre na lavratura do verso.

Minha poesia atravessou alguns estágios. Era, no princípio, arrebatamento, revolta contra as injustiças sociais, a paixão pela terra, o amor pelas mulheres, raízes telúricas expondo as feridas do tempo. Na essência da criação poética, os sonhos de Castro Alves e Vinícius de Moraes guiavam meus passos.

Francisco Miguel de Moura, desde Areias, já revelava essa dimensão singular. Poesia enxuta, sem artifícios, modelada como se fosse um artesão talhando a pedra. Escoimada dos excessos encontrados na poesia adolescente que escrevemos há quatro décadas.

O crítico literário Campomizzi Filho, em artigo ilustrativo na "Folha de Ubá" – Minas Gerais, identificou a crença e o amor como elementos substanciais na poesia de Francisco Miguel – "O caminho da redenção do poeta".

Esta Antologia, cujo lançamento faz parte das comemorações dos 40 anos do CLIP, revela a grandeza de um poeta que consegue construir sua obra tendo, como obstáculo, o isolamento de um Estado invisível aos olhos do mundo, cujas autoridades não conseguem romper os preconceitos claros e injustificados contra a arte, a cultura, a história do nosso povo.

De tudo o que produzimos pouco ou nada chega ao conhecimento da

sociedade brasileira. Aqui mesmo entre nós o esforço de poucos que se concentram em demonstrar a grandeza de nossas manifestações não recebe o necessário apoio.

Esta casa (a Academia) tem promovido excelentes eventos – desde posses magníficas, com orações memoráveis, a lançamentos literários de porte, sem que a imprensa e a TV dêem qualquer importância.

Mas existem os que não se conformam e mantêm com intelectuais e editoras do país o necessário diálogo. Francisco Miguel de Moura tem conquistado bons espaços na imprensa de Portugal e de países latinos, em jornais e revistas de circulação nacional, colocando-se entre os autores piauienses mais conhecidos nacionalmente.

Esta coletânea é "uma antologia sem arestas, ampla em seu universo de alumbramentos, é o que é no justo espaço em que se concretiza como palavra-arte, aquela que se faz necessária sem ceder ao receituário das facilidades mercantis do verso ruim, que em má hora propaga-se como peste, ceifando os derradeiros ecos de beleza." Quem diz isto é R. Leontino Filho, cuja análise mergulha na essência da palavra vinculando o criador ao elemento de sua criação.

Na pg. 13 da Antologia, um passeio na epígrafe de tantos quantos leram e compreenderam a sua poesia: Henriqueta Lisboa, Lygia Fagundes

Telles, Fábio Lucas, Stella Leonardos, Fernando Py, Homero Silveira, João Felício dos Santos, Leila Míccolis, Joanyr de Oliveira, Nelly Novaes Coelho, Nilto Maciel, Dalila Teles Veras, Antônio Carlos Vilaça, Rosa Kapila, Assis Brasil e outros mais, críticos inumeráveis, jornalistas, simples leitores, todos encantados com a poesia de Chico Miguel.

\*\*\*

Somos três a abrir as cortinas da história cultural do Piauí quatro décadas atrás. Logo depois éramos quatro, com a chegada de Tarciso Prado; e logo mais cinco com Osvaldo Lemos, seis, dez, centenas. Muitos se engajaram nesse sonho. Tantos outros caminharam conosco nesta jornada nebulosa, enfrentando os riscos de um regime autoritário, a censura... O fantasma do comunismo na cabeça dos generais, o arbítrio, a perseguição, a tortura moral, a violência contra as idéias, a proibição do direito de dizer e pensar.

Mas fomos pensando e formos dizendo, às vezes no silêncio dos quartos iluminados a lamparinas; às vezes nos debates clandestinos no quintal de nossas casas, onde líamos o que havíamos produzido.

Depois levamos para as salas de aula, inúmeras vezes expulsos pelos diretores de escolas que não queriam problemas com a "redentora". Logo depois estávamos promovendo a

literatura nas emissoras de rádio, nos auditórios e nos livros. A Polícia Federal proibiu a circulação de Meus Poemas Teus, mas a vingança veio através do Hardi Filho, que criou um pseudônimo denominado Pipinela. O sobrenome era uma metáfora. Era preciso fazer pipi sobre o regime. Mas os militares não conseguiram decifrar este enigma.

Somos uma família. Sempre fomos uma enorme família. Une-nos o ideal de construir. Tragédias pessoais, acontecimentos infaustos, desvios, nada disto interfere em nossos sonhos, pois somos uma família que se alegra com as vitórias de cada um. Não nos move a inveja, nem o ressentimento, nem a tristeza. Se eu pudesse dizer que tipo de sentimento resume a existência do CLIP, diria que todo esse complexo desprendimento tem a alma de uma mulher de nome Adélia, que conhece as entranhas deste movimento.

Se fosse possível demonstrar numa só pessoa as explosões de indignação, de descontentamento contra a censura, de revolta contra as injustiças, de força contra o arbítrio, instrumento desse enorme complexo de vivências do CLIP, diria que esses sentimentos estão vivos na figura emblemática de Tarciso Prado.

Esta Antologia contém os poemas que o Autor mais gosta. Aqueles que marcam e definem suas doutrinas, que espelham sua alma, projetam seus sonhos, que renovam suas células, que demarcam limites, que vicejam

esperanças. São poemas reveladores do seu caráter de poeta afeito aos temas universais, mas sem perder a raiz de suas nascentes, a primeira água de sua correnteza, ele que é rio, mar, terra,

sargaços e infinito, anjo e demônio, prosador e poeta, cronista, romancista, articulista, biógrafo, semente espiritual da arte literária.

### DEUS, O SOL DA MEIA-NOITE

Trazendo em sua capa o Hexágono, símbolo da Divindade, que traz a luminosidade dos Cílios do Olhar de Deus Onividente sobre os mundos de sua divina criação, Adelaide Petters Lessa deixa bem claro o teor das mensagens enviadas por sua poesia na obra *Deus, o Sol da Meia-Noite* (São Paulo, Ed. Scortecci, 2007). Em mais de 100 poemas, a autora, que é professora de Psicologia nas Faculdades Metropolitanas Unidas em São Paulo e doutora em ciências humanas pela Universidade de São Paulo, faz uma profunda reflexão sobre Deus e suas aplicações. Adelaide é autora de diversos livros, como *Quase poética do meu próximo*. Para ela, "No século vinte, homens e mulheres responsáveis tiveram de administrar enormes convulsões econômicas e sociais, doenças e pestes indeléveladas apesar dos admiráveis avanços da ciência, o tremor gigantesco da psicanálise e da guerra atômica, a comunicação instantânea pela internet com os aborígenes mais remotos do planeta, os telescópios da astrofísica e as sondas da Astronáutica para além do sistema solar." Para ela, "o difícil convívio humano ainda é um problema irresolvido pela psicologia e pela ética". E mais: "a solidariedade, a compaixão, o altruísmo são valores que precisam ganhar expressão paradigmática se o projeto for o de uma sociedade menos brutal e covarde, o de uma organização ecumênica de respeito e refinamento espiritual". Acredita que o ser humano pode escolher "a escada para o tombo ou a ascensão, assim como, na mesma época e lugar, o maníaco Hitler e a vidente Tereza Neumann em seu catre de luz".

JAIR HUMBERTO ROSA \*

## A MULHER INVISÍVEL

Quando ela entrou no consultório foi logo dizendo:

– Doutor, eu sou invisível.

O médico não a tinha sequer cumprimentado, e era seu costume cumprimentar todos os seus pacientes, apertando a mão e convidando para sentarem-se. Era um homem educado, apesar de ser um médico bem sucedido.

Assustou-se.

– Eu não disse que sou invisível?

Ainda perplexo, ele não respondeu.

– Viu? Ninguém me vê. Nem o senhor.

O médico acalmou-se. Não parecia estar correndo perigo.

– Não é verdade; eu estou a vendo.

Ela colocou as duas mãos no rosto, abaixou a cabeça, e disse:

– E agora?

– Continuo vendo a senhora.

– Não acredito.

– Por quê?

– Porque ninguém me vê.

– Como assim?

– Ninguém me vê.

– Mas eu a estou vendo.

– Fala isso só para me agradar.

O médico ficou pensativo. Em mais de vinte anos de consultório, jamais tivera um caso parecido: uma senhora de sessenta anos brincando de ser criança. Já tivera inúmeros casos tanto de adultos quanto de crianças, com características e quadros os mais diversos possíveis, casos de surto mesmo, mas nada que se parecesse com uma mulher madura fingindo ser criança.

A mulher repetiu:

– Ninguém me vê.

– Por que as pessoas não vêem a senhora?

– Porque eu sou invisível

– Não é verdade. A senhora está muito visível, aqui na minha frente.

– Como eu sou, então?

O médico passou a descrevê-la

---

\*Jair Humberto Rosa, mineiro de Ituiutaba, reside em São Caetano do Sul e trabalha em São Paulo. Professor universitário, bancário, escritor com sete livros publicados, mestre em Psicologia Educacional.

detalhadamente, falando dos cabelos, do nariz, da boca, do batom, da blusa, cuidando-se para não fazer nenhuma observação negativa. Ele sabia que as pessoas não gostam de ouvir nada que não seja agradável, mesmo que perguntem e exijam sinceridade. Sinceridade é dizer que está tudo bem, mesmo que seja mentira.

Tudo estava bonito. Era um médico educado e experiente, e a cliente estava pagando, sem convênio.

– Então só o senhor me vê.

– As pessoas de sua família não a vêem? Seu marido, seus filhos?

– Não. Todos chegam em casa, passam por mim sem me ver.

– É sempre assim?

– Sempre. Todos entram, não importa que eu esteja na sala, no sofá, em pé, no piano. Não importa onde eu esteja ou o que esteja fazendo, ninguém me vê.

– Não conversam com a senhora?

– Se eu sou invisível...

– Ah, havia me esquecido. Se não a vêem, não podem falar.

– Pois é.

– Mas foi sempre assim? Quer dizer, a senhora sempre foi invisível

– Não. Eu fiquei invisível depois que comecei a envelhecer. Antes todo mundo me via, conversava comigo, abraçava, beijava.

– E foi de uma vez?

– Não. De uns tempos para cá, talvez uns quatro ou cinco anos, aos

poucos eu fui ficando assim. Meu marido foi deixando de me ver, não falava mais comigo, não percebia que eu estava na casa. Aos poucos também meus filhos, foram me ignorando; hoje eles nem vão mais à minha casa. Não me viam mesmo, para que irem lá?

O experiente profissional começou a entender.

E por ser um homem de princípios, sugeriu à senhora que aconselhasse o marido a comparecer ao consultório, porque o problema era com ele. Depois, poderia chamar também os filhos.

A mulher ficou contente, até porque ele disse que ela era mulher bonita, era uma pena que o marido estivesse com problemas de vista.

Saiu animada do consultório, despediu-se da recepcionista, que respondeu sorridente, e levava na cabeça a sugestão do médico: o marido haveria de comparecer para uma consulta.

O médico ficou sozinho na sala por alguns minutos, pensativo, sem chamar o próximo paciente. Esforçou-se para lembrar da fisionomia de sua esposa, tantos anos suas companheira.

Fez um enorme esforço, apelou para recursos que sempre utilizava para se recordar de nomes, de números, mas não obteve sucesso.

Por mais que se esforçasse, não conseguiu se lembrar; parece que não a via há muito tempo.

ANTONIA TORREÃO HERRERA \*

## A POÉTICA DE JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO

*A Infância do Centauro* é o quarto livro de poesias de José Inácio Vieira de Melo que constrói seu lugar na lírica de língua portuguesa. José Inácio é um poeta que oferece ao público os momentos poéticos nas diversas fragmentações do eu lírico e nas imagens do mundo construídas no poema. Numa dicção própria, vem se afirmando mais uma voz lírica da contemporaneidade. Na lírica moderna aparentemente não há modelo a seguir, o que leva a se buscar referenciais nas poéticas consagradas para situar o novo poeta ou para avançar na realização artística. Todavia, há pontos de convergências que marcam as conquistas e as estratégias da lírica no mundo moderno, desde Baudelaire, que funcionam como diretrizes para a liberdade criadora da poesia. O que à primeira vista aparece como facilidade não se dá, contudo, como fácil, pois que, para se conseguir um ritmo próprio, no meio das dissonâncias e

versos livres já tão explorados, o poeta tem que apurar o ouvido e caçar as palavras, pois há sempre um outro ouvido a perceber o eco de um ou de outro poeta. E é natural que assim seja. Não procuro, portanto, outras vozes, mas o timbre em que eu possa identificar a poética de José Inácio Vieira de Melo.

Percorrendo seus poemas, em seus livros éditos, até esses de *A Infância do Centauro*, recém-editado, posso ler a trajetória dos registros de um eu lírico que se produz nas escolhas lingüísticas, nas construções de imagens, nos motivos recorrentes, no modo como se apropria dos temas de sempre da lírica: o homem, a terra, a natureza, o outro, a vida e a morte.

O poeta lírico é aquele que canta – e digo canta porque esse lugar comum da fala é muito significativo de como as palavras soam dentro do poeta – canta um tempo, um espaço ou a convergência dessas duas dimensões:

---

\*Antonia Torreão Herrera é Professora de Teoria da Literatura, Criação Literária e Literatura Dramática do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP).

*o momento*, seja pessoal ou não, vivido ou imaginado, inventado, despertado por uma leitura, por uma contemplação, por uma dor ou por uma alegria, enfim pela sua interlocução com a vida, no modo como ele a sente. É também lugar comum falar do sentimento poético, do modo de ver, sentir, perceber esses momentos.

O halo poético está nas coisas, no mundo, nos momentos ou são acrescidos a eles pela forma poética construída que permite ao leitor perceber aquilo que, sem esse intermédio, não era visível? A poesia está nas coisas e o poeta a traduz em imagens poéticas, está na percepção do poeta que percebe o dado comum como extraordinário e lhe confere poeticidade, ao transformá-lo em signos artísticos, ou está no leitor que lê na fatura artística, mediante conexões e percepções de sentidos, a poesia das imagens? E ainda, quando se diz momento poético, é o momento vivido no ato, no fato ou o vivido no processo, no ato de criar?

O leitor entra no reino poético mediante a leitura de poemas que fazem vibrar em seu corpo o momento poético apreendido. O poeta vive no universo da poesia ou nele penetra no ato de construção?

O que faz José Inácio em sua poesia, o que constitui sua poética e como ele vive sua poesia? Primeiramente, o que já foi dito. Sua poesia está umbilicalmente ligada ao povoado

de seu nascimento: Olho d'Água do Pai Mané. Seu universo poético torna presente as algarobeiras, os mandacarus, o vaqueiro, o gado, o cavalo, os elementos telúricos de sua vivência, do homem e sua terra, o campo, a tradição popular. Depois a necessidade intrínseca do indivíduo José Inácio de fazer poesia para se situar no mundo, para dar sentido à sua vida. O filão existencial, a angústia do homem urbano, sem fé, sem finalidade, arranhando as palavras em busca de si: "Vivo a buscar o signo que me presentifique, / que, uma vez enunciado, seja por si. / Estou exausto de ser uma representação" (*Encruzilhada*). Nesse entrecruzamento, tentarei delinear os dois filões subterrâneos que alimentam suas construções poéticas e dão o tom de sua dicção: o da materialidade sensual, carnal e da transcendência mística, numa confluência de valores que não se conflituam, mas que se unem harmoniosamente em imagens. Exemplo dessa convergência é: "Tem um bicho dentro de mim que quer / pular para fora de tudo e ser aurora". (*Encruzilhada*)

Assim, poesia para José Inácio é como o ar que ele respira. Seu olhar é um olhar interessado. Do que se vive, pode-se recortar a poesia. Trata-se também de um homem de livros, sempre pronto a ler, ouvir e dizer os versos do outro. É um ser empenhado nos trânsitos da lírica, em sua veiculação. O poeta põe sua poesia em

marcha e torna viável o seu circuito. Do campo para a cidade, da cidade para o campo: os dois pólos de seu poetar.

Poesia é feita com palavras e nos situamos no mundo por intermédio dessa simbolização ímpar que nos constitui como ser humano: a linguagem, nossa ponte com o fora, com o real, com a natureza. As palavras, todavia, arrastam com ela uma história, uma cultura, configurações e condicionamentos, falam em nós mais do que as falamos. A utopia poética é nos apoderarmos das palavras para representar os momentos e consagrá-los em formas que os perenize. É no paradoxo de torná-los impessoais que o poeta os faz tão intensamente sentidos nas imagens que os evocam.

Duas palavras retiradas da poesia de José Inácio podem ser suficientes para definir o que articulei acima. Estou focalizando o livro *A infância do Centauro*, no entanto elas já percorrem os livros anteriores. A primeira é *centauro* e as imagens decorrentes dessa palavra-símbolo e a segunda *escarlata*, adjetivo que se torna substantivo, no sentido de substancial quando cria em torno dela uma esfera reverberativa de significações relacionadas à primeira. Os fragmentos do mundo são organizados liricamente em torno das reverberações dessas duas palavras. O centauro escarlate remete de imediato para o sujeito lírico que simboliza com essa imagem seu estatuto poético. De imagem-símbolo

ela passa a objeto emblemático, que circunscreve a natureza do eu lírico que se delineia ao longo da produção poética de José Inácio. Há todavia seu contraponto que se manifesta nas inflexões contemplativas e transcendentais. O sujeito lírico representado pelo centauro escarlate canta euforicamente a vida e suas manifestações de modo laudatório, num ritmo de descoberta dos mistérios das coisas nas palavras e vice versa das palavras nas coisas. É o movimento poético de recuperar a corporalidade da linguagem, criando palavra para um objeto inexistente.

O centauro como emblemático do sujeito poético reúne os traços míticos, clássico, anacrônico, que estabelece liame entre o sujeito biográfico proveniente do sertão de Alagoas com o sujeito construído pelo leitor-escritor que se institui como poeta e como tal com referências mitológicas, literárias, cidadinas. A identificação com o cavalo, suporte de uma caracterização local, forte elemento temático da poesia de José Inácio, dá concretude espacial e temporal ao universo poético construído pelo poeta e remete para as origens que dão consistência à sua experiência de vida, seus recortes, suas vivências, sua infância. Esse eu poético será, pois, atravessado por imagens de cavalos e éguas, vacas e pastos, os seres moventes que caracterizam o espaço-tempo de sua infância, de seu presente. A simbiose que faz com o ser

mítico do poeta e com o ser humano que nele se incorpora dinamiza a palavra-imagem *centauro* para um espaço-tempo atual, resgatando-o da referencialidade apenas literária, mitológica, aprisionada a uma cultura clássica e ao reino da fantasia. Humanizando o centauro na metade homem que lhe cabe como correlato do poeta e tornando viável sua metade cavalo, pondo-o em contato com cavalos e éguas de uma referencialidade concreta, conquanto que poética, mas sempre delineada numa zona de experiência vivida, o centauro ganha uma dimensão particular, pessoal e dá feição singularizada ao poeta.

O título do poema que abre o livro, *Centaurus Escarlata*, define, pois, de imediato um perfil desse sujeito poético que quer "galopar, galopar, galopar". Diz, mediante a metáfora do centauro do ser incerto do poeta: humano, de instinto animal, metafísico, mítico, homem desejante e criança fantasiosa. *Escarlata* remete à sinonímia vermelho que por associação sugere fogo, presente na palavra ígneo e consequentemente no nome Inácio. O sujeito biográfico se reescreve no sujeito poético, fazendo convergirem nessas duas palavras os motivos recorrentes de sua poética. A idéia de estrela vinculada à constelação austral, cuja estrela mais brilhante é Alfa do Centauro, consolida a imagem emblemática do sujeito poético na figura do centauro. Do mais concreto ao mais abstrato, do

físico ao metafísico, o sujeito lírico percorre, ao longo de seus poemas, a zona das sensações, do erotismo, dos desejos de um ser inquieto por viver com o ímpeto e o vigor de um cavalo, arrefecido pelo verniz literário que o transforma em centauro, cavalo humanizado, domado, a refrear seus ímpetos e sensualidade e a viagem pelo espaço-tempo do universo, da existência, na imaginação presente na infância e mantida no homem pela mágica da poesia. Assim como esta expresso no poema *Oração de um grávido* do livro *Decifração de Abismos*: "Que o meu filho / quando olhar para uma / estrela / não veja apenas uma / estrela".

O centauro que equivale a cavalo e a montaria que o conduz em suas buscas e em seu ato de decifrar o mundo faz parte também do enigma que é o próprio poeta, responde por sua materialidade e transcendência: "E quando for noite alta / e os acordes de uma aquarela / luzirem dentro de teu espírito, / deixa o centauro que habita em ti / galopar, galopar, galopar / e transcender a ti e as tuas explicações." (*Centaurus Escarlata*). A imagem da estrela está sugerida nos verbos luzir e transcender e no substantivo noite. O centauro que habita equivale à imagem do verso: "dos cavalos que trago dentro de mim." do poema dedicado a uma égua que morreu, *Epitáfio para Guinevere*, migrado do livro *Decifração de Abismos*. No poema que dá nome

ao livro: *A infância do Centauro*, o poeta se auto-define, definindo assim a sua poética: "Sou um centauro escarlate / e galopar na infância / é a minha metafísica.", reunindo nessa estrofe os motivos de seu fazer poético: infância relacionada à retorno às origens e a valores ancestrais arraigados no campo, nos códigos do sertão com signos materiais da lide dos homem com a terra e os animais, e centauro, como já visto, liame para os dois, contendo em si o imaginário infantil e a força erótica, no sentido de força vital do homem-cavalo.

O poema *Harém* representa uma formatação mais significativa das imagens que identificam esse sujeito lírico às forças provenientes do lado animal do centauro: "Vinde, minhas éguas, vosso faraó vos espera! / Puxem meu carro de fogo pelos céus dos êxtases, / harmonizem vossas forças e me conduzam, / em galope soberano, pelos reinos dos encantos. || Vinde, minhas éguas, luzindo na imensidão! / No ritmo de vossas ancas é que se inaugura / a saga do meu império e os nomes do meu nome: / Cavaleiro de Fogo, Centauro Escarlate." Atente-se para a mistura de elementos sensuais, carnis, e espirituais, transcendentos, tais como harém, éguas, meu carro de fogo, galope, ancas com céus dos êxtases, reinos dos encantos, luzindo. O poema finaliza atribuindo os nomes que definem o sujeito poético, nomes-

títulos de poemas, sujeito assim configurado também como ser de palavras. Em *Ladrona de cavalo* surge a mesma temática dos desejos remetidos para a esfera do animal, associado, a desejo sensual e à perda do objeto de desejo. Em *Cavaleiro de Fogo*, poema trazido de *A Terceira Romaria*, as imagens do eu lírico são construídas em torno do elemento fogo, semanticamente presente em: escarlate, filho do sol, verbo incandescente, fogueira encarnada, rubi no coração, labaredas do sertão, ígneo, Inácio, motivando as metáforas disseminadas em seus poemas. A idéia de boneco de barro que remete à Origem, "cozido nas labaredas do sertão" contrapõe a materialidade à espiritualidade, no contraponto: "recebo o batismo da estrela rainha". Ao final do poema, "um pássaro de prata, / prene de encantos e de signos," vem saudar o auto-nomeado; "cavaleiro, corcel e dragão." Esse o ser mitológico, múltiplo que recolhe signos para encontrar sua identidade. No poema *Encruzilhada*, há um verso significativo dentro dessa esfera semântica: "Ah se eu fosse o sol não arderia tanto!"

É interessante notar em *Cavaleiro de Fogo* e em outros poemas de José Inácio Vieira de Melo que há sempre um elemento arrefecedor que freia os impulsos instintivos desse sujeito cavalo-fogo-dragão-macho, freio simbolizado aqui pela água, pelo pássaro prateado, uma cor fria, e pela

estrela. À ação de cavalgar, levado pelo vento, justapõe-se à contemplação das estrelas. Não há em sua poesia um elemento transgressor ou uma revolta da criatura contra o criador. Trata-se de uma poesia solar, não disfórica que ganha dimensão de consagração e conclama à vida, à força da vida. O poema *Marcação* delinea, pois, a esfera desse sujeito que se insere de modo relativamente harmonioso no universo, tocado, certamente pela angústia de dizer ante a insuficiência da linguagem e o sentimento do mundo: "Um matuto sem eira nem beira, / labutando com palavras, / vaquejando boiadas de signos / por caatingas labirínticas / numa peleja sem fim. || Invoca o gado invisível / numa toada aflita, / e grafa com pena e tinta / aquilo que a poesia marca, / a ferro e fogo, em sua alma.". A linguagem do poema organiza os elementos sonoros, rítmicos e imagéticos circunscrevendo a figura do poeta e do seu fazer poético.

Um outro motivo primacial associado à esfera semântica da infância são os poemas dedicados aos filhos, de onde emerge a figura do pai, amoroso, e que louva a vida que viceja em seus descendentes e os conduz ao reino da poesia, da imaginação. Pai que sustenta, com responsabilidade, os valores de sentimento paterno e filial oriundos do sertão de Alagoas. Nessa perspectiva, a poesia de José Inácio é uma poesia de resgate desse universo vivenciado na infância e consagrado na lírica.

O poeta vive, pois, duplamente a poesia: vivencia no seu modo de sentir e perceber a vida e na sua lide com as palavras, no ato de fazer, no qual inventa, falseia, aproxima coisas e momentos díspares para, num esforço de artista, obter o efeito que nos encanta. O efeito, o artefato, a fatura artística é produto do trabalho e da inspiração, das palavras que cada um tem como seu tesouro pessoal, lidas, ouvidas, e que estabeleceram consigo próprio um liame, uma ressonância e que o definem, o constituem: como homem, no território do falante ou do escrevente, do ser poético no território da poesia, da escrita. E com elas um ritmo, um tom, um som, a presença afetiva do eu lírico. No conjunto de poemas de *A infância do Centauro* há uma busca incessante de si, de se reconhecer como enigma, de se estabelecer como poeta e fundamentalmente de construir seu imaginário poético, ligando o céu e a terra, o lá e o cá, o sertão e a cidade, a infância e a idade adulta nos signos poéticos, ao modo como está dito, simplesmente, em *Cerca de pedra*, presente nesse novo livro, todavia poema do livro *A Terceira Romaria*: "Aqui, na Cerca de Pedra, / nesta noite caatingueira, / estou em silêncio, ouvindo / o silêncio das estrelas."

Quero concluir este breve ensaio, retomando o aspecto solar da poesia de José Inácio, citando um excelente poema-homenagem que sendo um

epitáfio traz, todavia, a cor da vida, a cor local do sertão, a vitalidade e o movimento do seu duplo, o vaqueiro: "Os vaqueiros de todos os tempos / te recebem e te consagram / do outro lado do Grande Sertão. || Os vaqueiros de todos os ventos, / montados no Relâmpago e no Trovão, / marcam tua saga no couro do Tempo. || E a chuva também quer falar de ti / e abóia teu nome nas telhas da noite / e inscreve tua alegria na paisagem." (*Epitáfio para um vaqueiro*).

A interlocução com o *Grande Sertão: veredas* de João Guimarães Rosa abre uma clareira no poema que expande os signos na vastidão do sertão. A imagem couro do tempo é de um achado primoroso porque consegue realizar o princípio mesmo da linguagem do poema em seu arranjo lírico, poético, operando a superposição da seleção na combinação, nas duas vertentes estruturantes da língua, a similaridade e a contigüidade, conforme já nos ensinou Jakobson. Trata-se do discurso alógico e inventivo da poesia que aponta para uma lógica própria na dimensão paradoxal das imagens. O tempo, no qual se registra a saga do vaqueiro, ganha na horizontalidade sintática um elemento de natureza similar ao cotidiano do

vaqueiro, couro, que confere intimidade e teto, materialidade, a um elemento abstrato e absoluto perante a contingencialidade humana, o tempo.

O poeta, ele mesmo, é primeiro que tudo um leitor, um bom leitor, que pode ler a poesia que está nos poemas ou fora deles e dar forma à sua leitura. Esse dar forma significa também nomear o momento, o sentimento, o observado, recorrendo à esfera do imagético, à riqueza inusitada das metáforas, aparentemente desorganizando a estrutura da língua para reorganizá-la em uma estrutura mais coesa, que comunique o *mais* que se lhe oferece poeticamente. Desse modo, o poema é um suplemento que se oferece ao real ao representá-lo e também um suplemento de nomeação que se oferta à língua. Ambos um acréscimo, um *mais* que dignifica a busca do homem na decifração dos signos da vida, da linguagem, do mundo e de si. *A infância do Centauro* é, pois, um *mais* que se acresce à nossa lírica, nos possibilitando ler os signos do sertão e do ser poético que nele se constrói.

(Os livros anteriores de José Inácio Vieira de Melo são: *Códigos do Silêncio* (2000), *Decifração de Abismos* (2002) e *A terceira Romaria* (2005).

CLAUDER ARCANJO \*

## HERANÇA

Dos rios, herdei a fímbria das vazantes.  
Areias límpidas de ódio, ribeirão tacanho,  
em cheias indefinidas, porém tenebrosas.  
Das caatingas, herdei a memória esquelética,  
o cantar penoso, e sincopado, de algumas aves,  
o ressurgir por detrás do manto da aurora,  
um pouco de espinho na sombra de outrora.  
Dos casarões antigos, herdei o telhado alto,  
colchão de vento fresco entre os braços miúdos,  
retratos do ontem nas paredes brancas e mudas,  
miríade de sombras, remexido de fantasmas.  
Das gavetas, herdei o rangido nas palavras sobrepostas,  
a tentativa de manchar de perfume o bolor dos guardados,  
a mania de prender o tempo nas antigas fotografias,  
o sabonete de lembranças nos pijamas de despojos.  
Da vida, herdei a morte, presente e infalível morte.  
Limpa e solar certeza de quem só não sabemos a hora.

---

\* Clauder Arcanjo, nascido em Santana do Acaraú-CE, 1963, é cronista semanal, resenhista literário e colaborador de sites, revistas e jornais de várias partes do País. A reunião de contos, intitulada *Licânia*, marca a sua estréia em livro em 2007. clauder@pedagogiadagestao.com.br

## NADA DE DEFESA

Cansado de atirar-me nos braços da folga,  
ousou rir da dentadura postiça da minha calma.  
Ultrapassado pelos falsos profetas, futuro impuro,  
entabulo fábulas falando de becos e fossos escuros.

Hoje cansei de ser otimista.  
O mundo soa-me atabalhoado.  
E a minha credence e fé inesgotáveis  
parecem alimentar o monstro dos guetos.

Nada de defesa.  
O que me atrai é a raiva  
dos malditos,  
dos loucos,  
dos ingratos,  
dos tortos.

Nada de defesa.  
Quero em mim a pulsação  
dos homicidas,  
dos trogloditas,  
dos camicases,  
dos hereges.  
A paz do meu mundo  
recende a naftalina  
vencida pela omissão.

Macaé-RJ, 28/7/2006

ASTRID CABRAL

## CARNAVALHA, ALGUMAS IMPRESSÕES

Por sua complexidade estética, o último livro publicado de Nilto Maciel requereria um alentado estudo. Restrinjo-me, entretanto, às impressões de uma rápida primeira leitura. Quem conhece outros livros do autor não se surpreende pelo alto grau de consciência literária que orienta esta nova produção ficcional.

Em **Carnavalha**, o projeto literário logo se impõe. Ninguém se iluda com as frases curtas e desataviadas, o ritmo apressado. Assim como os arquitetos trabalham seus edifícios de tijolo e argamassa obedecendo à planta baixa inicial, os criadores de mundos verbais estruturam suas narrativas buscando equilíbrio e harmonia a partir de planos definidos de antemão. Afinal, ficcionistas da categoria de NM não se comportam com o descompromisso ingênuo dos contadores de história embalados pelo simples desenrolar anedótico. Escritores operam se pautando sempre pela construção de um sistema integrado e coeso, a palavra a serviço de um conjunto racionalmente previsto.

O tema do carnaval, tão caro e

frequente em nossa literatura, é desenvolvido neste romance a partir de uma seqüência de painéis, que guardam entre si obsessivo parentesco. A festa do carnaval na pequena cidade Palma vai avançando das tradicionais manifestações lúdicas do Brasil popular para uma carnavalização delirante, culminando com o desenlace de falso assassinato numa delegacia de polícia, a tragicômica morte e ressurreição do bêbado Zuza.

Os múltiplos e breves segmentos componentes do romance mantêm relativa autonomia e representam etapas mais reiterativas que progressivas. Isso imbrica na abolição do tempo narrativo direcionado para um fim, porque o que aí se enfatiza é a duração de um momento especial, o enredo feito à base de modificações bastante sutis. Embora a narrativa seja intensamente dinâmica, seu processo se repete de modo uniforme, sem encadeamento evidente de causa/efeito. Para isso também contribui o quase absoluto espaço público da ação. Note-se que tudo decorre praticamente na rua ou em praças, natural exigência do tema.

Os personagens, que permanecem em casa debruçam-se às janelas ou trazem cadeiras para as calçadas, atraídos pelo eletro magnetismo do evento a céu aberto. (Disso se excluem as duas partes centrais do livro, as batalhas que se passam em outros locais e a série elaborada na perspectiva da visão da coruja/estrixe, em que ocorre a substituição do espaço exterior pelo interior doméstico, ambos se sobressaindo de modo mais nítido a partir do contraste.)

Observa-se que no desenvolvimento do romance, o autor, arrebatado pela contemporânea hegemonia do visual, faz parcimonioso e conciso uso das palavras. Assim é que nos apresenta uma perspectiva cinematográfica, relatando ocorrências de caráter inteiramente exterior: aquelas que olhos captam, ou que ouvidos testemunham através de diálogos e monólogos. Os personagens surgem, portanto, privados da dimensão introspectiva fornecida pelos pensamentos, e são totalmente arrastados pela euforia carnavalesca, que não deixa disponibilidade à contemplação ou reflexão, tamanha a orgia dos sentidos convocados.

O não aprofundamento dos personagens os torna, em consequência, esquemáticos. E uma vez que estamos diante de uma infinidade deles, o enfoque do autor concentra-se no coletivo. Pode-se dizer que não existe hierarquia entre eles, e a habitual distinção entre protagonistas, antago-

nistas e secundários resulta praticamente imperceptível. Com mão de mestre, NM apresenta-nos um painel social bem desenhado, em que se pode inclusive detectar o conflito estabelecido pelos habitantes locais e o grupo de turistas vindo de Brasília, comunidades timbradas por seus diferentes centros urbanos.

A manipulação dos personagens em **Carnavalha** traz-me à lembrança outro importante romance brasileiro focalizando o carnaval. Refiro-me à **Cidade calabouço**, do mineiro Rui Mourão. Há nesse item alguns pontos de semelhança entre eles, pois a grande festa popular contribui para o sufoco das individualidades, dissolvidas que são na presença compacta da massa.

A meu ver, a grande jogada de Nilto Maciel é a introdução dos animais na categoria personagens. Palma, local geográfico da ação, por se constituir num mundo urbano ainda rústico, propicia, em viés realista, a presença e o convívio desses seres da natureza. Estes, porém, comparecem embrulhados pela magia das lendas populares e emblematizam com vigor o lado instintivo e primário do carnaval. A presença dos animais frisa o limiar entre o natural e o urbano e tal ambigüidade impulsiona o fluxo das fantasias pessoais do autor. Vejam-se as sete admiráveis batalhas travadas (com Boi da Cara Preta, Megalinha Choca, Cães Danados, Gato Borracheiro, Cabrão Pretinho, Pangaré Branco e Barrão das Lajes)

É deveras apreciável o intenso intercâmbio promovido pelo escritor entre o plausível e o implausível, o racional e o irracional. Nas partes centrais do livro (quarta e quinta), que poderiam até ser interpretadas como um parêntese de carnavalização na trama fundamental do carnaval propriamente dito, é onde mais se adensam as incríveis ousadias da imaginação emancipada do realismo. Beirando o *non-sense*, dá-se uma espécie de dança delirante nos fatos aí narrados. (Ressalta-se no meio destes a impressionante questão dos dentes). É como se o leitor tivesse nas mãos um caleidoscópio de cenas originais, eróticas e hilariantes. Cada uma delas introduzida pelo olhar da coruja, a sábia ave noturna, cuja função é revelar o que jaz obscuro e escondido em nossa absurda humanidade.

Antes de finalizar, comento de relance a intencional mestiçagem lingüística à que NM procede na fatura de **Carnavalha**, em total consanguinidade com o tema escolhido. Se o autor adota de preferência o registro coloquial com vocábulos e expressões populares, lugares-comuns, gírias etc., valorizando a presença do povão personagem, nem por isso abre mão da cultura de elite que lhe pertence como criador urbano. O livro é rico de rastros literários, não só os explícitos nas numerosas epígrafes, mas os que surgem camuflados testemunhando a forte presença bíblica, bem como as heranças cervantina e kafkiana.

**Carnavalha** é obra que condensa tanto realidade social quanto fantasia pessoal, assim expressando *Carnapalma* e *carnavalma*, significativos neologismos do autor.

10/11/07

### FILHOS DA VÁRZEA

A 2ª edição de *Filhos da Várzea e outros poemas* (Manaus, Ed. Valer, 2002), de Aníbal Beça, tem formato quadrangular, capa dura e sobrecapa solta, 156 páginas e ilustrações de Van Pereira. As abas são de Tenório Telles: "A poesia de Aníbal é cheia de ressonâncias. Para desvelar-lhe o sentido, é preciso minerar-lhe a superfície, fender-lhe a crosta pétrea, acompanhar as imagens, os cenários que vão sendo descritos. Sua poética tem no aspecto visual um traço marcante." A apresentação é de Zemaria Pinto: "Entre o místico, o mítico e o poético, Aníbal arquiteta uma delicada peça de câmara, aparentada àquele Severino lá dos mangues do Recife."

WILSON GORJ \*

## PISTA

Pisou fundo no acelerador. Queria deixar tudo para trás: a cidade, a casa, o quarto, a cama, o corpo, o pu – ah, o punhal!!

Como pudera esquecê-lo?!

## CALHAMBAQUE

O carro era vermelho e as curvas, de Santos.

"Por favor, pare agora!", gritou a jovem guarda, tentando alertá-lo para a cratera na pista.

O motorista não escutou.

Dentro do carro, a canção do Roberto tocava mais alto.

## FÍGARO!

Ignorava que a amante era casada com um barbeiro.

Por ironia do destino, um dia foi barbear-se, justamente, no salão do marido traído.

O destino não é só irônico. Às vezes, é também cruel.

A par de tudo, o barbeiro lavou a honra com sua melhor navalha.

## LANÇADO

Ninguém foi ao lançamento do seu primeiro livro.

Tamanha frustração o levou a um gesto de loucura. Do alto da passarela, lançou ao vento os mil exemplares publicados.

Num relampejo de consciência, ainda pode ver o último livro tombar próximo ao seu – também lançado! – corpo.

---

\*Autor do livro de micronarrativas *Sem Contos Longos* - 100 histórias breves, entre micros e minicontos. Saiba mais sobre o livro e o autor acessando o blog -<http://omuroeoutraspgs.blogspot.com/>

## EM BUSCA DO AMOR PERDIDO

Construiu uma Máquina do Tempo. Contudo, nem lhe passou pela cabeça conhecer Jesus ou ficar milionário com a loteria. Seu propósito era bem simples. Queria apenas regressar trinta anos no tempo e lá, no passado, entrar no seu quarto de adolescente e deixar no bolso do seu jeans o seguinte recado: *Hoje à noite, ela vai sugerir namoro. Não seja burro. Aceite!*

## JESUS NA TERRA DOS HIÓCRITAS

Cercado pela multidão, sentenciou: "Quem não tiver pecado que atire a primeira..."

E a segunda. A terceira, a quarta. Dezenas, centenas de pedras caíram sobre ele.

Uma vez dissera que a fé movia montanhas.

Que removesse, então, aquela que o cobria.

### DA PENAAO VENTO - VII

Dias da Silva é um dos mais abnegados estudiosos da Literatura Cearense. *Da Pena ao Vento - VII (Livros de volta à lembrança)* é o seu mais recente (2007) conjunto de estudos. Nele são mostrados alguns escritores cearenses, com fotos de capas, resenhas, biografias resumidas, relação de obras publicadas, trechos de artigos, etc. Em ordem alfabética, Dias da Silva reapresenta obras dos seguintes nomes: Artur Eduardo Benevides, Adriano Espínola, Airtton Monte, Dimas Macedo, Dias da Silva, Eduardo Fontes, Erancilda Costa, Horácio Dídimo, Linhares Filho, Luciano Barreira, Nilto Maciel, Pedro Lyra, Rejane Monteiro e Sânzio de Azevedo. Generoso, Dias da Silva tem se dedicado a divulgar livros, quer no jornal *Binóculo*, que sucedeu *O Catolé*, quer nas coleções de artigos que reúne quase todo ano em forma de livro. E até nos volumes de reminiscências, diários e crônicas.

MANOEL HYGINO \*

## O MISTÉRIO DO OCEANO

Desde tempos imemoriais, o homem inventa coisas e descobre novidades, muitas vezes novidades antiquíssimas. Pergaminhos em regiões desérticas da África ou do Oriente Próximo acontecem com muito maior frequência do que imaginado.

Os achados interpretados por Champolion são preciosos. Mas há muito mais a se computar depois dele, peças extraordinárias e localizadas nas montanhas e no profundo das areias daquele meio mundo de Ásia e África, que ainda esperam o interesse dos pesquisadores. Baseados nesses achados fantásticos, não poucos escreveram romances e novelas, produziram livros e descreveram em revistas o que depois chegaria ao cinema e ao teatro. E televisão, de que ninguém escapa. Há mistérios deliciosos à espera dos ficcionistas, dos buscadores de preciosidades, dos autores de escritos policiais. Não se perderá de vista que Agatha Christie era casada com um arqueólogo, a quem acompanhou em

distantes excursões além do Mediterrâneo. O que aconteceu há meses com uma embarcação australiana, cujos passageiros simplesmente desapareceram, aparentemente sem deixar pistas, é exemplar.

Encontrou-se barco ainda com motor ligado e os pertences de todos os tripulantes lá se encontravam intatos. Bens de valor fundamental a quem se aventura pelo mar também: computadores, telefones celulares, GPS. Agatha Christie daria ênfase ao achado e provocaria suspense ao conterrâneo do cinema, Alfred Hitchcock. No interior, a mesa de jantar estava posta, com panelas de comida, pratos e talheres. Nenhum sinal de acidente ou qualquer tipo de problema foi notado, a não ser uma vela rasgada. Nada denunciava uma tragédia.

Os caçadores de pistas e de crimes levantaram hipóteses: a tripulação inteira caiu ao mar após forte tempestade; um dos tripulantes caiu na água, os demais tentaram resgatá-

---

\*Jornalista e escritor e-mail:colunaMH@hojeemdia.com.br

*O Homem e o Bar* - 3ª ed. da Cultuarte/Ediuri/Ledix - 310 pp - R\$ 48,40.

lo e todos pereceram; os três navegadores aproveitaram a calma do mar antes do jantar, quando foram mortos por tubarões; uma embarcação pirata se aproximou repentinamente, seqüestrou os tripulantes do Kaz II e subverteram. Idéias e teses dignas de respeito e merecedoras da atenção dos que devem ter-se incumbido das investigações. Ao mesmo tempo, também idéias e teses vulneráveis a argumentos mais consistentes de buscas cuidadosas. Os cidadãos da embarcação eram Peter Tunstead, Des Batten e James Tunstead, todos de grande probidade e que não se meteriam numa aventura desonesta, pois em idade que não mais permitiria apelos ao fantasioso. A polícia ainda descobriu registros de contato de rádio horas depois daquela que se imaginava que a tripulação já se encontrava desaparecida.

O cenário e os personagens estão oferecidos aos apreciadores do gênero fantasmagórico ou aos seus autores.

Não tenho subsídios a acrescentar, nem necessário seriam, pois ao gênio criador do ficcionista caberá trabalhar o material, pondo a invectiva a funcionar. Se Madame Agatha fosse ainda viva, possivelmente engendraria algo notável. Poderia servir também ser aproveitado o tema por Georges Simenon, o criador do célebre comissário Maigret, e que o autor de Santa Catarina Enéas Athanázio considera o maior escritor policial de todos os tempos, além de autor sofisticado no estilo e na técnica narrativa. Se ambos os europeus falhassem, o nome que se sugeriria seria de Néelson Hoffmann, da fronteira Brasil-Argentina, a que se deve "Onde está Maria?", e agora "O Homem e o Bar". Outro cenário, outros os personagens, mas o conteúdo está disponível e, talvez, adicionais informações da Internet sugiram novas idéias. A Nelson não faltam condições: escreve bem, domina a técnica dos diálogos e tem uma fértil imaginação.

INÊS HOFFMANN

## BRINCAR DE VIVER

Ontem  
tomei banho de chuva  
sujei de lama os pés  
comi amoras  
roubei flores  
e brinquei  
de bem-me-quer.  
Hoje  
voltei a ser mulher.

## RESIGNATIO

Aos poucos  
a fera se acalma  
me resigno  
com  
a situação.  
Chegamos a um acordo  
de convivência:  
eu a aceito  
ela me poupa.  
Continuamos  
a nos pertencer  
pacificamente.  
A fera se acalma...  
Recomeço a viver.

### PARTO

A brasileira Inês Hoffmann apresenta, em edição bilíngüe (português-italiano), os poemas de *Parto* (Castel de Judica, Itália, Samperi Editore, 2007). A versão em italiano coube a Marco Scalabrino. Há duas apresentações: uma de Licia Cardillo Di Prima, em italiano, e outra de Alba Olmi, em português. Segundo esta, "o tradutor valeu-se de recursos da língua italiana que configuram uma re-escritura dos poemas na qual é evidente a fidelidade ao original, entretanto, a "personalidade" poética e lingüística de Marco Scalabrino também está muito presente." Ao final se lê: "Os leitores italianos têm agora, com essa tradução primorosa, o privilégio do acesso à extraordinária poesia intimista de Inês Hoffmann que desponta como um nome novo e promissor na poesia brasileira contemporânea (...)"

LUIZ OTÁVIO OLIANI \*

## RESGATE

como posso resgatar  
o que não existe em mim?  
ao beijar a solidão  
eu me dispo por inteiro  
da escória que é o homem  
na inútil tentativa  
de ser Deus por um minuto

## HERANÇA

não deixo bens  
aos que ficam  
  
de mim  
restará a palavra  
(antes cinzel)  
agora verso  
a burilar os homens

## TERRITÓRIO

*"O que não sei fazer desmancho  
em frases"*

*Manoel de Barros*

brota em mim o verbo  
com suas pessoas

desconjugá-las não posso

em mim  
a palavra  
se faz morada

---

\*Luiz Otávio Oliani é natural do Rio de Janeiro, graduado em Letras e Direito. Participou de diversas antologias, recebeu diversos prêmios literários. Publicou *Fora de órbita*, Editora da Palavra, poesia, 2007.

## PARTILHA

a mão estendida  
abençoa o trigo

à procura do ponto  
ágeis dedos  
manipulam a massa  
do mundo

mas a vida só faz sentido  
quando se reparte o pão

## LABUTA

*A João de Abreu Borges*

em sua própria vida  
o homem finca raízes

atravessa árvores  
mata fungos

sem olhar para trás  
e perceber: os frutos

não mera consequência

### O ENGRAXATE E OUTROS SUICIDAS

Mendes Júnior se inicia nas letras impressas com *O Engraxate e Outros Suicidas* (Fortaleza, Expressão Gráfica e Editora, 2007). Nas abas, Vianney Mesquita afirma: "(...) diviso nos textos de Mendes Júnior a propriedade em relação ao gênero e a inventividade do escritor maturado no treino lítero-artístico." Na apresentação do livro, José Alcides Pinto comenta: "Não é Mendes Júnior um autor de inspiração fácil e momentânea. É um artesão consciente de seu trabalho literário. Sabe construir uma estória. O improvisado não é a menina de seus olhos, nem a sofreguidão o acompanhamento dialético do enredo. (...) Como a maioria dos estreados, Mendes Júnior segue a trilha dos escritores tradicionais. (...) Mendes Júnior escreve bem. Estilo definido (e definitivo). Tem idéias próprias para legitimar o que escreve. As imagens que povoam seu mundo ficcional pecam, ainda, por falta de audácia e amadurecimento."

IZACYL GUIMARÃES FERREIRA \*

## ÓRBITAS

No Rio de Janeiro, no âmbito da poesia, Helena Ortiz põe em órbita livros de poesia da ep editora da palavra, e no portal panorama da palavra, que durante anos foi impresso, divulga poesia de hoje, de ontem e de amanhã. Empreendimentos escritos assim em caixa baixa, mas de alta qualidade.

Creio que o livro "Fora de órbita", o primeiro de Luiz Otávio Oliani, estará orbitando por um bom tempo, graças à incomum capacidade do autor em conciliar silêncio e palavra, risco a que estão sujeitos os poetas que temendo ou rejeitando o excesso podem deixar inconcluso ou dificultado o seu dizer. Não é o seu caso.

Como em boa parte da poesia mais recente, vejo aí um eco ou vereda do que freqüentemente compõe Gullar, do que pretendeu Cassiano Ricardo: importaria a tal poética, formalmente, os elementos de ritmo e silêncio em estrofes apenas "alinhavadas" – para usar uma palavra de Oliani – e não

estrofes "costuradas", silêncio esse que dá pausa também espacial à leitura, que libera o verso de qualquer medida imposta ou externa. "Linosigno" é o nome que Cassiano dá ao procedimento.

Nada contra essa poética, que ao comentar livro de Helena Ortiz utilizei como título a frase "Quando o menos é mais". Assim seu editado Oliani. Aqui, também, o menos é mais. Importa mais a essa poética (usemos termo quase em desuso:) a mensagem, à qual a forma deve ajustar-se.

"Fora de órbita" tem momentos em tom de oração, ainda que só sussurrada ou insinuando protesto "na inútil tentativa / de ser Deus por um minuto." Como mergulha em reflexões filosóficas, que o prefaciador Igor Fagundes, também poeta e professor (mas de poética distinta, senão diametralmente oposta), lucidamente aponta apoiando-se em Sócrates e Platão.

---

\* Izacyl Guimarães Ferreira escreve, traduz e comenta poesia. É autor de 15 livros, alguns deles distinguidos em premiações. É presidente do Conselho da União Brasileira de Escritores e editor da revista O Escritor e do portal [www.ube.org.br](http://www.ube.org.br).

Poesia, filosofia e religião, sabemos, têm em comum a procura do todo, do ser, do mundo, da vida e da morte. Procura sem achamento, ousando dizer que a poesia é que mais se aproxima, por prescindir de sistema ou de fé, nem buscar, como a ciência, comprovação, por provisória que seja. À poesia basta a crença na realidade da palavra, no poder da palavra para tentar expor o "claro enigma".

"Em mim a palavra se faz morada" diz este poeta num decassílabo desfeito em três linhas. Quando quer, escande redondilhas, como neste "Rascunho":

*na engenharia do verso  
os andaimes permanecem  
escancarados na folha  
de papel jamais escrita  
- o que não veio sucumbe  
ao esboço do poema  
em construção silenciosa*

O livro todo é um questionar sobre a finitude certa diante da eternidade que seria alcançável somente pelo verso, pelo passaporte da poesia, como revela no poema "Despedida". Ciente da escassa dimensão do tempo que nos é dado, Oliani se entrega a explorar o entorno com os sinais verbais e as pausas que a reflexão lhe concede, mais descrente que esperançoso, mas à sombra e até à espera da divindade, na mão um "Castiçal" de que quer ser "vela e luz".

Epígrafes são mais que homenagens. São motes, faróis, sinalizações. Oliani abre o livro com Paulo Henriques Britto e o fecha com Ezra Pound:

Mas a semente espera. Ela é insistente e acerta / mesmo sem saber que erra

nos prepara no início, e pontua assim no fim: *sou um poeta / e bebo a vida*

Ou seja, se assim queremos ler: viver é tentativa e erro, é destino e fruição, pois "nada detém a vida" que "só faz sentido / quando se reparte o pão", mesmo sabendo que "ninguém escapa da cruz".

A dor geral, a consciência do sofrimento alheio, a caça à palavra e a sempre companhia do silêncio na luta constante com as medidas do tempo, a areia da ampulheta, os ponteiros dos relógios, a morte à espreita, eis marcas de uma poesia que não esconde o medo, a cal sobre o túmulo, o ponto final. Por confiar, mesmo "fora de órbita", na morada do ser, a palavra.

Nas abas do livro Teresa Drummond fala do "confinamento" que envolve os poemas de um autor que estréia maduro, embora amplamente premiado em, suponho, concursos de peças esparsas. "Confinamento" é palavra de uso do poeta, e nele é a um tempo traço existencial, formatação poética, habituação ao constante

silêncio que atravessa como vocábulo e conceito seu livro que conscientemente diz ser "fora de órbita", título também de poema em que se pergunta "como escapar / ao confinamento?" Finalmente escapou e fez bem a seus

textos a espera para apresentar-se com a segurança desta "Inquietação":

*na guerra das palavras  
- fogo cruzado -*

*a vitória do verso*

### FOLHAS DA SELVA

De Anibal Beça vem *Folhas da Selva* (Manaus, Ed. Valer, 2006), em 358 folhas de haicais. Dobras de Jorge Tufic, apresentação de Zemaria Pinto. Colhemos dois trechos dela: "Reunindo a produção de haicais, presentes em sua obra publicada em livro desde *Filhos da Várzea*, de 1984, *Folhas da Selva* é um livro novo, mesmo quando nos deparamos com poemas familiares, uma vez que a disposição é outra, sendo conseqüente abstrair uma nova sensação dessa nova leitura." "Com *Folhas da Selva*, Anibal Beça encerra um ciclo que prenuncia outro, pois a selva, assim como a relva, faz parte da condição geral do poema, do eterno que se renova porque se repete, folha a folha, poema a poema, até o infinito."

### ENCONTOS E DESENCONTOS

Em Fortaleza, Ceará, se publicou a coletânea *Encontros e desencontros*, organizada por Nuno Gonçalves, Manoel Carlos e André Dias. A obra recebeu o aval da Prefeitura Municipal de Fortaleza, via FUNCET (Fundação de Cultura, Esporte e Turismo), após ser aprovada no Edital de Incentivo à Literatura. A maioria dos autores é oriunda das revistas "marginais" Corsário e Pindaíba. Alguns são "por demais conhecidos na urbe", como informa, nas abas, o professor Sander Cruz Castelo. O principal deles é mestre José Alcides Pinto. Os demais são Nilto Maciel, Pedro Salgueiro, Tércia Montenegro e Carlos Emílio C. Lima. O livro traz um ensaio crítico - "Narrativas multifaces: o sentido ritmado da palavra" -, a título de prefácio, do poeta João de Moraes Filho.

GLAUCO MATTOSO \*

## O QUICHUTE DO QUÍCHUA

### SONETO 926

Em cada artelho um calo seu formato  
altera. Unha encravada causa inchaço  
no mínimo e no médio. Manca o passo  
de dor, que aumenta o aperto no sapato.

Dizer que aquele pé seria chato  
é pouco: se na sola os olhos passo,  
tão reta me parece, que não faço  
nenhuma distinção dum pé de pato.

O grande artelho dos demais se aparta  
e tem no comprimento só a metade  
do dedo "indicador". Catinga é farta

nos vãos, onde a frieira está à vontade.  
Tal pé serve-me à língua e, se a descarta,  
podólatra não acha que lhe agrada.

O soneto acima me veio depois  
que peguei o Nelo de veneta e cobreí  
dele o caso que me pisa no calo desde  
criança: saber se mais alguém sente

atração por um pé chato igual àquele  
do moleque que abusara de mim  
quando eu tinha meus nove anos e a  
turminha dele uns onze. Não um mero

---

\*Glauco Mattoso (São Paulo, 1951) tem diversos livros publicados, entre eles *O Que É Poesia Marginal*, *Manual do Pedólatra Amador*, *Centopéia*, *Paulicéia Ilhada*, *Geléia de Rococó*. Dedicou-se também ao conto, tendo organizado com Nilto Maciel, em 1977, *Queda de Braço - Uma Antologia do Conto Marginal*.

pé chato, claro, mas um daquele tipo espalhado, cujo dedão é bem separado do segundo artelho, e bem mais curto. Já vi tal formato sendo chamado de "grego" ou de "egípcio", mas o rótulo se refere ao menor comprimento do dedão, não necessariamente ao arco caído. Os podólogos, podiatras e ortopedistas ainda me devem uma nomenclatura que enquadre especificamente a chatura combinada com o dedão anão e o largo vão. Mas se venho procurando um pé desses desde que fui seviciado por aquele pivete, mais curioso fico em descobrir se outros podólatras tiveram mais chance que eu de cruzar com algo tão raro na anatomia do brasileiro. Dizem que os anglo-saxões são mais propensos a ter pés assim, mas meu contato é com os podólatras daqui, dos quais Nelo é sem dúvida o mais experiente e – por que não dizer? – calejado.

– Ah, Glauco, você sabe muito bem que pé chato não é "my cup of tea", como diriam lá na Inglaterra. Mas já pensei no seu caso. Não é a primeira vez que você me pergunta. Eu já não lhe contei a respeito daquele peruano?

– Peruano? Você me disse uma vez que tinha "feito" um pé como eu quero, mas só falou por alto, ficou devendo a história. Não falou de peruano nenhum, mas agora não me escapa.

– Deixe eu ver... São tantos casos... Ah, é verdade, foi um lance bem do seu gosto, Glauco. Enquanto

for contando vou me lembrando... Isso já tem uns oito anos, foi quando eu morava no Bixiga. Bem atrás do meu prédio ficava um cortiço que dava pra rua de baixo. Meu apê era no segundo andar e da janela dava pra ver e ouvir tudo que rolasse no quintal do cortiço. Toda hora tinha marmanjo aproveitando o sol pra se esticar, mostrando a solona descalça. Muitas punhetas matinais eu toquei assim, lambendo de longe aqueles pezões desocupados e desperdiçados...

– Tinha muito pé chato?

– Você tem razão, Glauco, de dizer que brasileiro não costuma ter pé chato. Meu olho é clínico e de longe pego os detalhes. Quase sempre o pé da rapaziada era arqueado e o dedão mais comprido que os outros dedos, mais "batatudo". Já os pés grandões, do jeito que eu gosto, sempre apareciam, ainda que pé grande também não seja o forte do brasileiro.

– Tamanho também é documento, bem lembrado. Gilberto Freyre que o diga. Ele foi quem mais estudou nosso pé pequeno...

– Mas não fez a pesquisa de campo que nem nós, né Glauco? Por falar em sociologia, é aqui que entra o peruano. Ele me chamou a atenção, antes que eu visse seu pé, por causa do papo que levava com outro malaco, bem na hora em que cheguei na janela. Estavam os dois sentados no pátio, de frente pra mim, de modo que tive que me esconder atrás da cortina. Mesmo

assim deu pra escutar tudo direitinho. Ou eles se achavam impunes ou eram muito desligados, já que deviam ter mais cuidado pra comentar aquelas coisas...

- Que coisas?

- Roubo de carro. Ele e o outro eram dum bando especializado em arrombar qualquer coisa estacionada e repassar pros desmanches. Pois não é que o peruano me viu espiando?

- Mas você não tinha se protegido?

- Sim, mas quando eles se calaram pensei que tinham ido pra dentro e apareci na janela. Dei com ele me olhando direto, enquanto o outro já ia saindo. Nunca esqueço aquela cara de índio me secando, aquele cabelo preto escorrido, a pele morenona, a boca de sapo e o olho meio puxado. A franja até dava um ar de moleque, mas o rosto maltratado e raivoso mostrava que o cara tinha perdido a meninice antes do tempo. Sorrir pra ele só fez que me encarasse com mais desconfiança. Vi que não ia dar aproximação e saí da janela. Mais tarde, quando voltei a me debruçar pra regar as plantas, o quintal tava ocupado pela molecada mais descontraída. Esqueci do índio, passaram uns dias, e de repente cruzei com ele na calçada. O cara vinha na minha direção, meio mancando, parou, como quem estivesse na dúvida se me reconhecia, mas me traí quando sorri de novo, automaticamente. Aí ele chegou perto e fez que me conhecia.

"Olá! 'Todo' bem?" (Ainda tinha um pouco de sotaque.)

"Tudo bem, vizinho, meu nome é Nelo, e o seu?" (Estendi a mão e ele apertou, sempre na defensiva.)

"Pablo. Você mora nesse edifício aí?"

"Isso mesmo. Vi você da janela, lembra?"

"Sim. Me 'escuchó' também, não?"

"Escutei, mas nem prestei atenção. O que eu queria era olhar..." (Ele percebeu que eu não tirava o olho do seu pé. Calçava botina de elástico, já deformada de tanto bater. Parece que tinha o pé largo demais, porque o couro tava torto pros lados, ainda que o tamanho fosse bastante pra caber um quarenta e quatro folgado no comprimento.)

"Melhor pra você não ter 'escuchado'. Mas... que é que olhava?"

"Agora estou vendo mais de perto. Acho que você tá precisando de sapato novo. Quer ganhar um par de tênis?"

"Por quê? Você tem sobrando? Mas não calça meu número..." (Pelo jeito ele também reparava no detalhe, apesar de que qualquer um perceberia que meu pé era bem menor.)

"Não, eu compro um novinho pra você, que tal? Em troca só quero uma coisa."

"Já sei, você gosta dum 'carajo', não gosta?" (A boca de sapo se abriu num riso sacana, mostrando a dentuça falhada e manchada de fumo.)

"Se for na boca, gosto. Mas o que

mais quero é sua botina. Troca por uma nova, ou prefere tênis?"

– Ele fez cara de quem começava a entender. Pra ter certeza provocou:

"Vai ter que tirar você mesmo. Tem coragem?"

"Tenho até pra agüentar as conseqüências, no nariz e na boca. E você, já experimentou essa coceguinha?"

"No pé nunca. Mas você faz aqui também, senão nada feito." (Deu uma coçada na braguilha da calça de jeans.)

"Fechado. Garanto que você não vai esquecer da minha boca, Pablo."

– Toda a conversa rolou ali, quase na entrada do meu prédio. Marcamos a hora e no fim da tarde ele tocava o interfone. Era daqueles prédios sem porteiro, bastava comandar de dentro e a porta da rua destrancava sozinha.

– Você não achou arriscado abrir sua porta prum ladrão?

– Claro. Mas era um risco calculado. Só questão de cumplicidade, Glauco. Ele chegou trazendo alguma coisa numa sacola de supermercado e foi logo perguntando o que é que eu tinha escutado, e fui logo respondendo:

"Olha, Pablo, eu sei que você é puxador, mas não tenho nada com isso. Se você não estranha meu vício, eu não estranho seu negócio, e tamos conversados."

– Ele repuxou a boca de sapo e, vendo que eu reparava na sacola, tirou de dentro um par de chuteiras e explicou que, sem a botina, só sobrava

aquilo pra calçar até que ganhasse o pisante novo. Aproveitou pra dizer que preferia levar a grana e comprar ele mesmo, no que concordei. A partir daí foi só hora do recreio. Acomodei o mestiço naquela poltrona capitonada que faz conjunto com a banqueta, uma que você já experimentou lá em casa, e avisei que o ritual levava um tempo, até que eu tivesse curtido todo o cheiro e saboreado todo o gosto. Ele não dizia nada, só entortava o beijo pra mostrar a dentuça banguela. Escarrapachou as pernas na banqueta, cada pé numa beirada, e comecei pelo esquerdo. A botina custou a sair, porque a meia tava grudada pelo suor. Glauco, você ia delirar com o chulezinho! Parecia uma lata de lixo destampada. Pablo usava meia de futebol, toda furada, que lembrava um trapo de chão. Descolei aquilo com a língua, depois de puxar com a mão, bem devagar, da canela até o calcanhar. Só então percebi por que ele mancava: o pezão era largo demais pra fôrma da bota, o calo e a unha encravada tinham virado parte da anatomia. Ah, precisava ver a cara de deleite dele enquanto eu dava um trato naqueles pontos doloridos! A sola também tava cheia de malacas, mas nunca vi uma tábua de bater carne tão plana como aquilo... Minha língua parecia uma esponja, esfregando pra lá e pra cá, até remover a camada toda de umidade e a crosta de sujeira. Banho é o termo certo pro que dei naquele pé, principalmente no meio dos dedos.

Acho que o dedão tinha uns dois centímetros a menos que o "fura-bolo", era do jeito que você fantasia, Glauco. Claro que deixei aquele "mata-piolho" pra ser chupado por último, assim que a freira do mindinho e as geléias de cada vão estivessem bem "higienizadas"... e quando meti na boca até achei que o dedão não era tão grande pro tamanho do pé. A explicação era aquela mesma: curto demais, diferente das batatonas que estou acostumado a mamar. E por falar em mamada, será que preciso entrar no departamento dos cheiros e queijos de pica?

- Não, Nelo, nem faço questão. Só quero ficar viajando nessa lancha, me mordendo de inveja...

- Então só falta falar um pouco da chuteira que Pablo tinha trazido. Era bem detonada, também, já que ele usava desde quando chegou no Brasil, sonhando ser jogador. Com aquele pé de pato, logo viu que a carreira esportiva tava fora de cogitação, mas a chuteira ficou guardada. Toda preta, lembrava aquelas de sola de borracha que a gente conhecia como "quichute", lembra?

- E como? Eu vivia lambendo com os olhos as dos moleques que brincavam no campinho perto de casa... Mas essa é outra história. E as botinas do Pablo? Foram bem

aproveitadas?

- Renderam pra mais de mês de punheta, daquele jeito que mais curto: uma no pau e outra na boca. Depois perderam o cheiro, o sinal de vida, e também a graça. Foram direto pro lixo, onde já deviam estar faz tempo. As meias também. Dei ao Pablo um par das minhas, fiquei com aquele meião pra ir cafungando nele durante as punhetas, mas a essência logo se evaporou, que nem alegria de pobre...

- Nelo, se você encontrar de novo com o Pablo, tem que me fazer um favor...

- Nem precisa dizer. Claro que eu recomendaria seus préstimos. Mas vai ser difícil, tanto tempo depois que me mudei. Nem imagino se o cara ainda tá no Brasil, nem se tá vivo. Calcule, Glauco, essa malandragem é muito nômade, só tem endereço fixo quando passa uma temporada na cadeia...

- Eu sei, só estou devaneando. Não é proibido torcer, né?

- Só não dá pra torcer pelo Pablo vestindo camisa dalgum time.

- Dá sim, desde que eu fosse o massagista...

Nelo fez bilu-tetéia na minha bochecha e recomendou que eu chupasse meu próprio polegar. Da mão, bem entendido.

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

## ESTRIAS DA ALMA

*Carnavalha* (Ed. Bestiário, Porto Alegre, 2007), de Nilto Maciel, é uma desnorteante rosa-dos-ventos literária. Pouco vimos, na literatura brasileira atual, ou fora dela, criação ficcional assim. Não porque haja aqui uma originalidade, formal ou de conteúdo, até hoje despercebida e não excursionada por outros. Falta apenas, sem falsa ironia, aparecer um romance de ponta-cabeça. Mas chegaremos lá.

O que se dá de inusitado, neste escritor, e avulta no livro, é a notável amostragem ou montagem, impressionista e impressionante, de todo um universo, meio submerso e doído, de vidas, em particular ao nível da baixa classe média, em contraponto às alegorias emblemáticas das diversões carnavalescas. São os espelhos das pantomimas e os contra-espelhos das criaturas sem horizontes na mesmice do dia-a-dia.

O que sobressai e sensibiliza são as tomadas de cenas continuadas. Os grupos carnavalescos passam e das cadeiras nas calçadas e das cabeças nas janelas exsurtem um mundo de criaturas do povo que comentam o que

vêm e quem vêm. O grotesco está nos foliões, mas o chapliniano está mais dentro das referidas criaturas, pela vida que levam sem maiores horizontes a alcançar e ambicionar.

Tudo sem denúncia social; tudo exatamente como os cursos dos "sujos" que perambulam pela cidade; tudo em meios-tons, esse diapasão literário que vai à alma de qualquer um; tudo aparentemente – sempre o aparente da boa ficção – corriqueiro e banal.

Aí onde o carro pega, com toda a sua força de impulsão, cadenciada de achados literários surpreendentes, nos simples comentários e fuxicos, tão comuns nos bairros diversos onde todos mais ou menos se conhecem. E o impacto mostra-se surpreendente nas simples descrições elípticas dessa gente que assiste ao desfile, comenta pouco, o essencial, e vemos, em lampejo cinematográfico, até a alma de cada uma das criaturas. E vem o mais pungente, no seu todo envolvente: a precariedade de tudo, no vendaval que entra pelos meandros das veredas sociais.

O autor insere, ao longo dos capí-

tulos nominados, como num crescendo sinfônico, curtos minicontos ou crônicas ficcionadas, onde a alegoria e o fantástico atingem pontos inesperados de criações paralelas dentro do todo romanceado. São girândolas belamente visualizadas que marcam os contrapontos vívidos da criação. É que a vida caminha assim, com picos ilusórios de fantasias irrealizáveis. E o autor costura isto muito bem, aprofundando as raízes das vidas incolores.

Como Nilto Maciel capta bem esse mundo... Como traz a relevo, disfarçadamente, esse esmerilhar de vidas... Como se vale da riqueza dos detalhes... Como a linguagem é notavelmente apropriada e personalíssima... Como...

Outros como poderiam se somar a estes, mas fiquemos em mais um: o livro é para ser lido continuamente, de fio a pavio, eis que as sete partes que o compõem são faces de luz e sombra de um todo, porque ele desperta a curiosidade do leitor, como um filme

em preto e branco, logo de saída. Mas como tudo gira tal uma roldana, abra o leitor o livro onde abri-lo que não o soltará, porque a empatia é imediata e se vê logo metido nessa onda que vai e que não pára.

A Carnavalha segue e voleia em envolvimento ampla quando alcança patamar social melhor na capital federal e os jovens, nela e através dela, espelham bem como se comportam e vêem a vida nos dias de hoje, onde muitos valores estabelecidos ruem, perdem o fôlego e se exaurem.

O autor, numa aparente dispersão, faz jogo inverso e tudo vai na ciranda, sem apelação, até mesmo o sentido das frases e das palavras, na oitava parte do livro, que encerra, e o próprio fecho corre em brisa nas fragmentações de sílabas, de sons... É o carnaval da Vida, observado em vários ângulos, onde, no último suspiro, tudo vai perecendo no "fim fino fins fins."

*Carnavalha* são as estrias da alma neste mundo sem apelo.

FRANCISCO MIGUEL DE MOURA \*

## **RIOS DA VIDA**

*ao amigo/poeta Hardi Filho*

A vida é mais do que caminho ou via,  
no seu vaivém de encruzilhada ou feira.  
A vida é um rio onde o caudal se esgueira  
sem saber quanto d'água lhe sacia.

E pode transformar-se em cachoeira  
o mesmo dorso de água que escorria,  
depois, curar o transe da agonia  
pra quem da pesca vive a vida inteira.

Vida e água, cabeça e cabeceira,  
beijam-se em nuvens... Como a trama cheira,  
e é chuva e cai no mar!...Quanta ventura!

Força é mudar, transcende e nos dá brio,  
pois onde há vida há de correr um rio  
de sonhos, de bondade e de ternura.

---

\*Francisco Miguel de Moura, poeta brasileiro mora em Teresina - PI.  
franciscomigueldemoura@superig.com.br

## VELHAS PRAIAS

*A Paulo Nunes Batista, agradecendo  
seu soneto do mesmo nome.*

As velhas praias... Que saudade delas,  
Do nosso idílio em dias juvenis:  
– Uma moça e um rapaz banhando nelas,  
Sem roupas, sem segredos, sem ardis.

Almas voando... Ai, como o tempo voa  
Nas palmeiras cantando... Porque o vento  
Entre arrepios no horizonte ecoa  
Atento ao som, à luz, ao movimento.

Almas e corpos que amam tudo aquece,  
São a chama, a pureza, são a prece  
Que se eleva do mundo ao Criador.

No sul, no norte, as praias são lembranças  
Do tempo em que conosco as esperanças  
Eram certezas como o nosso Amor.

Teresina, 2/9/2005

## CONTRA A TEORIA

*(Para a mestra/amiga Teresinka Pereira)*

Meus mestres do fazer por sentimento  
me põem guardas contra as teorias,  
de religiões, partidos, guerras frias,  
quentes, mornas, e deuses... Que tormento!

Lendo o verbo, seus versos em poemas,  
vindos de longe mas chegados cedo,  
sem ter medo de ser, para que medo?  
Humanidade, amor são nossos temas!

No mundo velho, o tudo é o tecer novo,  
o melhor vem de nós e vem do povo,  
porque, dizendo assim é que não minto.

E eu, sem acreditar em tanto aleijo,  
descreio nas verdades que não vejo,  
confio ao coração o que amo e sinto.

HENRIQUE MARQUES SAMYN

**OS CORVOS DE ALUMÍNIO  
DE FRANCISCO CARVALHO**

A precariedade da distribuição de livros no Brasil é um problema que, embora muito conhecido e denunciado, aparentemente permanecerá como tal por longo tempo. A internet, é verdade, representou uma solução para uma parte mínima desse problema: ao menos as grandes livrarias tornaram-se acessíveis para moradores de regiões nas quais elas não se encontram fisicamente presentes, o que assegura que, pelo menos, os lançamentos das maiores editoras estejam disponíveis para boa parte dos leitores brasileiros. Entretanto, a lógica que rege as grandes editoras é mais econômica do que propriamente literária, algo que atinge fatalmente a poesia, gênero literário cujo parco potencial lucrativo é conhecido – de modo que, se inúmeros bons autores estão fora das principais cadeias de distribuição literária, é possível afirmar categoricamente que, em sua maioria, são poetas. Quem perde com isso, é claro, é a literatura brasileira, que sofre com o esquecimento de obras de qualidade incontestável.



Toda essa discussão não pode deixar de ser evocada quando se fala sobre um poeta como Francisco Carvalho. Aos oitenta anos, publicou mais de vinte obras, todas inencontráveis nos catálogos das grandes livrarias, a despeito dos dois prêmios de expressão nacional que constam de seu currículo – prêmios Nestlé (1982) e Biblioteca Nacional (1997). Fiel à sua certeza de que prêmios literários são apenas estímulos eventuais, Francisco Carvalho continua escrevendo e publicando uma obra em que transparece um apurado domínio técnico, capaz de transitar pelas mais diversas formas poéticas com resultados, não raro, assombrosos. Leia-se, por exemplo, este:

### SONETO DA CONTEMPLAÇÃO

Na vida andei por solitária estrada,  
meus caminhos não foram de veludo.  
Os deuses nunca me ensinaram tudo  
nem que do amor nunca se sabe nada.

Em tua ausência pus os meus cuidados,  
todas as horas, todos os minutos.  
O mais alto dos galhos onde os frutos  
dificilmente podem ser tocados.

Onde pus esperança e pus empenho,  
meu sonho ardeu como se ardesse um lenho  
entre as chamas do cedro perfumado.

Nada espero do augúrio do adivinho.  
Não beberei da espuma do teu vinho  
nem serei por teus olhos contemplado.

Esse poema faz parte de *Corvos de alumínio* (Fortaleza: LCR, 2007), volume que reúne a poesia inédita de Francisco Carvalho, em que se pode atestar a riqueza de seu estro. Trata-se, afinal, de um poeta capaz de tematizar as mais díspares dimensões da experiência humana por meio de versos que vão do temário mais concreto, político e telúrico, ao mais abstrato e existencial. Seu sentimento lírico caracteriza-se pela cristalina lucidez com que retrata a condição humana, precária e efêmera, mas, ainda assim, plena de dignidade; é uma poesia que, em outras palavras, trata do Homem em seu mais universal sentido, de suas obras e de sua perene luta pela sobrevivência material e espiritual.

Há momentos em que seu lirismo é francamente político:

## MENINOS

Os meninos ficaram sem arroz  
(os meninos esmagados pelos mísseis).  
Os meninos chamaram pelas mães  
e lhes pedem brinquedos e carícias.  
Os meninos fugiram das granadas  
dos campos semeados de explosivos.  
Desenterraram bombas do tamanho  
dos ovos dos maiores crocodilos.  
Os meninos chegaram muito tarde  
os meninos tiveram muita sede  
os meninos sentiram muito frio.  
Os meninos são filhos de leopardo  
abrem fendas e escrevem na parede  
odes de insônia para um deus sombrio.

Outras vezes, o poeta faz de seus versos diálogos com autores basilares da literatura universal: Camões, Cervantes, Borges. Não obstante, sob essa miríade temática, Francisco Carvalho resguarda seu compromisso essencial com o poético, que parece, na verdade, constituir sua própria forma de ler a história e estar no mundo. Se maior é a poesia que emerge da vida, cabe reiterar que, a despeito das contingências geográficas e mercadológicas, Francisco Carvalho está entre os nossos poetas maiores.

ARY ALBUQUERQUE \*

## A DAMA DE PRETO

A sexta-feira tinha sido um dia de cão. Nada dera certo. A multiplicidade de problemas tirara-lhe o bom humor. Precisava espairecer. Quem sabe um jantar no Ritz? Bom serviço, música e comida excelentes. Roberto naquela noite não queria companhia, nem feminina, nem masculina. Nem mesmo a de Karla, sua melhor amiga. Os amigos só sabem conversar sobre negócio e mulheres. Estava farto daquilo. Preferiria ficar a sós, ouvir sonatas de Chopin ao piano de Calmon. Degustaria um bom vinho e aliviaria a alma. Sua mesa cativa no Ritz lhe parecia bem localizada e o maître Valentino dispensava-lhe atenção especial. A solidão, o vinho e a música combinavam muito bem com quem desejava refletir sobre a vida. A mesa em frente, desocupada. O relógio marcava 22h30 quando apareceu uma dama vestida de preto. Extremamente bela e elegante. Cabelos lisos, puxados para trás, formando um coque preto, preso por um broche em formato de

borboleta cravejado de brilhantes. Anéis e pulseiras faiscavam no salão. Alta, tez clara, corpo longilíneo, aparentando não mais que quarenta anos. Feições fidalgas. O leve ar de superioridade emprestava-lhe um quê de encanto e admiração.

O maître acompanhou-a à mesa vaga e fez sentar-se numa cadeira em posição fronteira à de Roberto. Bastava levantar a cabeça e olhar em frente para que seus olhares se cruzassem.

Valentino continuou a atendê-la. Então Roberto entendeu que estava sozinha. De soslaio, olhou e sentiu reciprocidade. Teve ímpetos de levantar-se e dirigir-se à mesa dela. Conteve-se. Veio-lhe um receio de não ser bem acolhido.

Às 23h30 em ponto a dama chamou o garçom, pagou a conta e dirigiu-se à saída. Antes, cumprimentou Roberto com um leve sorriso. O maître acompanhou-a até a porta. Uma limusine preta a aguardava.

---

\* Poeta e empresário. Autor dos livros *Dizem que poeta fui um dia*, *Tríade Poética* e *Momentos Divididos*.

Roberto chamou Valentino. "É cliente recente?" "É a primeira vez que vem aqui. Ao sair, pediu-me reserva da mesma mesa para sexta-feira próxima, às 22 horas. Parece ser gente de fora".

Até o final da noite, Roberto ficou a fazer conjecturas a respeito da enigmática dama. Ao se despedir, deixou sua mesa reservada para sexta-feira, no mesmo horário.

Durante a semana quase não trabalhou, preocupado em desvendar a identidade da mulher misteriosa. E se valeu de Karla, que mantinha relacionamento com toda a sociedade local. Certamente a única pessoa do seu convívio capaz de descobrir a origem da moça de vestido negro. Marcou encontro no Drinks Bar. Procuraram um lugar sossegado onde pudessem conversar sem ser incomodados. "Estou ansiosa para saber das novidades. Você sumiu. Que houve?" Roberto falou do trabalho exaustivo, dos contratempos da vida solteirona e satisfez a curiosidade da amiga. Ajeitou a gravata e sorveu um gole de chope. "Karla, encontrei uma personagem encantadora e misteriosa. Preciso de sua ajuda para descobrir quem é. Nunca me apaixonei por ninguém, você sabe, mas por ela acho que me rendi, apesar de só ter visto uma vez". "Descrevam-me com a maior riqueza de detalhes a figura. Talvez possa ajudá-lo". Roberto traçou um perfil mais que completo da dama de preto. Karla mexeu-se na cadeira, acendeu um cigarro, tomou um

gole de vermute, apoiou a cabeça na mão esquerda e se pôs a meditar. Súbito quase deu um grito: "Eureka! Pelos detalhes só pode ser Clarice Dickson, filha de um excêntrico milionário inglês. Há mais de quinze anos casou e foi residir em Londres. Soube depois que regressou ao Brasil e não mais freqüentou a sociedade. Parece-me que adoeceu seriamente e sumiu. Talvez tenha se restabelecido. Ou o marido morreu e ela agora voltou a circular.

O relato intrigou Roberto e provocou nele uma série de dúvidas. Se realmente ainda fosse casada, por que ir só ao restaurante, e de preto? Muito estranhas também a chegada e a saída dela. Horas marcadas com precisão britânica.

Ao se despedirem, Roberto agradeceu a Karla as informações. O restante da semana foi de expectativa. Sobre tudo na sexta-feira. As horas não passavam.

Com meia hora de antecedência, Roberto chegou ao Ritz. Não esquecera de levar um ramalhete de flores. Na hora marcada, a moça entrou no restaurante, mais bela que nunca. O vestido preto retilíneo ajustava-se ao corpo esguio, como se fora uma luva. Desfilava com garbo e elegância ímpar. Girou levemente a cabeça em direção a Roberto e sorriu, dando-lhe boa-noite. Sentou-se à mesa reservada. Roberto levantou-se, apanhou o ramalhete de flores e a ela se dirigiu. "Estas flores são para você; posso sentar ao seu lado

nesta noite linda?" "O prazer será todo meu".

Conversaram amenidades, beberam o melhor vinho da casa e quase esqueceram de comer. Às 23h25 ela avisou que partiria dali a cinco minutos. Roberto, muito aflito, perguntou se poderiam se encontrar na próxima semana. Não às 22 horas, mas uma hora antes, pois assim aproveitariam mais o tempo. Ela concordou. Fez um gesto de quem quer pagar a conta. Ele não deixou. Cinco minutos após, a dama de preto levantou-se e, acompanhada por Roberto, chegou à limusine que a esperava de porta aberta. "Desculpe. A conversa foi tão fascinante que esquecemos de nos apresentar. Meu nome é Roberto Machado. E o seu?" "Clarice Dickson. Até a próxima sexta, às 21 horas".

Enquanto a limusine partia, Roberto tremia dos pés à cabeça. O coração parecia querer sair pela boca. Karla era demais! Acertara em cheio. No dia seguinte, nada falou aos amigos, nem mesmo a Karla. Só iria contar tudo depois do próximo encontro. Assim teria muitas novidades para falar. Enumerou nos dedos as horas e minutos para o novo jantar. Não esqueceu de ir ao barbeiro. Comprou roupa e sapatos novos. Perfumou-se com a melhor colônia e partiu cheio de curiosidade. Antes, passou numa loja de jóias e adquiriu um anel de brilhante. Minutos antes da hora aprazada estava sentado à espera de Clarice. Sem faltar

um minuto, 21 em ponto, apareceu na porta a dama de preto, elegantíssima. Dirigiu-se à mesa de Roberto, que, num gesto de elegância, beijou-lhe a mão e a fez sentar. "Clarice, passei a semana toda só pensando nesse encontro. Sua imagem não saiu da minha mente dia e noite. Estou realmente encantado com você". "Obrigada, Roberto. O mesmo digo eu. Pena que seja nosso último encontro. Vou viajar e não voltarei mais".

A última frase gelou as mãos de Roberto. Quase perdeu a fala. Respirou fundo e discretamente reiniciou a conversação. "Se não for muita indiscrição e curiosidade, posso saber para onde vai?" "Vou regressar para um lugar distante que você não pode imaginar. Prefiro não falar nesse assunto. Não pretendo estragar nossa última noite". "Trouxe um presente para você e faço questão que use agora". Clarice abriu a caixinha preta e encontrou o anel. Colocou no dedo, agradeceu e pôs a embalagem dentro da bolsa. Depois apertou as mãos de Roberto e beijou-lhe a face.

Após o choque inicial, Roberto e Clarice trocaram impressões sobre assuntos variados. A cada instante ele se entusiasmava mais e se mostrava triste pela notícia da partida dela. Ele, solteirão inveterado, sentia-se apaixonado por aquela mulher inteligente e sensual. Como iria perder a oportunidade de a conhecer mais? Não acreditava em azar. Mas achava que o

destino se voltava contra ele.

Com o passar das horas, o diálogo se manteve ininterrupto e repleto de frases lisonjeadoras. Pareciam apaixonados. Do corpo de Clarice fluía um perfume de rosas que o deixava extasiado. Quando aproximou-se a hora da partida, Roberto não se conteve: "Posso vê-la antes da partida, amanhã?" "Pode, às 10 horas da manhã em ponto, no endereço deste cartão".

Na despedida, Roberto não se conteve e beijou as mãos e a face de Clarice. A limusine saiu mais rápido que de costume.

Passou a noite em claro, a pensar no encontro do dia seguinte. Levantou-se cedo. Vestiu-se com esmero. Pegou o cartão e leu o endereço: Rua das Flores, 200, quadra 28 T-8, Alto Pinheiros. Achou esquisito, embora o bairro fosse de ricos. Talvez ela morasse numa mansão. Por isso a indicação de quadra e T-8. Não quis ir no seu carro. Preferiu pegar um táxi. "Conhece bem o Alto dos Pinheiros?" "Conheço, sim, senhor". "Então vamos para lá. O endereço é Rua das Flores, 200".

O taxista nada comentou e partiu. Para passar o nervosismo, Roberto comprou jornal e durante o trajeto leu algumas notícias. "Chegamos". Roberto, aflito, tirou o cartão do bolso

e conferiu o endereço. "Mas aqui é a Rua das Flores, 200?" "É, sim, senhor". Lívido, Roberto desceu do carro e pediu para o taxista esperar. "Não vou demorar muito". Com as pernas trêmulas, entrou no Campo Santo e caminhou pela alameda principal, à procura da quadra 28. Só podia ser brincadeira de Clarice. Mas isso não combinava nem de longe com a fidalguia da moça que conhecera no Ritz. Continuou andando. Ao chegar à quadra 28, procurou o T-8, que significava túmulo número 8. Um, dois, três... e assim foi identificando os túmulos, até chegar ao local procurado. Esverdeado, quase a desmaiar, chegou à frente de um rico jazigo de granito preto, rodeado por um jardim plantado de rosas que exalavam um perfume igual ao usado por Clarice na última noite no Ritz. Uma moldura dourada ornava a foto de Clarice afixada no mausoléu, contendo a seguinte inscrição: Clarice Dickson - 1940-1980. "Um dia ressuscitarei, assim disse o Senhor". No parapeito do túmulo, uma pequena caixinha preta permanecia intacta.

Não acreditando no que presenciava, Roberto desmaiou. Quando acordou, meia dúzia de pessoas, entre elas o taxista, tratava do ferimento na cabeça recebido na queda abrupta.

RODOLFO ALONSO \*

### **SOMBRAS FRIAS**

A noite fria alberga amantes cálidos  
a arder de frescura

A noite fria deixa ouvir  
um silêncio de luzes  
uma cidade a dormir na espessura

A noite fria passará

### **CONTRA A MORTE**

Ainda que me vá eu vou ficar  
sempre de alguma forma deste lado.  
Porque a cada morte há que se deixar  
uma lembrança lhe riscando a face,  
um humano ruído de algum modo,  
com cheiro de soalheira e suor bruto,  
um manotaço, um risco, um estampido,  
uma margem de luz como ferida,  
vazio iluminado, uma candente ausência.

---

\*Rodolfo Alonso nasceu em Buenos Aires, em 1934. É uma das vozes mais reconhecidas da poesia latino-americana contemporânea. Publicou mais de 20 livros de poemas, ensaios e narrativas. Primeiro tradutor de Fernando Pessoa na América Latina. Traduziu grandes poetas brasileiros ao castelhano: Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Manuel Bandeira, Olavo Bilac e outros. No Brasil, publicou *Antologia Pessoal* (Thesaurus Editora), da qual se extraíram os poemas aqui publicados. A Academia Brasileira de Letras outorgou-lhe o prêmio Palmas Acadêmicas.

## O JOVEM FREIXO DIZ

Eu não acumulo  
eu prossigo

Eu não seduzo  
eu me dou

Eu não me exibio  
cresço

Não tomo forma  
sou minha forma

Eu não persigo  
Não promovo

Eu sou  
e vou ser

### O CINEMA BRASILEIRO NOS ANOS 70

O poeta, contista, crítico literário Guido Bilharinho é também crítico de cinema. Em belíssima publicação do Instituto Triangulino de Cultura, Uberaba, Minas Gerais, 2007, apresentou mais um volume de artigos, em 278 páginas, ilustrado com fotos, sob o título *O Cinema Brasileiro nos Anos 70*. Analisa diversos filmes brasileiros realizados de 1970 a 1979. Na apresentação, Guido ressalta que "a qualidade da filmografia então efetivada não fica a dever e, em certos casos, suplanta a de muitos outros períodos anteriores e posteriores." Mais adiante argumenta: "A seriedade, a pertinente e atilada seleção temática, a propriedade do enfoque, a independência intelectual e profissional e a segurança direcional caracterizam muitos dos cineastas brasileiros do período (...)"

### NOITE DESMEDIDA & TERNA COLHEITA

Dedicado à poesia e à composição musical, o amazonense Aníbal Beça publicou em 2006 *Noite Desmedida & Terna Colheita* (Manaus, Ed. Valer). Elson Farias, na apresentação, faz uma radiografia sucinta do livro: "(...) em *Itinerário Poético*, momento em que revela, a título de introdução, sob cadenciadas redondilhas maiores, isto é, versos de sete sílabas, *o que alimenta o poeta/ as mentiras e verdades/ conquistas e desamores/ escaramuças boêmias/ réstias de face lunar* (...)." (...) Na segunda parte, "traz um prólogo e onze coplas." Em *Mínima fratura* "o poeta lembra alguns amigos seus, em versos de cadência popular". Na última parte, *Terna colheita*, traz "poemas de metros múltiplos, da redondilha ao decassílabo". De Aníbal Beça é também *50 Poemas Escolhidos Pelo Autor* (Rio de Janeiro, Edições Galo Branco, 2007).





**RDS GRÁFICA E EDITORA LTDA.**

Rua Carlos Câmara, 1048 – Gentilândia

Fone: (85) 3281.4911 – Fax: (85) 3281.3676

E-mail: [rds-editora@veloxmail.com.br](mailto:rds-editora@veloxmail.com.br)

CEP: 60.020-150 – Fortaleza - Ceará



ISSN 1518-5109



9771518510008 23